
REVISTA
Conexão
UEPG

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

João Carlos Gomes

VICE-REITOR

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS CULTURAIS

Gisele Alves de Sá Quimelli

CHEFE DA DIVISÃO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Joseli Almeida Camargo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Gisele Alves de Sá Quimelli

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

Wilton Paz

CONSELHO EDITORIAL

Dra. Ana Luiza Ruschel Nunes (UEPG)

Dra. Branca Heloísa de oliveira Martins Vieira (UERJ)

Dra. Célia Regina Carubelli (UEPG)

Dr. Cláudio Jorge Guimarães (UEPG)

Dra. Dagmaris

Dr. Geraldo Ceni Coelho (UFFS)

Dr. Giovanni Marino Fávero (UEPG)

Dra. Gisele Alves de Sá Quimelli (UEPG)

Dr. José Falcão Sobrinho (UVA)

Dr. José Tadeu Dolinski (UEPG)

Dra. Maria Salete Marcon Gomes Vaz (UEPG)

Dra. Marilia Brasil Xavier (UEPA)

Dra. Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes (UNICENTRO)

Dr. Mohamed Habib (UNICAMP)

Dra. Nelci Catarina Chiqueto Silva (UEPG)

Dr. Raimundo Bonfim dos Santos (UESC)

Dra. Regina Lucia Monteiro Henriques (UERJ)

Dra. Rosileia Clara Werner (UEPG)

CONSULTORES AD HOC

Dra. Marlene Perez

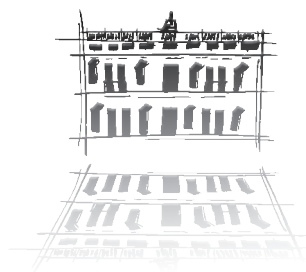
Dr. Ademir José Rosso

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais
Divisão de Extensão Universitária

ISSN 1808-6578

REVISTA
Conexão
UEPG

ano 7 - n.2



Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

REGULAMENTO, NORMAS E SUBMISSÃO DE ARTIGOS
<http://www.uepg.br/revistaconexao/>

REVISÃO DE PORTUGUÊS E INGLÊS
Jhony Adelio Skeika

REVISÃO TÉCNICA
Cristina Maria Botelho

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Wilton Paz

FOTOGRAFIA
Jorge Luis Bilek

IMPRESSÃO
Imprensa Universitária UEPG

TIRAGEM
400 Exemplares

Ficha catalográfica elaborada por Cristina Maria Botelho - CRB-9/994.

Conexão UEPG. / Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais, Divisão de Extensão Universitária. Ponta Grossa : Editora UEPG, 2005-

2011, v.7, n.2

Anual de 2005-2010. Semestral 2011-
ISSN: 1808-6578

1- Multidisciplinar. 2 - Extensão Universitária.

Pede-se permuta!
Exchanged requested!

CONTATO
+55(**42)3222-7348
revistaconexao@uepg.br

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais
Divisão de Extensão Universitária
Praça Marechal Floriano Peixoto, 129 - Centro
Ponta Grossa - PR - Brasil
CEP: 84010-680

■ EDITORIAL

143

■ ARTIGOS

- TEMPESTADE DE (PRÉ)CONCEITOS: AS REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO SOBRE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PREOPINION STORMS: UNDERGRADUATES' REPRESENTATIONS ABOUT UNIVERSITY EXTENSION **144**
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS - BA

- LIDERAZGO DE LA UNIVERSIDAD EN LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO DESDE LA DIMENSIÓN EXTENSIONISTA
UNIVERSITY LEADERSHIP IN THE KNOWLEDGE SOCIETY FROM THE EXTENSION PERSPECTIVE **152**
Universidad Vladimir Ilich Lenin - Las Tunas - CUBA

- VAMOS VIAJAR AO ESPAÇO?
WILL WE TRAVEL TO SPACE? **162**
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG - Ponta Grossa - PR

- APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DE ESTATÍSTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE METODOLOGIAS ALTERNATIVAS
IMPROVING OF STATISTICS TEACHING IN ELEMENTARY SCHOOL'S FIRST YEARS THROUGH ALTERNATIVE METHODOLOGIES **168**
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - Santa Maria - RS

- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESVELANDO A ARTE E A LUDICIDADE NO CORPO
DANCE IN CHILDREN EDUCATION: DISCOVERING ART AND BODY LUDICITY **174**
Universidade Federal de Viçosa - UFV - Viçosa - MG

- O PAPEL DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO CULTURAL DO CIDADÃO
THE NON-FORMAL EDUCATION PAPER AND ITS CONTRIBUTIONS IN THE CITIZEN'S CULTURAL DEVELOPING **184**
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG - Ponta Grossa - PR

- VER PARA CRER, TOCAR PARA VER: 1ª EXPOSIÇÃO DE ARTES VISUAIS PARA CEGOS NOS CAMPOS GERAIS
SEEING IS BELIEVING, TOUCHING IS SEEING: 1ST VISUAL ARTS EXPOSITION TO BLIND PEOPLE IN CAMPOS GERAIS **194**
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG - Ponta Grossa - PR

- A IDENTIDADE SOCIAL DO IDOSO: MEMÓRIA E CULTURA POPULAR
SOCIAL IDENTITY OF THE ELDERLY: MEMORY AND POPULAR CULTURE **202**
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS- Unidade de Paranaíba - MS

- LABORATÓRIO GESTÁLTICO: UMA TENTATIVA DE RESGATE DA DIMENSÃO SENSÍVEL DO HUMANO
GESTALT LABORATORY: AN ATTEMPT TO RESCUE THE HUMAN SENSITIVE DIMENSION

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - Rio de Janeiro - RJ

212

- DESVELANDO SABERES EMPÍRICO-CIENTÍFICOS NAS AÇÕES EXTENSIONISTAS DE CUIDADO AO RECÉM-NATO E FAMÍLIA
REVEALING EMPIRIC-SCIENTIFIC KNOWLEDGE IN EXTENSION ACTIONS ABOUT NEWBORNS AND FAMILIES

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB - Jequié - BA

222

- AÇÃO INTEGRADA EM ODONTOLOGIA NA COMUNIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DA INTEGRAÇÃO ENSINO/EXTENSÃO
DENTISTRY INTEGRATED ACTION IN COMMUNITY: AN EXPERIENCE OF EDUCATION AND EXTENSION INTEGRATION

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG - Ponta Grossa - PR

230

- GRUPO DE APOIO A PAIS NA FILA DE ESPERA DA ADOÇÃO
SUPPORT GROUP FOR PARENTS IN ADOPTION QUEUE

Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO - Irati - PR

240

- DIREITOS: EU TENHO! – UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
RIGHTS: I HAVE! – AN EXTENSION EXPERIENCE WITH ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG - Ponta Grossa - PR

246

- A COLETA SELETIVA DE RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA AÇÃO APLICADA NO PROJETO RONDON COM CRIANÇAS DE SANTA LUZIA DO ITANHI – SE
SELECTIVE COLLECTION OF SOLID RESIDUE: A RONDON PROJECT'S ACTION WITH SANTA LUZIA DO ITANHI (SE) LDREN

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG - Ponta Grossa - PR

254

- ASPECTOS PEDAGÓGICOS E DIDÁTICOS DO “PROJETO CARROCEIRO” NO MUNICÍPIO DE PETROLINA: BEM ESTAR DE EQUÍDEOS E PREOCUPAÇÃO SOCIAL
“CARROCEIRO” PROJECT'S PEDAGOGIC AND DIDACTIC ASPECTS IN PETROLINA CITY: EQUINE'S WELFARE AND SOCIAL CONCERNING

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF - Petrolina - PE

260



■ ■ ■ Editorial

O objetivo da Revista Conexão UEPG é o de ampliar os espaços científicos de divulgação do trabalho e de artigos derivados de Projetos de Extensão. Nesse sentido, a Revista Conexão UEPG está colaborando com a promoção e valorização da Extensão Universitária no Ensino Superior Público Brasileiro.

Através dos artigos da Revista Conexão pode-se verificar que a extensão é uma forma de vivenciar o processo ensino aprendizagem além dos limites da sala de aula, possibilitando articular a Universidade às diversas organizações da sociedade, numa enriquecedora troca de conhecimentos e de experiência. Diante deste fato, cada campo de atuação extensionista passa a ser um laboratório vivo, com motivações suficientes, para executar, para trocar, para reajustar ações do ensinar e do aprender, do respeito ao saber, às tradições, à cultura e a visão de mundo da sociedade, devendo esta experiência ser registrada.

Com o objetivo de enriquecer a bibliografia nacional, com artigos que tratam somente da Extensão Universitária, a Revista Conexão UEPG passou por uma reformulação de seu Conselho Editorial, buscando atender os critérios científicos de publicação de periódicos e também procurando valorizar os eixos temáticos que dão sustentação à Extensão Universitária.

Desta maneira, lançamos este segundo volume, com quinze artigos selecionados nas áreas de Educação, Cultura, Saúde, Direitos Humanos e Justiça, Meio Ambiente e Trabalho, oriundos de Instituições públicas de Ensino Superior de sete estados brasileiros e também um internacional.

Agradecemos a todos os envolvidos na publicação desse volume e damos boas vindas aos novos membros do Conselho Editorial, bem como aos Consultores Ad Hoc que, com dedicação e responsabilidade, enriquecem nossa revista.

Aos autores, esperamos que continuem contribuindo com textos e experiências que acabam se tornando referência na área de Extensão Universitária.

Saudações Extensionistas!!!

Dra Gisele Alves de Sá Quimelli

TEMPESTADE DE (PRÉ)CONCEITOS: AS REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO SOBRE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PREOPINION STORMS: UNDERGRADUATES' REPRESENTATIONS ABOUT UNIVERSITY EXTENSION

UEFS - BA

Maria Helena da Rocha Besnosik¹

Jackeline Silva Lopes²

RESUMO

O presente artigo visa analisar as representações de estudantes de graduação candidatos à seleção em bolsa de iniciação extensionista. Estes estudantes participaram de oficinas de orientação sobre elaboração de planos de trabalho para atuar em Projetos/Programas de Extensão promovidos pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em 2010. A análise fundamenta-se no conceito teórico-metodológico de Representação proposto por Chartier, na revisão da concepção de extensão a partir de Paulo Freire (1983) e do Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2000/2001). Busca-se estabelecer relações entre as representações dos estudantes sobre a extensão, seus efeitos sobre as práticas extensionistas e o lugar periférico que a Extensão ainda ocupa na vida acadêmica das universidades brasileiras.

Palavras-chave: representação, extensão, iniciação extensionista

ABSTRACT

This present paper aims to analyze undergraduates' representations, who are applicants for selection in extension's initiation scholarship. These students have participated in orientation courses about elaboration of work plans for acting in Extension Projects/Programs promoted by Department of Extension (PROEX) of State University of Feira de Santana (UEFS), in 2010. The analysis is based on theoretical-methodological concept of Representation proposed by Chartier and the review about extension conception by Paulo Freire (1983) and by National Plan of University Extension (BRASIL, 2000/2001). This article also seeks to establish relations between the students' representations about extension, their effects upon the extension's practices and the laid aside place wherein the Extension still resides in the academic life of the Brazilian universities.

Keywords: representation, extension, extension initiation.

¹ Doutora, Pró-Reitora de Extensão da UEFS, maria.benosik@gmail.com

² Mestre, Técnica Universitária da UEFS, jack.lobes.lacerda@gmail.com

Historicamente a forma como a extensão se apresenta nas universidades incorpora nas suas ações um viés assistencialista, de transmissão de conhecimento (cursos, conferências, seminários), de prestação de serviços (assistências, assessorias e consultorias) e difusão cultural (realização de eventos ou produtos artísticos e culturais), muitas vezes de forma descontextualizada, sem aprofundamento teórico, metodológico e carecendo inclusive de uma reflexão política. A partir do fortalecimento dos movimentos sociais e das discussões em torno da redefinição do papel das Universidades na construção de uma sociedade democrática, que marcou a década de 1980 no Brasil, esse quadro vem sofrendo questionamentos e provocando discussões entre os que hoje militam na extensão, objetivando trazê-la para o campo da reflexão, com o objetivo de repensar a sua natureza e qualidade (BRASIL, 2000/2001).

Para a construção de um conceito de extensão que se aproxime de uma relação dialógica com a sociedade, vale ressaltar as contribuições de Paulo Freire (1983) apontando para uma substituição do termo “extensão” por “comunicação”. A palavra extensão não foi substituída, mas a partir dela o termo comunicação passa a significar uma relação conscientizadora para os parceiros da Extensão-intercâmbio entre saber sistematizado e saber popular: a Extensão como ponte entre a Universidade e a Sociedade.

O desafio atual é qualificar a discussão sobre o papel da extensão na construção de uma Universidade que, preocupada com a formação profissional, forme indivíduos capazes de questionar a sua própria realidade e que, por meio de uma postura crítica, desejem uma sociedade mais humana. Para tanto, é primordial restabelecer o seu lugar no famoso trinômio “ensino, pesquisa e extensão”.

Transformar essa concepção de extensão historicamente enraizada nas universidades brasileiras, tomando como base o posicionamento freiriano de extensão e, conseqüentemente, conquistar o efetivo equilíbrio no tripé de sustentação das universidades através da equidade dessas atividades na vida acadêmica, tem sido as principais preocupações do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX) das Universidades Públicas Brasileiras, expressas no Plano Nacional de Extensão (BRASIL, 2000/2001). Entretanto, 11 anos depois da publicação do Plano Nacional, o XXXIV Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Nordeste (FORPROEX NE) revelou que tais preocupações ainda são presentes, sendo pauta permanente do fórum a busca de estratégias para transformar este quadro, destacando-se entre as que vêm sendo empreendidas, o empenho em curricularizar, institucionalizar, ampliar, qualificar e definir indicadores de avaliação das/para as ações extensionistas.

Estas também vêm sendo as principais frentes de luta da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – localizada em Feira de Santana, segundo maior município do Estado da Bahia, a 110 km de Salvador – conforme expressa seu relatório do ano de 2010:

A Extensão na UEFS tem como principais objetivos sensibilizar e mobilizar a comunidade da UEFS para um “fazer universitário” que promova a reflexão sobre a necessidade de conciliar as suas ações às demandas da sociedade e contribuir para a construção de uma Universidade que forme indivíduos capazes de questionar a sua própria realidade e, por meio de uma postura crítica, colaborem para a construção de uma sociedade mais humana. Entretanto, a Pró-Reitoria de Extensão ainda enfrenta dificuldades para consumir estes objetivos, tais como o número ainda reduzido de ações que resultem em contribuições efetivas para a melhoria da qualidade de vida da comunidade, a dificuldade em articular a extensão ao ensino e à pesquisa e em estabelecer critérios na avaliação dos projetos e políticas públicas desenvolvidas em parceria com outras instituições. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 2010, p. 2)

Neste sentido, a Pró-Reitoria de Extensão da UEFS deu início a um processo de ressignificação e de conquista de um espaço análogo ao ocupado pela pesquisa e pelo ensino na instituição através de ações como:

- Incentivo à institucionalização dos Projetos/Programas/Cursos de Extensão existentes na instituição;
- Elaboração de um arcabouço normativo para as atividades extensionistas, ampliação da participação de estudantes nessas atividades através do aumento do número de bolsas de iniciação extensionistas e da normatização do voluntariado em extensão;
- (Re)abertura de fóruns democráticos de discussão das políticas institucionais de extensão;
- Discussões com a Pró-Reitoria de Graduação e os Colegiados de Curso com vistas à inserção da extensão nos currículos da Graduação;
- Revisão e reestruturação dos Projetos/Programas Interinstitucionais propostos pela Secretaria de Educação do Estado e desenvolvidos pela instituição;
- Realização de cursos para professores, servidores e estudantes da instituição visando trabalhar a concepção de extensão que subsidia os Projetos/Programas/Cursos em desenvolvimento e os indicadores de avaliação dos impactos sociais destes, dentre outras.

Este processo certamente dar-se-á de forma gradual, já que se trata de uma mudança cultural, mas passos significativos já foram dados neste sentido.

Foi no desenvolvimento de uma dessas ações prioritárias da política institucional de extensão da UEFS, durante a realização de uma Oficina de orientação para elaboração de planos de trabalho para atuar em Projetos/Programas de Extensão, que tivemos contato com as representações dos estudantes da instituição sobre a Extensão Universitária aqui analisadas e que começamos a refletir sobre os efeitos dessas representações no perfil extensionista da instituição.

A citada oficina foi ministrada em 2010 por uma equipe composta por servidores técnicos e professores, que atuam na Pró-Reitoria de Extensão da UEFS, e teve como público 137 estudantes de diversos cursos de Graduação, candidatos ao Programa Institucional de Bolsa Extensão (PIBEX), os quais foram distribuídos em cinco turmas. Embora o fator de atração destes estudantes fosse obter auxílio na elaboração de seus planos de trabalho, instrumento com maior peso na seleção para bolsistas de iniciação extensionista, o principal objetivo da oficina era trabalhar os (pré)conceitos desses estudantes sobre a extensão e, com isso, qualificar as atividades extensionistas desenvolvidas na instituição.

A metodologia da oficina, construída coletivamente por seus ministrantes, previa três etapas: 1 – Tempestade de ideias, onde cada estudante inicialmente escreveria em uma folha de papel sua concepção de extensão e depois a explanaria, cabendo ao ministrante estabelecer conexões/distinções entre as diversas concepções; 2 – Construção, a partir da

discussão sobre as concepções de extensão, de um conceito de extensão condizente com a concepção freiriana; 3 – Orientação quanto à elaboração dos planos de trabalho.

Assim, as representações de extensão que serão aqui apresentadas foram adquiridas através das concepções de extensão escritas por esses estudantes na primeira etapa da oficina, em suas cinco turmas. Antes de analisá-las, porém, faz-se necessário esclarecer que a opção por tratar estas concepções como representações se dá por entendê-las como formas de apreender, pensar, classificar e construir uma realidade social individual e socialmente (CHARTIER, 1990). Ou seja, o ato de construção dessas representações acontece na mente do indivíduo, mas a partir da apreensão e do uso de símbolos socialmente compartilhados e de comum compreensão, de modo que as representações se constroem através de práticas sociais e culturais, embora a apropriação destas representações pelos sujeitos não se dê de forma automática, mas sofra influência do contexto que os cercam e das histórias de vida de cada um (ENTREVISTA, 1999).

Isto significa dizer que as representações dos estudantes da UEFS sobre extensão, embora registradas individualmente e fruto das reflexões de cada um, revelam uma racionalidade construída ao longo da formação acadêmica a partir da convivência com docentes e demais colegas de cursos e das experiências de vida de cada um, o que os aproxima ou os afasta de uma vivência extensionista ou de uma inserção nas comunidades extra-campus universitário. Logo, são reveladoras de uma prática social que as construiu.

Assim, não surpreende que a imensa maioria das representações de extensão desses alunos esteja relacionada às concepções de extensão historicamente construídas mencionadas no início desse texto. 38% dos alunos que participaram da oficina consideram a extensão como atividades que permitem aos estudantes e professores ultrapassar os limites da universidade, da sala de aula e/ou do currículo. É o que nos revelam os seguintes trechos escritos pelos estudantes: “Extensão é um curso que permite ao estudante o contato com a comunidade externa, ou seja, *fora do campus universitário*”; “Dá conta das atividades acadêmicas realizadas *fora da Graduação*”; “Trabalhos ligados à Universidade, porém *externos a mesma*”; “Extensão é *ir além das pessoas e do universo da UEFS*”; “Atividades *extracurriculares* que contribuem com a sociedade e a formação do estudante”; “*Ir além dos limites da Universidade*”; “estender conhecimentos *além dos muros da Universidade*”; “É a *exploração das barreiras da Universidade*, ou seja, *ir além da graduação*”; “Desenvolvimento de *atividades extras* na área de atuação, isto é, relacionadas ao curso, de modo a aprofundar conhecimentos que serão incorporados *além da grade curricular*”; “Extensão é algo *além do usual*, que *complementa* aquilo que se faz em determinada área” (grifos nossos).

Se por um lado estes fragmentos revelam uma clareza de que a extensão promove um contato com a comunidade extra-campus, por outro apontam para uma representação sustentada na prática cultural universitária de isolamento social, de desenvolvimento de pesquisa e ensino desligados da sociedade que é objeto de seu estudo. Tal prática dificulta

a inserção da comunidade extra-campus no ambiente universitário, já que há uma clara concepção de que a extensão acontece fisicamente “fora dos muros” da universidade.

Alguns destes e outros fragmentos dos textos revelam ainda uma representação da extensão (compartilhada por 28% dos estudantes) como um complemento ao conhecimento adquirido/produzido na academia ou como um complemento à pesquisa. É o que se pode perceber nos seguintes trechos: “Forma de *dar continuidade* a algum estudo e promover a socialização do mesmo para a sociedade”; “*Ampliação* de trabalhos e atividades *além do curso de Graduação*, com *atividades extracurriculares*”; “Extensão é dar *continuidade* numa determinada pesquisa”; “Forma de *qualificação*”; “*Ampliação* dos conhecimentos científicos”; “*Continuação, aperfeiçoamento*”; “Algo que *acrescenta* na formação acadêmica”; “*Formação continuada*”; “Conhecimento *complementar*”; “*estudo continuado* de uma área específica” (grifos nossos).

Vista dessa forma, a extensão deixa de ser um dos pilares da construção do conhecimento científico na universidade para se tornar uma atividade extracurricular, complementar, que é interessante, mas não fundamental à formação dos estudantes. Tal prática se perpetua pelo fato da extensão ainda não estar inserida nos currículos dos cursos de graduação da UEFS e de muitas outras instituições de ensino superior brasileiras, fazendo com que os alunos não a vislumbrem como parte indispensável da sua formação. Na UEFS, os efeitos da disseminação desta representação são perceptíveis nos dados estatísticos apresentados no Relatório de 2010 da Pró-Reitoria de Extensão, que comprovam que somente cerca de 5% dos estudantes da UEFS participam de Projetos/Programas de Extensão.

Outra representação da extensão disseminada entre 12% dos estudantes da UEFS é a de que a extensão é um conhecimento científico, chegando por vezes a ser confundida com uma atividade de pesquisa caracterizada por acontecer no campo (fora de laboratórios e/ou salas de aula) ou na área de atuação profissional: “espaço *científico-cultural* para ampliação de conhecimentos”; “*conhecimento científico* que contribui para a sociedade”; “É a *pesquisa* em determinada área do *conhecimento científico* baseada em projetos já existentes na instituição”; “promove uma *pesquisa no campo* de estudo”; “desenvolver *pesquisas e estudos* em um ambiente educacional”; “atuar fora da universidade, em nosso *campo de trabalho*, fazendo *investigações e pesquisas*”; “trabalho com *pesquisa na área de atuação* com objetivo de ampliar conhecimento extracurricular” (grifos nossos).

Se isso demonstra uma tentativa de valorizar a extensão, colocando-a no patamar das práticas acadêmico-científicas, por outro lado demonstra uma dificuldade por parte dos estudantes em distinguir as características próprias das atividades de pesquisa e extensão, evidenciando a inexperiência com a prática extensionista.

A extensão é representada ainda por 18% dos estudantes como um conhecimento prático, um ato de socializar os resultados de uma pesquisa ou de levar conhecimentos para a sociedade como forma de retorno/satisfação/agradecimento por esta ter financiado

a realização dos seus estudos: “Extensão é *aplicar o conhecimento* científico em atividades extracurriculares para benefício comum”; “*aplicação do conhecimento* adquirido na universidade, contribuindo para a melhoria da comunidade”; “as atividades de extensão seriam aquelas em que *o que é produzido na academia é mostrado/aplicado à sociedade* como um *retorno*, visto que a instituição é mantida com recursos públicos, de forma que é legítimo que a produção acadêmica seja pública”; “Extensão é *levar o conhecimento* para o além da universidade. Democratização do saber. O público em prol do público”; “Tem a finalidade de dar à comunidade um *retorno*, uma contribuição do trabalho/projeto desenvolvido pela Universidade”; “o *retorno e a socialização de estudos* para a comunidade, para outro público”; “*Levar o conhecimento e a base teórica adquirida* na UEFS para as pessoas que não pertencem a esse universo”; “*Levar a aprendizagem que obtemos na Universidade* para outros espaços além dela”; “*estender todo o conhecimento gerado dentro da universidade* em benefício da comunidade, porque o conhecimento não deve ficar limitado somente a nós estudantes” (grifos nossos).

Aqui vemos os estudantes da UEFS reproduzirem uma prática acadêmica arrogante e já denunciada por Paulo Freire na década de 1980: a de considerar a sociedade excluída do espaço acadêmico uma “tabula rasa”, desprovida de conhecimentos e ansiosa em absorver todo o conhecimento detido pelos estudantes. Este tem sido o principal obstáculo à implementação de uma concepção de extensão fundamentada na Comunicação/interação entre a universidade e a sociedade, uma vez que não há comunicação num monólogo onde apenas um tem a fala (os universitários) e ao outro cabe ouvir (a comunidade).

Enquanto esta prática cultural se perpetua e essas representações se disseminam, a universidade sofre a resistência das comunidades externas, principalmente as organizadas em movimentos sociais, que reivindicam um lugar como participantes/construtoras do conhecimento e que têm demandas próprias que muitas vezes não são compreendidas, sequer ouvidas. Ao mesmo tempo, o conhecimento científico perde a possibilidade de se enriquecer com o conhecimento que poderia ser compartilhado caso houvesse, de fato, interação entre a sociedade e a universidade.

Outra consequência da autorrepresentação dos acadêmicos como detentores do conhecimento, fortalecida pela representação de que a extensão é uma forma de retorno à sociedade e de compromisso social, é a concentração das atividades extensionistas no campo do assistencialismo. De fato, a universidade deve à comunidade um retorno pelo alto investimento que esta faz na produção científica acadêmica daquela. Entretanto, este retorno pode acontecer através de práticas que proporcionem a autonomia dessas comunidades, instrumentalizando-as para resolver seus problemas sociais ou detectar mecanismos para isso, e não a dependência dos “serviços oferecidos” pela universidade.

Como afirmou o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, em oportunidades em que foi chamado a se posicionar sobre a eficácia do Programa Bolsa Família como instrumento para a promoção social: “dar o peixe é importante, mas não é suficiente: é preciso ensinar

a pescar”. Do mesmo modo, não é possível hoje às universidades Públicas romper definitivamente com as práticas assistencialistas alimentadas por décadas, mas é possível dar passos largos rumo a uma transição para produção de conhecimento mútuo entre universidade e sociedade, com vistas à conquista da autonomia desta última.

Os dados apresentados até então apontam para um quadro pessimista da extensão universitária na UEFS que, sabe-se, está próximo das realidades existentes em outros estados brasileiros, a julgar pelos depoimentos dos Pró-Reitores de Extensão no XXXIV FORPROEX NE. Entretanto, ainda que num percentual muito inferior, se comparado aos das demais representações estudantis aqui apresentadas, foi possível detectar, na UEFS, a existência de 4% dos estudantes que representam a extensão como uma forma de conhecimento construído a partir da interação entre a universidade e a sociedade em prol de benefícios mútuos, principalmente entre aqueles que já estavam iniciados na extensão (como bolsistas ou voluntários) e que, no momento da oficina, estavam pleiteando a renovação de suas bolsas. Dentre seus escritos destacamos: “*interação da universidade com a sociedade*”; “*Relação mútua entre a universidade e a sociedade*”; “*elo entre universidade e sociedade*”; “É tudo aquilo que extrapola o limite de um objeto ou campo de estudo/trabalho, permitindo uma *troca de experimento, conteúdo e informações*, fazendo com que haja *aprendizado mútuo*” (grifos nossos).

Tal percepção, ao mesmo tempo em que sinaliza o início de uma mudança de concepção na UEFS impulsionada pela vivência de uma prática extensionista diferenciada, alimenta a esperança de Demo (2001) de que a universidade cumpra o seu papel de dialogar efetivamente com a sociedade, mantendo seu compromisso social, tornando desnecessária a existência da extensão neste modelo que ainda temos hoje, dando lugar a uma efetiva e promissora *comunicação* entre a Universidade e a Sociedade que a sustenta.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Plano Nacional de Extensão Universitária. Brasília: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC, 2000/2001.

CHARTIER, R. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DEMO, P. Educar pela Pesquisa. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

ENTREVISTA com Roger Chartier. Revista Pós-História. Assis, v. 7, p. 11-13, 1999.

FREIRE, P. Extensão ou Comunicação? 7ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. Relatório de Atividades de 2010 da Pró-Reitoria de Extensão. Feira de Santana: PROEX/UEFS, 2011.



LIDERAZGO DE LA UNIVERSIDAD EN LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO DESDE LA DIMENSIÓN EXTENSIONISTA

UNIVERSITY LEADERSHIP IN THE KNOWLEDGE SOCIETY FROM THE EXTENSION PERSPECTIVE

LASTUNAS - CUBA

Dagneris Batista de los Ríos¹

RESUMEN

La credibilidad y pertinencia de la Universidad del siglo XXI se harán evidentes en la medida en que forjen profesionales cuya formación humanista y su alta capacitación científico-técnica sean fuentes constantes para la búsqueda de soluciones. El tríptico misional de la Universidad: formación, investigación y extensión, debe satisfacer y dar respuesta a las necesidades de la sociedad así como a ella misma. La universidad debe nutrirse de la sociedad para su desarrollo y poder aportar a la misma. Esta relación es lo que permite el autodesarrollo y la transformación de la universidad y la sociedad, vista como un sistema de procesos conscientes, holísticos y dialécticos que revelan regularidades y relaciones que explican y predicen el comportamiento de los procesos que la construyen. En este trabajo se plasma como se logra establecer una interrelación directa entre los procesos extensionistas y la orientación educativa en la comunidad universitaria, ajustándose a los nuevos enfoques y tratando de responder a la formación integral tributando a la consolidación de los valores, la formación política-ideológica desde otras aristas, la afirmación de la identidad del individuo en varios espacios, propiciando una mayor cultura sexual, de la salud, como parte insoslayable de una cultura general integral.

Palabras claves: Extensión universitaria, orientación educativa, formación de valores, cultura general integral.

ABSTRACT

The credibility and relevance of the University of the XXI century will become evident when forging professionals whose humanist formation and their high scientific and technical training are constant sources search for solutions. The University's mission trivet, education, research and extension, must satisfy and answer to society's needs as well as itself. The university must feed itself from society to its development and to give assistance to the community. This relationship is what enables the self-development and the transformation of the university and society. It's seen as a conscious process, holistic and dialectical, revealing regularities and relations that explain and predict the behaviour of the processes that build this relationship. This work is based on the aim of establishing a direct interrelationship between extension processes and educational guidance in the college community, adjusting to new approaches and trying to respond to the whole time formation, characterizing the values' consolidation of values, political and ideological formation from other edges, the affirmation of the individual's identity in several contexts, leading to a broader sexual culture, health, unavoidable part of a whole general culture.

Keywords: University Extension, educational guidance, values formation, whole general culture.

¹ Doutora. Directora de Extensión Universitaria. Universidad Vladimir Ilich Lenin - Las Tunas - CUBA. dagnerisbr@ult.edu.cu

Introducción

La universidad en el siglo XXI reclama las exigencias de una sólida formación cultural como fundamento de la comprensión global de la época en que se vive.

A la universidad actual le corresponde ser un factor clave para el desarrollo científico; el modelo de universidad científica, tecnológica y humanista conjuga fortalezas que son atributos únicos: una elevada concentración de hombres de ciencia y pensamiento, que hace de la universidad una institución social con capacidad de general nuevos conocimientos y habilidades para comprender los desarrollos tecnológicos, con capacidad de divulgar socializar dichos conocimientos.

Nuestra Revolución Cubana demanda nuevas formas para elevar la calidad del proceso docente-educativo que lleva a cabo la Educación Superior, la formación de valores y la consolidación del trabajo político- ideológico de toda la comunidad universitaria. Se han encaminado los esfuerzos a la construcción de una universidad en correspondencia con el sueño martiano, de que la misma sea brillante, útil, de acuerdo con los tiempos, estado y aspiraciones de los países en que enseña. La universidad cubana tiene la misión de formar profesionales con independencia y creatividad, dotados de valores éticos, acorde con el desarrollo científico- técnico que se experimenta en el mundo, capaz de resolver los problemas del territorio que se les presentan en su quehacer profesional.

Las universidades además de cumplir su encargo social como institución cultural, tienen el propósito de asegurar la calidad de la formación integral de personalidad del profesional, a través de los procesos sustantivos universitarios (docente, investigativo y extensionista), pero hay que tener en cuenta que todos estos procesos deben contar con una buena orientación educativa si queremos tener los resultados que aspiramos.

En el siguiente trabajo se plasma el papel protagónico que desempeña la dimensión extensionista en la proyección para propiciar el cambio de comportamientos, actitudes, la promoción de hábitos de vida saludables y conductas sexuales responsables, en aras de elevar la calidad de vida de la comunidad universitaria así como el nivel de conocimientos y de información de temas que propician una cultura general integral.

Desarrollo

1. Papel actual de las Universidades en la orientación educativa

El M.Sc. Miguel Díaz Canel Bermúdez Ministro de Educación Superior, en el 7mo Congreso Internacional de la Educación Superior Universidad 2010, realizado el día 8 de febrero del presente año expresó:

“La Universidad, como elemento de la conciencia crítica de la sociedad, está llamada a jugar un papel clave en la construcción de ese mundo nuevo posible, no solo forma la intelectualidad progresista y comprometida con su pueblo para llevar adelante los proyectos del desarrollo, sino además que educa, forja valores y actitudes. Lo más importante no es únicamente la cantidad de conocimiento con que egrese el universitario, sino cuán preparado está para enfrentar para enfrentar y transformar el mundo en que vivimos.”

El enfoque integral para la labor educativa y político ideológica constituye la estrategia maestra de la Educación Superior, a partir de los nuevos conceptos del Ministerio en los cuales se prioriza el

perfeccionamiento de la Educación Superior. Para las universidades resulta un verdadero reto formar profesionales cuyos valores respondan a una actuación profesional responsable y comprometida con la solución de los problemas de su entorno laboral, demostrando competencia en su desempeño y una actuación ciudadana digna de los más altos valores morales que distinguen nuestra sociedad.

El tríptico misional de la Universidad: formación, investigación y extensión, debe satisfacer y dar respuesta a las necesidades de la sociedad así como a ella misma. El alcance de ello será la medida para evaluar la pertinencia, el impacto, la optimización, y la relevancia que deberá incrementarse permanentemente en un proceso que tenga en cuenta a la universidad y a la sociedad.

En los paradigmas actuales de la universidad, la extensión debe considerarse como función totalizadora, por estar presente en cada uno de los eslabones estructurales de la universidad, por ser deber y derecho de toda la comunidad universitaria e implicar a la sociedad en su conjunto. En su ejecución la extensión se caracteriza esencialmente por ser también una función integradora y dinamizadora, que expresa el vínculo social más amplio.

El nivel de satisfacción del encargo social está directamente relacionado con la madurez y significación que como institución cultural alcance la universidad en su interrelación con la sociedad, en lo que la extensión es un factor clave, pues garantiza un vínculo más amplio y dinámico, que propicia la identificación, la comunicación y la actividad conjunta de los universitarios y la población en general, y estrecha su imprescindible unidad.

El centro de la labor educativa parte desde una correcta orientación educativa, en la formación ética del profesional, para ello el enfoque integral potencia la aplicación de métodos y el despliegue de los contenidos de las asignaturas para formar desde la instrucción los valores éticos que caracterizan a cada profesional. Proceso que inicia en la dimensión curricular, continua en la investigación, pero todo esto se aglutina desde la extensión universitaria.

Las universidades constituyen un espacio cosmopolita para el aprendizaje ético ya que son centros difusores de cultura por excelencia; la universidad y sus claustros de profesores han estado siempre en el vórtice de las transformaciones que la sociedad le impone, en sus recintos ha primado como tendencia fundamental el pensamiento crítico, la necesidad del progreso, la búsqueda del rigor y de la verdad en todos los ámbitos y procesos. Igual sucede con la formación de valores, los cuales surgen en un contexto socio-histórico y tiene por objeto dotar al ser humano de un instrumental simbólico y de prácticas adecuadas para sobrevivir y desarrollar una vida plena.

La orientación educativa no es más que un proceso de ayuda o de orientación propiamente a través de los cuales los educadores contribuyen a que los estudiantes mejoren sus relaciones interpersonales, propiciar el cambio de comportamientos y actitudes, la toma de decisiones. Los dotan de herramientas y estrategias que preparen su desarrollo personal, académico y profesional los cuales se personalizan en los proyectos educativos y sus proyectos de vida, con el objetivo de facilitar su integración en la parte laboral.

El Programa de Desarrollo de la Extensión Universitaria en la Educación Superior

define “La extensión Universitaria constituye el conjunto de acciones que realiza el centro de educación superior dentro o fuera de sus instalaciones, dirigidas a sus estudiantes y trabajadores y a la población en general” (González, 2003). Esclarecedora y estratégica resulta esta definición al orientar el trabajo hacia los intereses de la comunidad universitaria llevando sus proyecciones a las expresiones más completas incluyendo a la población en general dentro del campo de acción de la universidad.

1.1. Papel de la Universidad en la prevención de la comunidad universitaria desde la dimensión extensionista y la investigación.

En la relación sociedad- cultura, además de la preservación y el desarrollo de la cultura, existe la necesidad de la elevación del desarrollo cultural de la comunidad, lo que también forma parte de la misión social de la Universidad que es promover la cultura por medio de la extensión. El cumplimiento de este encargo social no corresponde a una función específica de la universidad, sino a la institución en su conjunto, que en su interrelación dialéctica no es más que la integración docencia-investigación-extensión, donde se aprovechan todos los espacios para fomentar en nuestros estudiantes la búsqueda constante de temas que son de su interés, en la necesidad de evolucionar hacia niveles superiores en el conocimiento humano y transformar el medio. (Programa Nacional de Extensión 2004)

La Universidad Vladimir Ilich Lenin debe ser la institución que identifique y satisfaga los más grandes anhelos y objetivos de la sociedad tunera, por lo que su influencia es crucial en todos los campos del saber, pretendiendo conformar una cultura general integral en el hombre, a la vez que contribuya a perfeccionar todos los órdenes de la vida social, para lo cual ha de prepararse internamente trabajando para que toda la comunidad universitaria logre esa aspiración.

Dentro de los Programas Nacionales que monitorea, controla y evalúa la Dirección de Extensión Universitaria se incluyen el Programa Nacional de Medio Ambiente, de la Lectura, y como programas de calidad de vida tenemos el Programa Nacional de Control y Prevención de la Tuberculosis , Programa Nacional de prevención de las ITS/VIH/SIDA (Infecciones de transmisión sexual) , y el Programa Nacional de prevención al consumo de drogas, psicofármacos y otras adicciones, este último insertado a la Estrategia Maestra Principal.

Para entender realmente la magnitud de la extensión universitaria hay que tener en cuenta que cuando nos referimos a la comunidad la concebimos como “la agrupación organizada de personas que se perciben como unidad social, cuyos miembros participan de algún rasgo, interés, elemento, objetivo o función común, vinculados en muchas ocasiones a problemas de la vida cotidiana; con conciencia de pertenencia cuyo grado varía, situadas en una determinada área geográfica en la cual la pluralidad de personas interacciona más intensamente entre sí que en otro contexto y comparten un cierto sistema de orientaciones valorativas que tienden a homogeneizar o regular de manera semejante su conducta”. (Programa Nacional de Extensión, 2004)

La labor educativa y la orientación inicia a partir de los resultados de un diagnóstico

que se aplica al inicio de cada curso escolar en la comunidad universitaria y definir los grupos de riesgo (fumadores, bebedores ocasionales, consumidores de psicofármacos bajo prescripción facultativa, residentes en zonas caracterizadas, estudiantes con problemas sociales, con conductas de riesgo, con otra orientación sexual, y por último los estudiantes procedentes de otras nacionalidades). La comunidad universitaria es muy heterogénea, compuesto por estudiantes, personal docente, personal de apoyo a la docencia, trabajadores, y la población de las comunidades. Si a la cifra con la contamos la contrastamos con la dispensarización y la dividimos por grupos de riesgo, entonces se multiplican la cantidad de estudiantes con los cuales se necesita realizar un trabajo personalizado con acciones viables y concretas que pueden o no estar diseñadas en los proyectos educativos o en los proyectos de vida.

Este diagnóstico, que se va actualizando en la medida que avanza el curso escolar presupone diseñar y ejecutar acciones personalizadas y medibles diferentes con cada grupo de riesgo, y desde aquí inicia el proceso de orientación desde lo individual hasta lo grupal, en los diferentes niveles, con el objetivo de ofrecerle a todas las personas mayor información y educación, y posibilitar que estas puedan seleccionar las opciones más favorables a su salud.

Para lograr este objetivo en la educación y prevención de la comunidad, en las estrategias diseñadas de cada uno de los Programas Nacionales se han proyectado acciones en el fortalecimiento del trabajo en la comunidad llegando hasta la familia a través de la labor y la orientación educativa en aras de favorecer una mayor calidad de vida del individuo y del medio que lo rodea, se acometen acciones de superación y actualización de los temas, se divulgan y promocionan acciones dirigidas a la comunidad desde la sede central hasta los Centros Universitarios Municipales, llegando hasta las zonas caracterizadas.

En la proyección de la extensión hay que tener presente que no se trata sólo de desarrollar culturalmente a la comunidad extrauniversitaria, sino también a la comunidad intrauniversitaria, y es lo que le da su carácter de función en tanto expresa la cualidad externa de los procesos universitarios, o sea, promueve la cultura de la sociedad en correspondencia con sus necesidades de desarrollo cultural, y tiene que estar en correspondencia con las transformaciones que acontecen actualmente en la vida del territorio tunero.

Por su carácter social, la universidad no puede verse integrada sólo desde una percepción fenoménica (funciones). Su análisis requiere un abordaje desde una relación más esencial, más de fondo, que son los procesos que en ella se desarrollan, o sea la consecutividad de etapas en que se van cambiando en el tiempo las relaciones de la estructura del objeto con vistas a cumplir el objetivo, en especial en los procesos formativos y de prevención. (Programa Nacional de Extensión 2004)

Al considerar la extensión como proceso formativo es imprescindible en su etapa inicial identificar el problema, que radica en la necesidad de desarrollo cultural, a partir de caracterizar lo social, para prever como modificarlo en función del nivel cultural de la sociedad. Ello lo propicia utilizando la cultura preservada y desarrollada en todas sus manifestaciones por la propia sociedad, mediante su metodología.

La pregunta está encaminada entonces como hacer para lograr cumplir con este

objetivo, si al evaluar las cifras se evidencia que está muy por encima de la cantidad de tutores, profesores guías e instructores educativos de la Residencia Estudiantil. En el centro donde no existe medico solo una enfermera, el universo es demasiado grande como para conocerlo al detalle.

La respuesta a la problemática estaba dada en el análisis de las vías para llegar a todos estos grupos con eficacia, aunque se perseguían los mismos fines, esto no implicaba uniformidad, ya que había que respetar las diferentes realidades sociales y culturales de cada individuo, su estado de opinión, la edad, para llegar a satisfacer las necesidades sentidas y reales del grupo al que se quería llegar.

Una de las alternativas para lograr este propósito es a través de la educación de pares o iguales, por la influencia que se establece entre personas del mismo grupo, por lo tanto la formación de promotores de salud o de gestores universitarios como agentes de cambio constituía una de las acciones más útiles en el trabajo extensionista de promoción y prevención en las comunidades.

La comunidad tanto intra como extrauniversitaria tiene su propia visión existente dada por la información que le llega a través de los diferentes canales, así como el contacto entre personas, por las creencias, hábitos y costumbres, que forman parte de su cultura, todo esto matizado por las potencialidades y capacidades, la mayoría de las veces no conocidas y poco utilizadas.

Teniendo en cuenta que es un proceso selectivo no masivo, al promotor de salud en formación se le brinda una preparación y un nivel de información científico-técnica actualizada, se apropia de técnicas para poder establecer la comunicación, llevar a cabo la observación en las comunidades para poder conocerlas, y convertirse en elemento imprescindible de consulta por los que los rodean.

No se trata de ejecutar acciones de manera homogénea en todos los lugares y a todos los niveles, sino de analizar en cada lugar la situación epidemiológica-social (universo, grupos de riesgo y composición) y trazar acciones sobre esta base.

La definición de la promoción como metodología de la extensión universitaria constituye un elemento esencial para garantizar que la función extensionista pueda cumplirse y contribuir al cumplimiento de la misión de la universidad en su conjunto; a partir del desarrollo de acciones que se dirigen a la creación de valores culturales, la conservación de los valores creados, la divulgación y el disfrute.

Un paréntesis debe hacerse para destacar la particular importancia que debe atribuírsele en el ciclo reproductivo de las actividades de desarrollo y transformación cultural, al disfrute que, traducido a la extensión, significa la solución del problema, la satisfacción de la necesidad. Del disfrute social que produzca la actividad extensionista depende, por una parte, la eficacia de la misma y, por otra, la continuidad del movimiento en espiral del desarrollo cultural.

Tal consideración presupone tener en cuenta los dos principios esenciales de la promoción: la identidad y la participación. El primero entendido como “producción de respuestas y valores que, un grupo o sujeto social determinado de la cultura, como heredero y transmisor, actor y autor de su cultura, realiza en un contexto histórico dado como consecuencia del proceso socio psicológico de diferenciación-identificación en

relación con otros grupos o sujetos culturalmente definidos” y el segundo como “proceso social sustentado en las necesidades y motivaciones de las personas las cuales expresan la real capacidad de asociarse, comunicarse, actuar y transformar la realidad”. (Programa Nacional de Extensión 2004)

Del promotor de salud depende, teniendo en cuenta la metodología que utilice para realizar el trabajo de promoción y preventivo que los individuos se apropien de parte de la cultura acumulada por la humanidad. Pero si además logra que el sujeto participe y se comprometa a partir de condiciones cognitivo-afectivas que lo favorezcan, se propicia la elevación del desarrollo cultural, entonces el objetivo se cumple, se resuelve el problema.

El logro de la motivación en el sujeto permitiría superar el objetivo, se llegaría a un estado de realización plena (disfrute) en la actividad extensionista en que está involucrado, en la solución social del problema y por consiguiente se logra pasar de la **instrucción, la orientación** a la **educación**. Es decir, junto a la transformación social se forman valores en los sujetos participantes de la extensión universitaria. De ahí la importancia de preparar buenos promotores de salud si queremos incidir de manera positiva en las comunidades y crear un nivel de respuesta en los individuos ante situaciones problemáticas.

1.2. Papel de los estudiantes como promotores de salud

Actualmente en la Universidad Vladimir Ilich Lenin, se encuentran activos 30 estudiantes graduados como Promotores de salud, de este curso, y si a ello le sumamos los de cursos anteriores la cifra se extiende a 50, a pesar de que todavía es insuficiente la cantidad de promotores de salud, se observa desde otra óptica la importancia de estos en el trabajo de promoción y prevención de los programas de calidad de vida, mencionadas anteriormente.

A pesar de todos los pasos que Cuba ha dado en la promoción y prevención del Virus de Inmunodeficiencia Adquirida (VIH) y las infecciones de transmisión sexual (ITS), no escapa al alcance negativo de estos fenómenos. En Las Tunas han crecido los casos de Infecciones de Transmisión Sexual no curables y de seropositivos, por lo tanto esto indica que debe encaminarse el trabajo preventivo partiendo de un diagnóstico de la comunidad, llegando hasta la familia y las zonas caracterizadas.

Los promotores de salud aprovechan todos los espacios necesarios para elevar la cultura sexual, de la salud, y de forma general la cultura general integral, en aras de transformar el medio y elevar el nivel de conocimientos de la comunidad, el trabajo de promoción y prevención, asociado a el trabajo educativo se consolida con la realización de intercambios, charlas educativas, técnicas de participación, video debates, debate de libros, en los turnos de reflexión y debate en las brigadas, la programación de la Radio Universitaria, los espacios de la Residencia Estudiantil, las consultas en la Consejería de orientación sexual y familiar, trabajo personalizado, concursos, encuestas, páginas Web, apreciación de las diferentes manifestaciones artísticas, entre otros espacios

Los resultados se evidencian en las encuestas aplicadas, donde la comunidad universitaria, se identifican con los promotores, alegan que sienten mayor confianza a la hora de consultar un tema determinado, conocen los programas nacionales, y saben dar respuestas a determinadas situaciones. (Anexo 1 y Anexo 2)

Tabla 1. Vías personalizadas a través de las cuales los estudiantes consideran que fluye la información relacionada con temas de los Programas Nacionales en la Universidad Vladimir Ilich Lenin

Actividades	Lugar	Por ciento
Conferencias con especialistas	4	89.6
En turnos de reflexión y debate, con profesores guías	2	91.3
Charlas con la enfermera y personal de salud	3	90.2
Intercambio con los promotores de salud	1	95.6
En la Consejería de orientación sexual y familiar	6	80.3
Con instructores educativos o tutores	5	87.2

Los escenarios en los que se realiza el trabajo preventivo se caracterizan por una dinámica que se corresponde con la dinámica de toda la sociedad cubana que tiene entre sus aspiraciones que se alcance la máxima calificación en el orden cultural. A medida que los procesos sociales se hacen más complejos el trabajo preventivo requiere tanto en su concepción como en su ejecución un mayor nivel de preparación teórica y práctica para que realmente se tenga el impacto que es necesario en la transformación de las comunidades y en este caso lograr que la prevención sea efectiva, de ahí la importancia de la cotidianidad del trabajo

Tabla 2. Vías personalizadas a través de las cuales los estudiantes consideran que fluye la información relacionada con temas de los Programas Nacionales en las Sedes Universitarias Municipales

Actividades	Lugar	Por ciento
Conferencias con especialistas	2	90.2
Con profesores guías o tutores	4	85.4
Charlas personal de salud	3	88.3
Intercambio con los promotores de salud	1	94.2

Los problemas sociales (punto de partida de los procesos universitarios) se canalizan de manera más dinámica a través de la extensión a la universidad y se reflejan en sus procesos formativos. La extensión amplía la vía de comunicación en los dos sentidos Universidad- Sociedad y viceversa. El resultado de esta comunicación educativa en doble sentido la podemos considerar en su conjunto como la relevancia, interpretada como el grado de importancia o significación que se alcanza como resultado de la relación de la necesidad social y el proceso extensionista.

Se compone del impacto, cuando el objeto es la sociedad (cómo la universidad influye en el medio), y de la pertinencia, si el medio influye en la Universidad (cómo ésta la refleja y está preparada para dar respuesta a las necesidades sociales).

Podemos afirmar que los promotores de salud juegan un papel protagónico en el desarrollo de una cultura sexual y una cultura general integral en las comunidades, en el proceso extensionista que ejecutan en las comunidades tanto intra como extrauniversitaria,

por todo lo anterior se puede aseverar que la dirección conciente, eficaz y eficiente de la extensión universitaria, en este caso a través de los promotores de salud, sólo es posible cuando se expresa esa relación función-proceso, y en tal sentido se organiza su gestión.

La extensión universitaria, como función, expresa las características externas, fenoménicas; como proceso, explica sus propiedades esenciales y determina su comportamiento. (Programa Nacional de Extensión 2004), por lo que el diagnóstico acertado de las comunidades atendiendo a sus necesidades, la percepción del problema, los tabúes, hábitos, sus creencias, sus capacidades, intereses, preocupaciones y nivel de conocimiento, es lo que garantiza que el trabajo preventivo cumpla su objetivo, al fortalecer la comunicación y contribuir a elevar la calidad de vida.

El proceso de prevención es uno de los procesos que reviste muchísima importancia para mantener una conducta sistemática que facilite el desarrollo de nuestros educandos en un ambiente favorable y de seguridad para el desarrollo de la autoestima, proceso que se complementa a través del diálogo abierto, el afecto, el respeto, la confianza y comprensión, la toma de decisiones, la motivación para que se incorporen a espacios donde puedan desarrollar sus aptitudes tanto deportivas como culturales en cada una de las manifestaciones artísticas, todo en aras de lograr que se vinculen a espacios formativos, productivos, creativos, culturales, recreativos, de reflexión, que se realizan tanto intramuros como extramuros y así puedan aprovechar mejor el tiempo libre en opciones que favorecen el crecimiento cultural, profesional de toda la comunidad universitaria.

Este trabajo para tener el éxito requerido debe tener asociado una correcta orientación que pasa por la superación para poder multiplicar la información correcta.

El mayor reto consiste en elevar la cultura sexual así como potenciar el desarrollo de una comunidad con una mejor calidad de vida de todos los que la componen, donde se promocionan hábitos de vida saludables, conductas sexuales responsables y se forman valores para contribuir a la formación de profesionales mejor preparados e íntegros.

Conclusiones

Con este trabajo se evidencia como se logra una estrecha relación entre la dimensión extensionista y la orientación educativa, relacionado con la formación de valores, el cambio de comportamientos y actitudes, la consolidación del trabajo político – ideológico, el elevar la calidad de vida de la comunidad universitaria, la incorporación de los aspectos éticos en el proceso de formación de los futuros profesionales, en la integración de lo instructivo y lo educativo.

La formación de estudiantes universitarios como promotores de salud cuenta con un nivel de aceptación y de impacto de un 95.6 % de acuerdo a los resultados de las variables de medición aplicadas, en el fortalecimiento del trabajo educativo, informativo, preventivo, comunicativo, en la formación de valores. Como desde una correcta orientación educativa y una formación axiológica, la educación de pares e iguales, ha contribuido a elevar la cultura sexual, de la salud, y la cultura general integral en las comunidades intra y extrauniversitaria, logrando a su vez así la formación de profesionales mejor preparados.



BIBLIOGRAFÍA

- Alarcón, R, Sánchez Noda R. Actualización del Enfoque Integral. Editorial Félix Varela. La Habana, 2000.
- Aguilar D.A. y Colectivo de Autores. Atención a las adicciones en la comunidad. 2002
- Anda seguro. Ortega Escudero Francis Roberto. 2004
- Castro Espín, Mariela. El Programa Nacional de Educación Sexual en la estrategia cubana de Desarrollo Humano. En Sexología y Sociedad. Año 8 No. 20 Diciembre de 2002
- Bunge M. Ética y Ciencia. Buenos Aires: Siglo XXI; 1972.
- Castellanos Simons, B. y A. González Hernández. La educación de la Sexualidad en tiempos de cambio. Una mirada al contexto escolar. Año 8 No. 20 Diciembre de 2002
- Colectivo de autores. Programa Nacional de Extensión Universitaria. 2001y 2004
- Colectivo de autores. Técnicas de participación. Colectivo de educación popular del Centro Memorial Dr. Martin Luther King, Jr. 2000
- Chávez, Arturo. J (2002). Ética, empresa y educación superior. Revista Iberoamericana de Educación. Mayo/Agosto. Pág 17.
- Domínguez MI. La formación de valores en la Cuba de los años 90: un enfoque social. En: La formación de valores en las nuevas generaciones. Una campaña de espiritualidad y de conciencia. La Habana: Ediciones Políticas; Edit de Ciencias Sociales; 1996 p.28-45.
- Gómez, Yahíma. La formación extensionista del ingeniero agrónomo. Una propuesta para la universidad de Pinar del Río. Trabajo de Diploma. 2005.
- González , R. Como enfrentar el peligro de las drogas. 2006
- González Hernández, A. y Castellanos Simons, B. Hacia una sexualidad responsable y feliz. Documento teórico-metodológico. Ciudad de la Habana: Ed. Pueblo y Educación, 1997. 93 p.
- González Hernández, A.. "Fundamentos y problemas de la educación y la pedagogía sexual". En Tesis presentada en opción del grado científico de Dra. en Ciencias Pedagógicas. Ciudad de la Habana. 1993. 162p.
- González Rey, F. "Comunicación, Personalidad y Desarrollo" / Fernando González Rey. - La Habana: Ed. Pueblo y Educación, 1995. 175 p.
- Guerrero Natividad. SIDA desde los afectos: Una invitación a la reflexión. 2004
- Manual Metodológico. Trabajo de prevención de las ITS/VIH/SIDA. 2004
- Torres María Antonia y López Ana Bertha. ¿Quieres saber sobre ITS/VIH/SIDA?. 100 preguntas y respuestas. 2003
- Martínez, Martín. M, Buscarais Estrada, María R, Esteban Bara, F. La universidad como espacio de aprendizaje ético. Revista Iberoamericana de Educación. Mayo/Agosto, 2002 p. 17.
- Ministerio de Educación Superior. Enfoque integral para la labor educativa y político ideológica en la Universidad. Editorial Felix Varela. La Habana. 2da edición, 1999.
- Ochoa R. Trabajo multisectorial en VIH/SIDA. Manual Práctico metodológico. 2006.
- Regino Rodríguez Boti "La sexualidad en el atardecer de la vida" Editorial Oriente, 2003 Especialista en Psiquiatría Máster en Sexología.
- La comunicación en la Dirección del Conocimiento de la Universidad. Martín Irene. UPSA. España. 2005
- Documentos normativos para la proyección del trabajo extensionista en Facultades y SUM. Orientaciones Metodológicas. Centro Universitario Vladimir Ilich Lenin. Departamento de Extensión Universitaria. 2006
- Manual Metodológico. Trabajo de prevención de las ITS/VIH/SIDA. 2004
- Torres María Antonia y López Ana Bertha. ¿Quieres saber sobre ITS/VIH/SIDA?. 100 preguntas y respuestas. 2003
- Ochoa R. Trabajo multisectorial en VIH/SIDA. Manual Práctico metodológico. 2006.
- Tünnermann C. La educación en el umbral del siglo XXI. Caracas: CRESALC/UNESCO; 1996:79-85.



VAMOS VIAJAR AO ESPAÇO?

WILL WE TRAVEL TO SPACE?

UEPG-PR

*Sabrina Passoni*¹

*Nadiangela Mayer*²

*Jordana Colman*³

*André Maurício Brinatti*⁴

*Silvio Luiz Rutz da Silva*⁵

*Jeremias Borges da Silva*⁶

RESUMO

Neste trabalho apresentamos uma atividade extensionista baseada em projetos, que oferece aos alunos participantes de Clubes de Ciências a oportunidade aprendizagem pelo emprego do método científico. A implementação da proposta se deu pela contextualização do tema: 'Como é a vida fora da terra?', o que envolve os preparativos de uma pessoa para uma viagem ao espaço. Esta atividade permitiu aos participantes do clube aprender a trabalhar em grupo, realizar tarefas e pesquisas sobre distância da viagem, clima, vestimentas, comunicação, transporte e alimentação.

Palavras-chave: Clube de ciências. Projetos. Método científico.

ABSTRACT

This paper presents extension activities based on projects, which provides students participating in the Science Clubs the opportunity to learn by using the scientific method. The implementation of the proposal made by the contextualization of the theme: 'What's life outside the earth?' which involves a person's preparations for a trip to space. This activity allowed to science club participants learn to work in a group, perform tasks and researches about trip's distance, climate, clothing, communications, transport and food.

Keywords: Science Club. Projects. Scientific method.

¹ Licenciada em Física, Universidade Estadual de Ponta Grossa, sabrinapassoni@hotmail.com

² Licenciada em Física, Universidade Estadual de Ponta Grossa, nadimayer@hotmail.com

³ Bacharel em Física, Universidade Estadual de Ponta Grossa, jordanacolman@gmail.com

⁴ Doutor em Ciências, professor do Departamento de Física, Universidade Estadual de Ponta Grossa, brinatti@uepg.br

⁵ Doutor em Ciência dos Materiais, professor do Departamento de Física, Universidade Estadual de Ponta Grossa, rutz@uepg.br

⁶ Doutor em Física, professor do Departamento de Física, Universidade Estadual de Ponta Grossa, silvajb@uepg.br

Introdução

O Ano de dois mil e nove marcou os quatrocentos anos das observações do espaço por Galileu Galilei. Por esta razão a Organização das Nações Unidas declarou dois mil e nove como ‘*Ano Internacional da Astronomia*’ (AIA, 2009). No ano de mil quinhentos e noventa e nove, Galileu, depois de aperfeiçoar a luneta, um instrumento usado na época como diversão, ousou em observar o céu o que lhe permitiu observar as Luas de Júpiter, as crateras da Lua, as fases de Vênus e as manchas Solares. Tais observações o fizeram questionar o paradigma geocêntrico de Ptolomeu, defendendo as ideias do heliocentrismo de Copérnico. Mesmo com as restrições estabelecidas pela Igreja Católica na época, suas ideias e descobertas foram mais fortes que os dogmas religiosos estabelecidos.

A maior importância dos trabalhos de Galileu está em seu método de estudo e no uso de um instrumento para observar coisas que podiam ser vistas a olho nu ou que não se imaginava existir. Muitos não aceitaram a realidade exposta a partir de suas observações, pois o ser humano podia ir além do que via ou além do que seus sentidos podiam perceber. Desde os trabalhos de Galileu a Ciência evoluiu produzindo avanços tecnológicos que permitiram que, em mil novecentos e sessenta e nove, o Homem pisasse na Lua com o pouso da sonda Apollo 11, e mesmo assim ainda hoje existem pessoas que não acreditam no feito dos astronautas americanos (ALMEIDA, 2009; ALBERGARI, 2009).

A chegada do primeiro Homem à Lua tem como pano de fundo os aspectos históricos relativos à chamada “guerra fria” entre potências militares, políticas e econômicas, que lutavam por uma hegemonia mundial. Essa competição gerou um desenvolvimento científico e tecnológico que, contraditoriamente aos seus objetivos, trouxe benefícios para a humanidade. Pode-se destacar entre as evoluções obtidas o desenvolvimento de tecnologias tais como: o laser, os celulares, o GPS, os aviões a jato, os computadores, os satélites de comunicação e os de pesquisa espacial.

Tais tecnologias derivadas deste conhecimento científico são cada vez mais presentes apresentando reflexos no cotidiano exigindo uma nova postura acerca do modo de como e o que ensinar em Ciências.

O Brasil – a partir da metade da última década, resultado da implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) e legislação complementar, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e Estadual (PARANÁ, 2008) – caminhou no sentido da inserção de conteúdos bem como uma maior discussão acerca do que, de como e por que ensinar Ciências.

A crescente conscientização e mobilização da Sociedade apontam na direção de uma formação mais contextualizada e continuada dos professores e por consequência da população, levando-se em conta que é importante não descuidar do formalismo dos conceitos científicos, destacando o processo de evolução da Ciência.

Com esta preocupação, nos últimos três anos foi desenvolvido o ‘*Projeto Criação de Clubes de Ciências*’ com objetivo sensibilizar os estudantes para a temática Ciências. Esses estudantes fazem parte dos clubes já implantados nos Colégios paranaenses de Claudino dos Santos, em Ipiranga, e João Negrão Jr., em Teixeira Soares.

O projeto ‘*Criação de Clube de Ciências*’ faz parte do programa ‘*Universidade sem Fronteiras*’, subprograma ‘*Apoio às Licenciaturas*’ e promove a implantação de Clubes de Ciências nas cidades já citadas anteriormente. A equipe do projeto é composta por seis acadêmicos monitores de licenciaturas (Química e Física), um recém-formado e três professores do departamento de Física da Universidade

Estadual de Ponta Grossa.

Nos Clubes de Ciências participam estudantes do ensino médio e fundamental, que no início das atividades anuais propõe em assembléia um tema para desenvolvimento de projetos e estudos. Os temas devem promover discussões sobre cidadania, responsabilidade social e ambiental, trazendo o conhecimento sobre novas tecnologias e, principalmente, a contextualização de conceitos de Ciências. A aceitação do tema, a definição de projetos e de estudos depende da decisão dos estudantes que são livres para escolher e montar grupos de trabalho. Nestes clubes, no ano de dois mil e nove, desenvolvemos trabalhos dentro do contexto de Ensino de Ciência descrito anteriormente na temática astronomia e viagem ao espaço.

Metodologia

A implementação desta proposta iniciou com uma apresentação para contextualização do tema: *‘Como é a vida fora da terra?’*, que se baseou nas necessidades que uma pessoa tem para preparar uma viagem ao espaço. Esta preparação envolve tempo e distância da viagem, questões de clima e vestimentas, comunicação, transporte e alimentação. Assim surgiram discussões de conceitos como: energia, condução de calor, alimentos (energia e questões nutricionais), ondas eletromagnéticas, limpeza, necessidades fisiológicas, tratamento de resíduos, entre outros.

A atividade foi desenvolvida em reuniões dos Clubes a partir da pergunta inicial: *‘Vamos fazer uma viagem?’*. Todos ficaram animados, embora soubessem que o interesse era apenas em descobrir quais as necessidades para realizá-la. *‘Para onde vamos?’*: para esta pergunta cada um tinha uma resposta em particular, que envolvia sonhos, desejos ou experiências anteriores. Um eslaide com o mapa mundi foi mostrado e as resposta foram direcionadas a lugares do mundo. A cada resposta uma figura com lugares semelhantes surgia nos eslaides. Problemas sobre transporte, clima, conflitos e guerras, surgiam das argumentações sobre as escolhas numa rica troca de conhecimentos e experiências. Quando o eslaide estava cheio de figuras surgia um novo eslaide mostrando a Terra vista do espaço e a pergunta: *‘Será que podemos ir além?’*.

A partir da discussão acerca desta questão outra pergunta foi lançada: *‘Como chegar lá?’*. Começaram a surgir as propostas que englobavam os meios de transporte desde o uso de animais até o de aviões. As respostas estavam sempre relacionadas aos lugares que os alunos desejavam conhecer. As discussões passavam entre outros aspectos pelo custo e tempo necessários para chegar aonde se queria. Observações sobre tipos de combustíveis e poluição, energia renovável e não renovável ganharam destaque.

Ao compreenderem a necessidade da escolha do meio de transporte mais adequado a ser utilizado, os alunos perceberam a importância de fazer o planejamento da viagem. As perguntas a serem respondidas a seguir foram: *‘Como se preparar para ir ao nosso destino?’* e *‘O que levar?’*. As respostas foram agrupadas em tópicos tais como vestimentas, alimentação, comunicação e energia. Esses tópicos foram relacionados ao clima, ou condições atmosféricas, duração da viagem, necessidades de comunicação (cartas, internet, celular, etc.) e combustíveis para o meio de transporte escolhido.

Neste momento os estudantes foram colocados em dúvida, fazendo-os pensar em detalhes importantes, levando-os a observar que precisariam de mais conhecimento e de saberes científicos. Surgiram as questões ‘*Como iremos sobreviver no espaço?*’; ‘*Quais alimentos devemos levar?*’; ‘*Será o mesmo que comemos em casa?*’.

A partir de então foi posta em discussão a questão da nutrição mais adequada às necessidades de nosso corpo: vitaminas, proteínas, sais minerais, água, etc. Em consequência, surgiu, como se esperava, a questão das necessidades fisiológicas. O processo de como elas são feitas foi explicado usando imagens reais de um banheiro em um foguete. Nessa discussão foi explicado o conceito de vácuo, como um local de pressão nula, e a microgravidade que deixam as coisas flutuando.

Logo todos se lembraram de reportagens mostradas na televisão sobre a Estação Espacial Internacional (ISS – NASA, 2010), que conta com a participação do astronauta brasileiro e, quando concluída, ficará visível a olho nu em dias de céu claro; e também dos problemas para a sobrevivência do Homem no espaço: a alimentação, a falta de atmosfera para respirar, as baixas pressões e temperaturas, a baixa gravidade, a radiação e os ventos solares; foi explicado sobre os materiais especiais de alta tecnologia de que são feitas as naves, assim como as roupas especiais para passear fora delas.

Desta forma, essa atividade provocou uma necessidade dentre os participantes de investigar sobre os alimentos e o oxigênio para respiração que são levados da Terra e sobre as cabines pressurizadas e protegidas. O problema da microgravidade, sem uma solução, é remediado por treinamentos dos astronautas na adaptação e por limitação de tempo sob os efeitos da microgravidade, uma vez que a estrutura corporal não permite ao homem passar muito tempo no espaço.

Discussões

A atividade inicial desenvolvida na forma de apresentação foi realizada com intensa interatividade com os estudantes. A participação por meio das respostas às perguntas e troca de experiências foram enriquecedoras inclusive para equipe do projeto. Nos dois clubes as reações foram semelhantes. Os grupos foram formados para estudar: os alimentos (energia dos alimentos, rótulos e aspectos nutricionais); energia (solar); satélites e seu movimento; lunetas (a visão e instrumentos óticos) e vestimentas.

Observa-se a importância da participação de um brasileiro (Pontes, 2010) em uma missão de destaque internacional que envolve as fronteiras das Ciências para a sensibilização dos estudantes, no entanto, isto é pouco explorado.

Para o estudo destes temas escolhidos exige-se pesquisa, que pode ser realizada em livros, internet, jornais e revistas. Alguns dos temas foram mais aprofundados e permitiram a realização de experimentos por meio de oficinas ou de montagem de projetos.

Observou-se que a atividade proposta teve um caráter multidisciplinar, pois nas discussões surgiram conceitos que poderiam ser desenvolvidos em várias disciplinas. A física com os conceitos de pressão, vácuo, energia, gravidade, condução de calor, radiação e comunicação com ondas eletromagnéticas entre outros. A química com composição dos materiais e dos alimentos, as reações químicas e as calorias, entre outros. A geografia física e humana na discussão do mapa mundi. A biologia com os efeitos da microgravidade sobre

o organismo humano e as questões nutricionais. Outras disciplinas como a matemática, a educação física e as disciplinas de línguas podem explorar novos aspectos.

Este é o papel desejado para um Clube de Ciências, ou seja, além de inserir novos conceitos científicos e tecnológicos, visa desenvolver a socialização, o exercício da cidadania e permitir a troca de experiência entre estudantes do ensino médio e fundamental, acadêmicos monitores e professores (orientadores) sem a formalidade existente em uma sala de aula.

Conclusões

O século XXI está rodeado de novidades tais como a diversidade tecnológica e a rapidez com que se recebem informações que permitem permanecer em constante aprendizado. Porém, a dificuldade de abstração dos alunos e a falta de aproveitamento dessas informações é uma das dificuldades observada pelos educadores. Para os alunos isso significa assumir maior responsabilidade por sua própria aprendizagem, com a compreensão de que o conhecimento que obtiverem por meio de seu esforço será muito mais duradouro.

A atividade desenvolvida e relatada neste trabalho permitiu desencadear diversos temas para projetos que os próprios alunos desenvolveram a partir de uma apresentação que forneceu subsídios visuais e reflexivos para o surgimento de projetos relacionados ao tema, constituindo-se em uma atividade que além de ser dinâmica, permitiu a participação direta e dialógica dos alunos.

Diante das informações e perguntas lançadas durante a apresentação, os alunos visualizam uma diversidade de temas relacionados à física, química, biologia e astrofísica. As respostas e perguntas dos alunos, bem como as atividades resultantes destas indagações, permitem o desenvolvimento de projetos relativos aos temas: energia solar, construção de uma luneta, isolantes e condutores de calor, caloria dos alimentos, pressão atmosférica, lançamento de um foguete e satélites.

Agradecimentos

O Projeto de Extensão '*Criação Clube de Ciências*' é financiado por Programa Universidade Sem Fronteiras, Subprograma Apoio às Licenciaturas – da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Paraná – Brasil (SETI – PR).

REFERÊNCIAS

AIA – 2009. 2009 Ano Internacional da Astronomia. Disponível em: <<http://www.astronomy2009.org/general/>> Acesso em: 27 de março de 2011.

ALBERGARIA, D. O legado de Galileu para a ciência moderna. Com Ciência - **Revista Eletrônica De Jornalismo Científico**, Labjor, Unicamp, n. 112, 10/10/2009. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=50&id=633>> Acesso em: 26 de março de 2011.

ALMEIDA, G. Galileu Galilei e o ano internacional da astronomia 2009. **Revista da Associação Portuguesa de Astrónomos Amadores**, APAA, n. 36, p. 3-9 Jan/abr 2009. Disponível em: <<http://www.apaa.co.pt/Rev36/revista36.pdf>> Acesso em: 26 de março de 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 26 mar. 2011.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais: ciências da natureza, matemática e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002. 144 p.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: ciências naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 139 p.

ISS – NASA Disponível em:< http://www.nasa.gov/mission_pages/station/main/index.html> Acesso em: 26 de mar. 2011.

PARANÁ. Secretaria da Educação do Estado do Paraná. **Diretrizes curriculares da educação básica - física**. Curitiba: SEED, 2008. 97p.

PONTES, M. Disponível em: <<http://www.marcospontes.com/>> Acesso em: 26 mar. 2011.



APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DE ESTATÍSTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE METODOLOGIAS ALTERNATIVAS

IMPROVING OF STATISTICS TEACHING IN ELEMENTARY SCHOOL'S FIRST YEARS THROUGH ALTERNATIVE METHODOLOGIES

Diandra Pinto Della Flora¹

Luciane Flores Jacobi²

Ana Luiza de Freitas Kessler³

UFSM - RS

RESUMO

Ter noções básicas de Estatística que permitam o desenvolvimento de habilidades que auxiliem na coleta, organização e análise de dados tem se tornado indispensável atualmente e para tempos futuros. Isso porque esta ciência encontra aplicação prática em diversos ramos de conhecimento que utilizam os métodos estatísticos como instrumentos de trabalho. Dessa forma, é extremamente importante que os professores da Educação Básica estejam preparados para compreender a linguagem estatística, bem como para levar seu aluno a desenvolver o pensamento estatístico. Para isso, está sendo implementado um conjunto de ações junto aos professores do Ensino Fundamental para sua melhor qualificação em conteúdos que envolvam Estatística, esperando que isso possa suprir a carência que eles enfrentam ao preparar aulas incluindo esses conteúdos. Espera-se que as ações desenvolvidas junto a esses profissionais possam motivá-los a planejar tarefas e a elaborar atividades com conteúdos estatísticos que possam ser usadas em salas de aula.

Palavras-chave: Ensino de Estatística. Qualificação profissional. Metodologia alternativa.

ABSTRACT

Having basic Statistic knowledge allow the development of skills that assist in collecting, organizing and analyzing data and it has become indispensable today and for future times. That's because this science has practical application in various knowledge branches use statistical methods as work tools. Thus, it is extremely important that basic education teachers are prepared to understand the statistical language, as well as make their students to develop statistical thinking. For this, a set of actions is being implemented to help elementary school's teachers to qualify better their performance in content involving Statistics, hoping that it can supply their needs they face when preparing lessons including that content. It is hoped that the actions developed with these professionals can motivate them to plan tasks and to prepare statistical activities with content that can be used in classrooms.

Keywords: Statistics Teaching. Professional qualification. Alternative methodology.

¹ Acadêmica do Curso de Bacharelado em Estatística na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), diandradellaflora@gmail.com

² Doutora em Agronomia, docente do Departamento de Estatística na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), lucianefj8@gmail.com

³ Licenciada em Matemática, Universidade Federal de Santa Maria, analuizakessler@gmail.com

Introdução

As informações estatísticas sempre estiveram presentes na vida dos cidadãos e assim como muitas pessoas confiam e utilizam para nortear suas decisões, outras olham-nas, desconfiam e/ou atacam sua verossimilhança (CAZORLA, 2008).

Com a aproximação das eleições para presidente, governadores, senadores e deputados federais e estaduais, nota-se como somos bombardeados pela mídia televisiva e imprensa com as pesquisas que monitoram a queda e a ascensão dos candidatos. Nesse processo os cidadãos estão se acostumando a termos antes restritos à academia – intervalo de confiança, margem de erro, amostragem, entre outros – próprios do jargão estatístico (CAZORLA, 2008).

Nesse ponto, é preciso compreender que a maioria das informações provenientes de levantamentos estatísticos, na busca de estimar tendências e parâmetros, tem por base uma amostra a partir da qual se obtém a estimativa de parâmetros. Logo, as inferências obtidas com base em dados amostrais serão sujeitas a erros provenientes da própria amostragem.

Pode-se observar que a profecia de Well está se concretizando. Ele que no início do século XX já alertava que para ser um cidadão pleno, este deveria estar capacitado para calcular, pensar em termos de média, máximo e mínimo, assim como a ler e escrever (RUBERG e MASON, 1988). No final da década de 90, os conceitos básicos de estatística, antes quase ignorados na Educação Básica, passaram a ser discutidos pela comunidade educacional e acadêmica, tendo sido incorporados oficialmente à estrutura curricular da disciplina de Matemática do Ensino Fundamental e Médio com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (LOPES *et al*, 2010).

Os PCNs sugerem aos professores que incentivem os alunos a observar os fenômenos, conjecturar hipóteses, fazer levantamento de dados, tratá-los e analisá-los do ponto de vista da investigação científica. Também incentivam a leitura e a interpretação de gráficos, de tabelas e de medidas publicadas pelos diversos meios de comunicação, a fim de que o aluno saiba posicionar-se de forma crítica diante dessas informações e fornecer-lhes ferramentas para arguir e “desmantelar” informações porventura falaciosas ou mal-intencionadas (LOPES *et al*, 2010).

Ao ensino de Matemática fica o compromisso de não só ensinar o domínio dos números, mas também a organização de dados e a leitura de gráficos. Ao professor de Matemática, cabe não se limitar à mera transmissão de fórmulas e algoritmos, mas deve dar sentido e vida a essa matemática escolar que, embora pareça distante, se faz cada vez mais necessária.

Dessa forma, o presente estudo visa promover o aperfeiçoamento dos docentes do ensino fundamental, desenvolvendo uma metodologia de ensino-aprendizagem em probabilidade e estatística, cuja teoria e aplicação estão sendo abordadas através de minicursos e apostilas desenvolvidas especificamente para esse fim, fazendo uso de uma metodologia alternativa, como brincadeiras e jogos.

Metodologia

Nos conteúdos de estatística previstos nos PCNs (Brasil, 1997 e 1998), para o Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental (1^a e 2^a séries), os assuntos referentes ao Tratamento da Informação destinam-se a estimular os alunos a fazer perguntas, a estabelecer relações, a construir justificativas e a desenvolver o espírito de investigação. A finalidade não é a de que os alunos aprendam apenas a ler e a interpretar representações gráficas, mas que se tornem capazes de descrever e interpretar sua realidade, usando conhecimentos matemáticos.

Relativamente ao Tratamento da Informação para o Segundo Ciclo do Ensino Fundamental (3^a e 4^a séries), o trabalho a ser desenvolvido a partir da coleta, organização e descrição dos dados possibilita aos alunos compreender as funções de tabelas e gráficos usados para comunicar esses dados: a apresentação global da informação, a leitura rápida e o destaque dos aspectos relevantes. Lendo e interpretando os dados apresentados em tabelas e gráficos, os alunos percebem que eles permitem estabelecer relações entre acontecimentos e, em alguns casos, fazer previsões. Também, ao observar a frequência de ocorrência de um acontecimento ao longo de um grande número de experiências, desenvolvem suas primeiras noções de probabilidade.

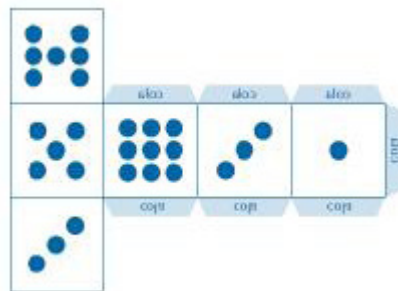
A partir da verificação dos conteúdos Estatísticos previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997 e 1998) foi criado o projeto “Ações de aprimoramento em estatística para professores de matemática do ensino fundamental”, desenvolvido/executado no Departamento de Estatística do Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 2009.

O projeto teve como objetivo produzir um conjunto de ações para os professores do 1^o e 2^o ciclos do Ensino Fundamental para melhor qualificá-los em conteúdos que envolvam a Estatística, visto que é extremamente importante que os professores da Educação Básica estejam preparados não apenas para compreender a linguagem estatística, mas também para levar seus alunos a desenvolverem o pensamento estatístico. Infelizmente, o que ainda se observa é a existência de uma grande carência de material didático para essa finalidade.

Após a pesquisa dos conteúdos previstos nos PCNs, foram consultados livros didáticos utilizados em escolas da rede pública de ensino, para que se pudesse ter uma base de como os assuntos deveriam ser abordados com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em seguida, foram elaboradas algumas atividades para servir de material de apoio aos professores da rede de ensino.

As atividades propostas no projeto foram apresentadas a professores que já trabalhavam com alunos de 1^o e 2^o ciclos do Ensino Fundamental para que se pudesse discutir sobre seu uso e aplicabilidade em sala de aula e foi então que surgiram peculiaridades desses ciclos de ensino. Uma das dificuldades encontradas foi que os alunos do 1^o ciclo aprendem a contar até 20, havendo, assim, a necessidade de adaptação de tabelas e gráficos para números inferiores a esse valor. Outra observação feita pelos professores foi a de que, no 1^o e 2^o ciclos, os alunos não sabem resolver divisões que resultam em números decimais e, nesse caso, as atividades relacionadas ao conteúdo de média aritmética deveriam ser adaptados. Assim, em atividade que usariam dados convencionais, com faces de um a seis, por exemplo, foi feita uma adaptação através da elaboração de dados especiais (com faces 1, 3, 3, 5, 7 e 9). Logo, trabalhando com dois dados, os alunos sempre obterão somas pares e conseqüentemente, as médias aritméticas resultarão números inteiros.

Figura 1 – Dado adaptado para médias inteiras



Depois de feitas as adaptações necessárias nos materiais que seriam utilizados nas atividades, foi feita a aplicação aos alunos do 1º ao 5º anos do ensino fundamental para que se pudesse avaliar como seria sua receptividade em relação à forma de apresentação dos conteúdos nas atividades e se eles conseguiriam realizá-las de forma clara, alcançando os objetivos propostos. As turmas em que foram apresentadas as atividades obtiveram desempenhos satisfatórios, alcançando os objetivos específicos de cada uma.

Por considerar de grande importância que os professores saibam um pouco mais sobre os conteúdos propostos nos PCNs para o primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental, foi elaborado um material de conhecimentos estatísticos considerado básico para os professores que atuam nesses ciclos, contendo definições como amostra e população; regras de arredondamento; como deve ser feita uma representação tabular; representações gráficas e alguns exemplos; algumas distribuições de frequência e medidas descritivas como moda, mediana e média aritmética. Foram inseridas também algumas noções de probabilidade como: experimento; espaço amostral e eventos, utilizando exemplos para tornar seu entendimento mais claro.

Resultados

Após o término dos trabalhos de pesquisa e a produção das atividades e do conteúdo teórico de apoio para os professores, o material foi reunido no caderno didático “Estatística para os anos iniciais do Ensino Fundamental” (Figura 2) da Série Naturais & Exatas da UFSM.



Figura 2 – Capa do caderno didático “Estatística para os anos iniciais do Ensino Fundamental” da Série Naturais & Exatas da UFSM.

O projeto mantém uma oficina chamada de “Jogos Aplicados ao Ensino de Estatística no Ensino Fundamental”, realizada em novembro de cada ano, com carga horária de 8 horas, para os professores da rede pública de ensino de Santa Maria e região. A oficina é constituída de duas partes: pela manhã são trabalhados os conceitos teóricos sobre estatística e probabilidade e à tarde são apresentadas e executadas, com os participantes, as atividades propostas pelo projeto.

Entre as atividades propostas aos professores para desenvolverem a estatística e a probabilidade com seus alunos, encontram-se as seguintes:

Atividade 1 : Palavra cruzada

Material: lápis, papel.

Objetivo: interpretação de dados, tabela e gráficos.

Desenvolvimento:

- Distribuir para cada aluno uma folha contendo o gráfico (Figura 3), a Tabela (Figura 4), as perguntas e a palavra cruzada (Figura 5), para ser completada.

Figura 3 – Gráfico

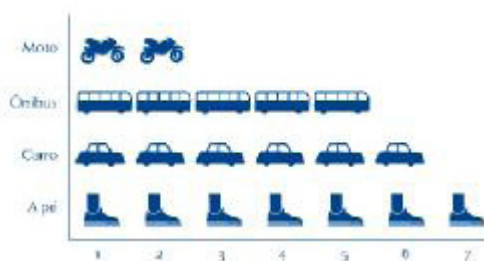
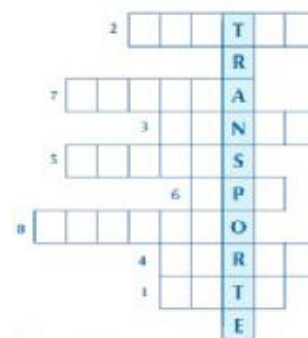


Figura 4 – Tabela

MEIO DE TRANSPORTE	QUANTIDADE DE ALUNOS
A pé	7
De carro	6
De ônibus	5
De moto	2
Total	20

Figura 5 – Palavra cruzada



Perguntas:

1. Qual é o meio de transporte menos usado pelos alunos para vir para a escola?
2. De quantas maneiras diferentes os alunos dessa turma vêm para a escola?
3. Qual é o número de alunos desta turma?
4. Qual é o meio de transporte usado por 6 alunos?
5. Qual é o meio de transporte usado por 5 alunos?
6. Qual é o meio de transporte mais usado?
7. Qual é o nome da figura 5?
8. Qual é o nome da figura 4?

Atividade 2 : Combinação de balões

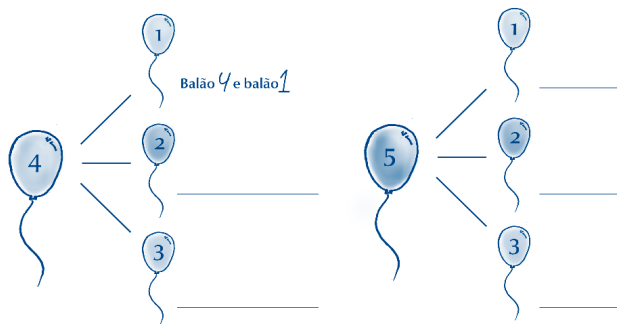
Material: 5 balões coloridos, fita adesiva, 2 caixas de papelão, canetas coloridas

Objetivo: possibilidades

Desenvolvimento:

- Dispor a turma em círculo.
- Encher os balões coloridos.
- Numerá-los de 1 a 5, colando com fita adesiva o número ou escrevendo-o com caneta colorida.
- Prender os balões 1,2 e 3 na caixa de papelão marcada com a letra A .
- Prender os balões 4 e 5 na caixa marcada com a letra B.

Figura 6 – Esquema a ser preenchido pelos alunos



Quadro 1 – Combinação de balões

		Caixa B	
		Balão 4	Balão 5
Caixa A	Balão 1		
	Balão 2		
	Balão 3		

Responder:

Quantas são as maneiras diferentes de segurar, na mão direita, um balão de A e, na mão esquerda, de B?

Conclusões

Os conteúdos de estatística começaram a fazer parte dos currículos de matemática do Ensino Fundamental a partir de 1997 com a publicação dos PCNs, e, para muitos professores, representa um assunto novo, tornando-se um desafio desenvolver com os estudantes atividades contendo aspectos didáticos desse bloco de conteúdos.

Acredita-se que a pesquisa e a produção de materiais de boa qualidade para os educadores do ensino básico e a sua capacitação através de cursos, minicursos e oficinas podem contribuir para que os professores sintam-se preparados e motivados para planejar suas aulas envolvendo os conteúdos de estatística.

Espera-se que, com as ações desenvolvidas neste projeto, os professores de 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental estejam motivados para planejar tarefas e tenham condições de elaborar atividades com conteúdos estatísticos que possam ser usados em sala de aula, tendo em vista os assuntos do cotidiano dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAZORLA, I. M. CASTRO, F. C. de. O papel da estatística na leitura do mundo: o letramento estatístico. UEPG Humanit. Sci., Appl. Soc. Sci., Linguist., Lett. Arts, Ponta Grossa, 16 (1) 45-53, jun. 2008.

JACOBI, L. F. KESSLER, A. L. F. Estatística para os anos iniciais do ensino fundamental. Caderno Didático, nº 3, Série Naturais & Exatas, Santa Maria: UFSM – CCNE, 2009.

LOPES, C.E.; COUTINHO, C.Q.; ALMOULOU, S.. Estudos e reflexões em Educação Estatística. 1. ed. Campinas : Ed. Mercado de Letras, 2010.

RUBERG, S. J. e MASON, R. L. Increasing public awareness of Statistics as a science and profession starting in high school. The American Statistician, 42 (3), 67-170,1988.

DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESVELANDO A ARTE E A LUDICIDADE NO CORPO

DANCE IN CHILDREN EDUCATION: DISCOVERING ART AND BODY LUDICITY

Alba Pedreira Vieira¹

Guilherme Fraga da Rocha Teixeira²

Letícia T. Oliveira³

Aline D. Fialho⁴

Fernanda R. N. Bastos⁵

Nara C. Vieira⁶

UFV - MG

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo educar para e pela dança crianças da educação infantil por meio de oficinas semanais de dança que trabalharam seus conteúdos específicos de forma lúdica. Duas mostras de dança também foram realizadas tendo os participantes como intérprete-criadores. A ação extensionista foi desenvolvida por um ano em quatro centros de educação infantil de Viçosa, MG. Nesse relato apresentamos resultados obtidos, por meio da observação participante e questionários orais com 103 crianças de 02 a 08 anos. A ação extensionista confirmou-se como um importante aliado da ampliação de saberes artísticos em dança de forma lúdica e para além do que é divulgado pela indústria cultural.

Palavras-chave: Arte. Dança. Educação Infantil. Extensão Universitária.

ABSTRACT

This study aimed to educate to and for the dance children in early childhood education through weekly workshops of dancing that worked their specific content in a ludic manner. Two dance shows were also made with the participants as performer-creators. The extension action was developed through one year in four kindergarten institutions in Viçosa, MG. In this report we present obtained results from participant observation and oral questionnaires with 103 children from 02 to 08 years old. The extension action confirmed itself as an important ally of expanding artistic knowledge in dancing in a ludic manner and beyond what is divulged by the cultural industry.

keywords: Art. Dance. Children Education. University Extension.

¹ Doutora pela Temple University, professora adjunto do curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa/UFV. Email: apvieira@ufv.br

² Graduando em Dança pela Universidade Federal de Viçosa, voluntário do projeto de extensão "LudiDança: um projeto de Dança, Ludicidade e Educação" (apoio Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFV – Programa PIBEX), e bolsista do projeto "Dança em creches: valorizando o lúdico e analisando suas implicações na educação". Email: gui-fraga@hotmail.com

³ Graduanda em Dança pela Universidade Federal de Viçosa, bolsista do projeto de extensão "LudiDança". Email: le_ot@yahoo.com.br

⁴ Graduanda em Dança da UFV, atuou voluntária no projeto. Email: aline.dutrafialho@gmail.com

⁵ Graduanda em Dança da UFV, atuou voluntária no projeto. Email: fe-bastos@hotmail.com

⁶ Graduanda em Dança da UFV, atuou voluntária no projeto. Email: naracordova@gmail.com

Introdução

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996) outorga que seu objetivo principal é desenvolver integralmente a criança até seis anos de idade, a fim de complementar a ação da família e da comunidade. Este documento também define que a educação infantil deverá ser oferecida em creches ou institutos semelhantes e em pré-escolas. A respeito do desenvolvimento integral infantil, o Plano Nacional para Educação (2000) afirma que o potencial humano deve ser explorado por profissionais capacitados a fim de promover o seu desenvolvimento sem desperdiçar suas habilidades. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN de Arte (1997) afirmam que o educador deve influir na forma como o cérebro será ativado ao executar funções em áreas como a linguagem, a música e a dança.

Considerando que o ensino de Arte se tornou obrigatório por meio da Lei de Diretrizes e Bases/LDB (1996), os PCN – Arte (1997) – orientam que seu ensino explore as quatro linguagens artísticas: dança, música, teatro e artes plásticas. Este conhecimento amplia as formas de expressão e linguagens das crianças (PILLOTTO; MOGNOL, 2003).

Sob um ponto de vista mais específico da nossa área de atuação, a dança, o seu ensino em creches e pré-escolas visa proporcionar o desenvolvimento físico, social e emocional, além de promover os valores artístico-culturais. Segundo Santos, Lucarevski e Silva (2005),

Devido aos métodos e processos livres utilizados por estas disciplinas, as crianças têm a possibilidade de aprender, pelas experiências do próprio corpo, a agirem livremente no espaço em que vivem, interagirem com as pessoas que as cercam, além de expressarem sentimentos e pensamentos através de formas diferentes de comunicação corporal (p.1 - 2).

As experiências corporais são diretamente exploradas e desenvolvidas na dança, que ainda pode integrar as habilidades criativas e intelectuais dos alunos, proporcionando o uso da imaginação e do corpo para dar sentido às experiências sensório-motoras. Portanto, a dança na educação infantil deve permitir que as crianças compreendam suas ações particulares e coletivas através da linguagem corporal, visto que a exteriorização dos sentimentos humanos também se dá pelo movimento. Concordamos que, nesta faixa etária, o trabalho corporal em dança não deve priorizar uma técnica padronizada por limitar os movimentos das crianças. (SILVEIRA; LEVANDOSKI; CARDOSO, 2008).

Assim como as outras artes, a dança também possui conteúdos teórico-práticos específicos. Uma forma de alcançar bons resultados na construção destes conhecimentos e no desenvolvimento social, corporal, afetivo e cognitivo da criança é através da adoção do lúdico como recurso pedagógico, devido ao seu caráter dinâmico, criativo e atraente. Segundo Beatriz Kulisz (2006, p. 93), a “educação lúdica”, além de proporcionar a formação da identidade e da personalidade da criança, favorece a percepção crítica e o equilíbrio emocional, promovendo a interação entre o ‘eu’ e o ‘outro’ e estimulando a inteligência. Seu auxílio na aprendizagem pode tornar o processo educacional prazeroso, o que abre possibilidades para a criança aprender sem notar que está aprendendo, adquirindo conceitos ao imaginar(-se) novas situações e impulsionando sua curiosidade para buscar novos conhecimentos.

Não há como negar a importância e a necessidade das artes na educação infantil. Enfatizamos neste projeto de extensão a dança, nossa área de atuação. Acreditamos que unir a dança com aspectos lúdicos pode proporcionar às crianças desenvolvimento e aprendizagem integrais, envolvendo cognição e experiências sensório-motoras através de brincadeiras e atividades prazerosas. Assim, constroem-

se espaços para que as crianças vivenciem o conhecimento da dança como arte, com o objetivo de conhecê-la, apreciá-la e valorizá-la.

Como na nossa cidade, Viçosa, MG, a dança não faz parte do conteúdo desenvolvido na educação infantil, desenvolvemos esse projeto de extensão para suprir essa lacuna em algumas instituições filantrópicas – as mais carentes de arte, tendo em vista que seus alunos, geralmente de nível sócio-econômico mais baixo, não têm acesso a bens culturais e artísticos de qualidade. Nosso objetivo foi desenvolver oficinas semanais de dança, focando o seu ensino com a ludicidade para promover o desenvolvimento do saber artístico dos alunos participantes do projeto de extensão.

Dança e ludicidade se articularam para promover a construção do conhecimento em cultura e arte. Buscamos ainda incentivar as relações inter-sociais e intra-sociais, desenvolvimento motor e noções espaciais e temporais dos participantes. Justificamos esta ação extensionista pelo desejo que a dança ganhe espaço nos institutos responsáveis pela educação infantil como linguagem artística, e também seja apreciada e valorizada pelos alunos.

Método

Essa ação extensionista foi desenvolvida em quatro instituições de educação infantil, popularmente conhecidas em Viçosa como ‘creches’. Na verdade, atualmente, essas creches são ‘Centros Estudantis’ ou ‘Centros de Apoio’, pois desenvolvem também a alfabetização. A maioria dessas instituições, no município, atua com atividades típicas da pré-escola, e também com reforço escolar; assim, não se restringem a atender apenas crianças com idade de 0 a 6 anos. Nesse artigo, continuamos a referir às instituições como ‘creches’, visto que é assim que elas mesmas se identificam, ainda que perante a lei elas não correspondam a tal classificação.

As ‘creches’ escolhidas foram Santa Terezinha, São João Batista e as duas unidades ‘Rebusca’; são instituições com diferentes perfis, seja pela população a que atendem, por sua localização ou estrutura. Vale ressaltar que nenhuma delas oferecia aulas com professores específicos da área de Artes. Decidimos que a primeira semana de projeto teria como finalidade observarmos as creches participantes, bem como a atitude dos professores, direção e principalmente das crianças. Também avaliamos o espaço oferecido pelas creches, disposição dos alunos nas salas e os materiais com os quais poderíamos utilizar para melhor desenvolver o projeto.

Participantes

O projeto teve um total de 103 participantes com idade de dois a oito anos. O perfil financeiro das famílias dessas crianças é bem semelhante, ainda que habitem em diferentes localidades, a maioria tem uma renda baixa. Selecionamos as instituições participantes de acordo com um perfil específico: aquelas que não têm vínculos com o Governo seja ele municipal, estadual ou federal, e são, portanto, filantrópicas. Nessas creches, a maioria dos pais trabalha fora de casa, as famílias são carentes financeiramente e em alguns casos

habitam próximas à região da creche.

Para o presente relato serão contemplados os dados coletados dos participantes por meio de observação participante (APPOLINÁRIO, 2006) e questionários orais (considerando que a maioria das crianças não eram alfabetizadas). Nós éramos responsáveis por planejar e desenvolver as oficinas e interagíamos com os participantes durante as mesmas, além de observarmos e registrarmos suas atitudes, falas e comportamentos, o que classifica nossa observação como participante.

Procedimentos éticos do projeto de extensão

A princípio, encaminhamos às diretoras das creches selecionadas termos de autorização para que nos permitissem atuar semanalmente oferecendo oficinas de dança e posteriormente pudéssemos analisar, discutir e publicar a respeito dos dados coletados nas creches. Encaminhamos também aos pais ou responsáveis autorizações que permitissem às crianças a participação no projeto e a publicação das ações e resultados. Para preservar a identidade dos participantes, não identificamos seus nomes nesse artigo.

Práticas do Projeto

O projeto foi desenvolvido por um ano e incluiu oficinas práticas semanais de cinquenta minutos de dança com as crianças participantes. Por meio dessas atividades, objetivamos ampliar o vocabulário e conhecimento destas crianças em dança. Detalhamos e apresentamos a seguir uma síntese das atividades.

Durante as oficinas, geralmente abordamos elementos da dança como espaço e consciência corporal utilizando brincadeiras e histórias. Ensinaamos cantigas de roda, como a do samba-lêlê, o corre-cutia e por meio de uma adaptação destas brincadeiras, continuamos a trabalhar além das partes do corpo, a questão rítmica que envolve a dança. Adaptamos uma “amarelinha” (tradicional jogo infantil) cujas iniciais das cores utilizadas (Azul, Amarelo, Branco e Marrom) eram as mesmas dos níveis propostos por Laban (Níveis Alto, Médio e Baixo).

Em quase todas as aulas, o fechamento se dava com a Hora do Carinho, em que as crianças se deitavam no chão e recebiam de nós uma pequena massagem (que elas mesmas chamavam de ‘carinho’), ao som de uma música lenta. Tal atividade foi pensada inicialmente como uma forma de melhor nos aproximarmos dos alunos e também fazer com eles sentissem corporalmente um toque de afeto, já que muitas vezes eram deixados de lado pelos pais que não tem tempo de conviver com seus filhos ou mesmo que se esquecem da importância de se trocar gestos de carinho.

Além das oficinas, houve também a realização de duas apresentações de dança, uma no final do primeiro semestre e outra no final do segundo semestre; foram as mostras “Ladrilho, Ladrilhando e Brincando”. Preparamos coreografias para que as crianças das creches pudessem se apresentar. Como elementos coreográficos, utilizamos os conteúdos (jogos, exploração espacial e temporal, e outros) que já havíamos desenvolvido nas oficinas. Organizamos as atividades e ensaiamos as coreografias por algumas semanas

antes das apresentações. Além dos alunos das creches, também se apresentaram bailarinos profissionais e do curso de dança e alunos do projeto ‘Educação para as Artes’.

As mostras tiveram como objetivo oportunizar a vivência artística das crianças e o contato com o palco por meio da apresentação de uma síntese corporal das atividades que realizamos nas creches. Deixamos claro que os processos coreográficos não foram uma reprodução de movimentos, mas sim, fruto de um processo trabalhado nas aulas, uma demonstração de ludicidade e dança, brincadeiras e histórias infantis com o foco no corpo e no movimento, na dança.

Ressaltamos que nosso objetivo no projeto extensionista com a dança na educação aliada à ludicidade não teve como princípio formar bailarinos, e sim oportunizar a vivência em dança, o contato com a arte e educar para e pela dança. Sendo assim, acreditamos na importância do contato com o palco, com um público e com a emoção de fazer arte. Fundamentados nestes princípios, não criamos trabalhos coreográficos com passos codificados e reprodução de movimentos. As coreografias foram elaboradas com movimentações que surgiram a partir de figuras coreográficas e advindas das aulas de dança com as crianças. Cada turma apresentou um trabalho diferente.

A primeira apresentação do “Ladrilho” foi no o teatro do Departamento de Economia Doméstica da UFV. Antes da apresentação, levamos todas as creches para conhecerem o teatro para que as crianças se acostumassem com o local e também tivessem uma ideia mais concreta de como seria o espetáculo. Pelos relatos dos próprios alunos, podemos afirmar que a mostra foi bem sucedida, como será detalhado posteriormente nesse texto.

Ao final do ano, como já haviam experimentado a ‘magia’ de estarem em um palco, as crianças estavam com grandes expectativas para as apresentações. Optamos então por uma ideia mais ousada: realizar a mostra de dança itinerante. A mostra aconteceu nas quatro creches atendidas: Rebusca Centro, Rebusca Posses, Santa Terezinha e São João Batista. A programação seguiu a mesma que aconteceria em um teatro: todas as turmas do projeto apresentaram um número de dança, além das apresentações dos integrantes da equipe do projeto e de convidados dando aos espectadores acesso a outros gêneros. A Mostra aconteceu em parceria com a Coordenadoria de Comunicação Social da UFV (por meio da gravação na Rádio Universitária FM de uma das músicas cantadas pelas crianças, e que acompanharam uma das coreografias) e foi apoiada pelo Curso de Graduação em Dança da UFV e pela Secretaria Municipal de Educação de Viçosa, que nos cedeu o transporte para as crianças.

Resultados

Logo na primeira oficina pudemos perceber o quão diferentes eram os participantes de cada uma das creches. Algumas turmas eram muito agitadas e os alunos não conseguiam ficar assentados e se concentrar na história sendo contada e encenada pelos monitores do projeto (primeira atividade desenvolvida). Na Creche do Centro, por exemplo, isso ficou claro e se repetiu durante a maioria das outras oficinas aplicadas. Ao analisar o contexto de vida em que os alunos desta instituição pertencem, podemos refletir a partir de seus

comportamentos. Muitos encontram com os pais somente à noite, pois estes trabalham durante o dia. Outra questão é que lidamos com famílias cujos pais, muitas vezes, estavam separados, alguns até mesmo presos e os filhos, em sua maioria, não recebem o carinho e atenção necessários dos pais próximos, o que pode ser um motivo para chamarem a atenção nas oficinas.

Já em outras turmas era nítido o interesse pela proposta e a vontade de participar dela. Na creche situada em Posses, um bairro mais afastado do centro de Viçosa, o local nos lembra uma comunidade rural. Talvez a proximidade entre as crianças, que acontece além do horário em que convivem na creche, influencie no comportamento dócil das crianças umas com as outras.

Se no Centro são atendidas crianças de diferentes bairros e que muitas vezes convivem com a violência perto de casa, em Posses as crianças moram em uma região bem tranquila que é próxima à creche, não convivem com violência e possuem famílias mais próximas da instituição educacional. Muitas das mães passam o dia aprendendo e confeccionando artesanato por meio de atividades oferecidas pela própria creche, portanto a relação com seus filhos é de maior proximidade.

Em muitas atividades, em todas as creches, trabalhamos em grupo, em roda e observamos ser necessário um contato entre meninos e meninas. Desta forma, conseguimos aos poucos desenvolver a socialização entre os diferentes gêneros e o relacionamento interpessoal entre as crianças.

Antes de iniciarmos o projeto perguntamos às crianças o que era dança e o que elas conheciam de dança. Notamos na maioria das respostas a influência dos meios de comunicação no conceito das crianças sobre dança:

“(Conheço) Funk, Hip Hop. (Já vi) Dançarino na televisão.”

“Banda Deixa Vu. (Já vi essa dança) Lá em casa, na televisão.”

“(Dança) Só se for na televisão ou no palco”

“(Conheço) Funk”

“(Já vi) hip hop, (dança) da bundinha”

“‘Como Zaqueu, eu quero subir...’, já dancei forró”

“Carnaval (mexer o corpo, demonstrou). Caminho das Índias. Eu quero dançar isso, é legal.”

“Aquela música do DJ Juninho Portugal.”

O que classificamos aqui como ‘dança midiática’ são os estilos de dança amplamente difundidos pelos meios de comunicação, principalmente pela televisão, cujo acesso é alcançado pela maioria dos brasileiros, o que não difere dos participantes do projeto. Seja nos programas de auditório, nos videoclipes, nas novelas e outros, a dança se faz presente como mais um atrativo a ser apreciado, no entanto, a forma que esta linguagem artística é transmitida se torna questionável – principalmente como explora a sexualidade.

Foi gratificante observar como os alunos, após terem oficinas de dança do projeto, passaram a relacionar dança com ludicidade, como exemplificado nas seguintes falas em que relataram o que tinham aprendido nas oficinas:

“Aprendi a jogar o dado, brincar, correr, fila, ciranda, música, brincando.”

“Caracol, coelhinho. Tem a que a gente coloca um chinelo e depois o outro no lugar e aí música muito alto tinha que correr e Rema Rema era devagar.”

“Dança do coelho, estátua, caracol.”

“Pula Corda”

“Amarelinha”

“Ciranda que tem roda”

“Dança de criança”

“Aprendi a dançar muito, da estátua, do caracol, aquela da Iara”,

“Aprendi a dançar, fazer barangandão, pula carniça, dançar Hip Hop”

“(As monitoras) Deram tinta, a folha pra nós desenhar, nós ia lá na laje e dançava, nós brincava de estátua devagarzinho e forte.”

“Telefone sem fio, cabo de guerra e carrinho de mão.”

Outra relação entre dança e ludicidade é percebida na seguinte fala:

“Acho bonito dançar! Sabe o o Saci-pererê? Ele não pula com um pé só? Então, parece que ele ‘tá’ dançando!”

Essas respostas indicam que o principal objetivo do projeto, ensinar conteúdos específicos da dança aliando-os à ludicidade, foi alcançado. Outros conteúdos mais conhecidos e trabalhados nas oficinas foram também relatados pelos participantes:

“(Já tive oficinas) De Hip Hop. Disso aqui ó (e começou a dançar Judô, Capoeira)”

“Música que a gente se mexia”

“De balé”

“Dança de Rua”

“Capoeira”

Em relação à mostra, percebemos que as crianças apreciaram-na bastante. Para reforçar nossa percepção, ressaltamos os seguintes comentários: “tio, quando a gente vai dançar de novo?”, “eu gostei do ‘bêbado’ dançando!” (o bêbado foi um dos personagens representados por um bailarino do Curso de Dança da UFV). O fato das apresentações terem sido marcantes também ficou claro em uma das últimas perguntas do questionário

oral, em que indagamos ‘qual foi a aula mais legal?’ e muitas se referiram a alguma das danças apresentadas na mostra “Ladrilho, Ladrilhando e Brincando.” Notamos que a fruição é pouco desenvolvida na educação infantil, no entanto conseguimos explorar este aspecto.

As respostas a respeito do que era ensinado nas oficinas de dança indicaram que as crianças se referiram principalmente às coreografias que elas mesmas apresentaram nas mostras:

“Babaloo”

“de Papai Noel, barba, sacola”

“coelhinho sai da toca”

“Dançar é balançar a mão e dar a mão para os colegas para agradecer. Eu gosto de dançar.”

“Já (dancei) no palco, aqui na creche”

Acima estão apenas exemplos. Uma delas inclusive respondeu que sua oficina de dança era “De apresentação”! Houve crianças que se referiram a números que haviam assistido nas mostras de dança:

“Tinha (a dança) dos meninos que usavam cadeiras e balões”

“Daquelas meninas que ‘tavam’ dançando. Dança de rua, bailarina.”

Os questionários foram aplicados, em sua maioria, logo após o fim das apresentações da segunda mostra; então, esta era a referência mais recente e que poderia ser lembrada mais facilmente pelos participantes.

Os resultados apontaram que as mostras realmente oportunizaram às crianças uma vivência artística, mais especificamente a dança como linguagem a ser compartilhada com um público, valorizando todo trabalho desenvolvido com as crianças no dia-a-dia do projeto. Não se tratou de uma exímia apresentação, de um grande espetáculo, e sim de uma mostra do que foi desenvolvida paulatinamente ao longo das aulas do projeto. O foco dos bailarinos alunos das creches, mesmo na mostra, foi articular ludicidade e dança, assim como foi feito ao longo do semestre. As brincadeiras e danças foram estruturadas em coreografia, portanto, foram escolhidas as brincadeiras que as turmas mais se identificaram para unir e compor o trabalho artístico de cada turma do projeto.

Há de se destacar a presença de um monitor, Guilherme, como professor de dança. A maioria das crianças na educação infantil somente tem aulas com mulheres. A presença masculina fez com que se notasse, inicialmente, uma distância dos alunos para com ele. Ao longo das atividades, a receptividade e a afetividade deles com as oficinas e com o professor aumentou, pois as crianças com o tempo passaram a lhe abraçar quando chegava na creche, o que não era comum no começo. Já a relação com as voluntárias do projeto foi receptiva desde os primeiros encontros. Provavelmente porque as crianças

associam as figuras de professora, mulher e mãe.

Outro ponto interessante é que as crianças estão acostumadas a chamar a professora de tia e isso é transferido para a pessoa que ministrou as atividades. Muitas vezes Guilherme foi chamado de ‘tia’ e então foi explicado que ‘tia’ era para mulher e ‘tio’ para homem. Alguns ainda não se acostumaram com a ideia.

A presença feminina neste segmento da educação é predominante. Isso nos leva a refletir sobre o preconceito existente sobre professores do sexo masculino da educação infantil e também de dança, o que faz com que muitos não escolham tais profissões. Nas creches atendidas, encontramos somente um professor e ainda assim o mesmo trabalha reforço escolar com alunos da 4ª série do ensino fundamental.

Como forma de envolver os alunos nas aulas, aproveitamos os conhecimentos prévios dos mesmos, bem como suas movimentações. Neste sentido, algumas crianças passaram a participar das aulas, ainda que fosse somente dançando Hip Hop – o gênero preferido pela maioria. Certa vez, foi levado um pandeiro para desenvolver ritmo e musicalidade e aproveitamos o fato que um aluno tocava pandeiro muito bem para explorá-lo na coreografia da mostra.

A respeito da ‘Hora do Carinho’, é importante ressaltar que as crianças sempre cobravam este momento no final de cada encontro. A princípio, apenas nós, monitores no projeto, fazíamos carinho nelas, mas depois, por sugestão e vontade das mesmas, passou a ter uma troca de carinho entre elas próprias e elas também faziam carinho em nós. Não havia mais a distância entre diferentes gêneros – meninos e meninas. Tal contato nos aproximou dos participantes e aumentou a relação interpessoal existente no ambiente escolar.

Notamos que a hora do recreio é o principal momento em que as crianças podem brincar. Muitas vezes, as crianças associam nossas oficinas de dança com ‘liberdade’ de fazer o que quiserem, como se fosse um recreio. Tirá-las das carteiras e ao mesmo tempo manter uma mínima ordem para podermos realizar as oficinas foi um desafio. Foi notável que a participação das crianças é bem menor dentro da sala de aula em se comparando com o ambiente externo à sala de aula.

Notamos que houve uma ampliação nos saberes construídos nos corpos das crianças, que muitas vezes não conseguiam se expressar verbalmente com fluência. Percebemos que as oficinas de dança e as apresentações proporcionaram a exploração, conhecimento e comunicação de cada corpo, além de promover a ampliação da compreensão desta linguagem artística.

Considerações Finais

Percebemos que o projeto assegurou aos participantes acesso à prática regular da dança de forma lúdica e educacional, aspectos que deveriam ser fundamentais no contexto cultural de todo cidadão. Os resultados indicam que a arte pode influenciar na formação da identidade de cada ser humano, contribuindo para que a criança amplie suas linguagens. Eles ainda sugerem que o trabalho artístico aliado a um elemento fundamental para esta faixa etária, o lúdico, pode proporcionar uma educação para e pela dança que desenvolve

aspectos físicos, cognitivos, relacionais e estéticos. Sugerimos que projetos extensionistas similares explorem metodologias educacionais que contribuam para que as crianças na educação infantil ampliem suas linguagens e aprendam brincando.

O projeto deixou clara a importância de trabalhos extensionistas de dança na educação infantil. Pillotto e Mognol (2003) afirmam que as crianças da faixa etária com que trabalhamos muitas vezes não conseguem se expressar verbalmente, portanto, para se comunicarem usam o corpo, o movimento. Valle (2005) afirma que a educação na atualidade parece ter esquecido os saberes do corpo, privilegiando a mente. Através da dança, podemos promover esta interação. Ensinar a dança em instituições de educação infantil é promover uma democratização de seu ensino, que muitas vezes é restrito e/ou elitizado. Além disso, precisamos promover uma aproximação das crianças com esta linguagem artística para além do que é anunciado e divulgado na indústria cultural, a fim de estimular sua valorização e ampliar o conhecimento de arte e cultura em nosso país.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da Ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo – SP. Editora Pioneira Thomson Learning, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: < ftp://ftp.fn.de.gov.br/web/fnde/plano_nacional_educacao.pdf >. Acesso em: 03/01/2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília-DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília-DF : MEC/SEF, 1997.

PILLOTTO, S. S. D.; MOGNOL, L. C. **Propostas para a arte na educação infantil**. Boletim 31 - Arte na escola, São Paulo SP, p. 3 - 4, 03 maio 2003. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=24> Acesso em: 27 set 2010.

SANTOS, J.; LUCAREVSKI, J. SILVA, R. M.. **Dança na Escola** – Benefícios e Contribuições na Fase Pré-Escolar. Centro Universitário Filadélfia – UniFil (Brasil). 2005.

SILVEIRA, R. A.; LEVANDOSKI, G.; CARDOSO, F. A dança infantil enquanto expressão. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 13, Nº 121, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd121/a-danca-infantil-enquanto-expressao.htm>> Acesso em: 28 fev 2011.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO CULTURAL DO CIDADÃO

THE NON-FORMAL EDUCATION PAPER AND ITS CONTRIBUTIONS IN THE CITIZEN'S CULTURAL DEVELOPING

UEPG - PR

Ana Claudia Bastiani¹

Anselmo Rodrigues de Andrade Júnior²

Cláudio Jorge Guimarães³

Wilton Correia Paz⁴

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo colocar em foco a relevância com que ações extensionistas bem estruturadas, resultantes de processos de ensino e pesquisa, podem contribuir na capacitação de profissionais da educação a olhar para outras formas de atingir o "ser social", bem como a possibilitar o desenvolvimento de metodologias diferenciadas de integrar arte e educação. O lançamento de uma exposição temática sobre o Abstracionismo disponibilizada pela Galeria de Arte UEPG, aliado ao arte-educador que, motivado pela temática da exposição e vendo a possibilidade de estreitar o contato do aluno com a arte, aplicando a abordagem triangular de Ana Mae, contextualizou em sala de aula o movimento artístico denominado Abstracionismo em suas características, história e fundamentos para, posteriormente, acompanhar os alunos à Galeria onde estes tiveram contato real e palpável com a arte, isto é: educação não-formal, para então, retornando à escola, possibilitar o fazer artístico fundamentado. Tal processo, aplicado em diferentes esferas sociais, podem vir a contribuir de maneira direta na formação do cidadão, reafirmando também a importância da extensão universitária na disseminação de conhecimentos e novas práticas na relação ensino-aprendizagem e apreciação da Arte.

Palavras-chave: Galeria de Arte. Museu. Educação não-formal. Práticas Educativas.

ABSTRACT

This article has as goal focus the relevance of well-structured extension actions, result from teaching and research processes, in contribution of preparing education professionals to look for other ways to approach "the social being", as well as enable the developing of different methodologies to integrate art and education. The releasing of an exposition about Abstracting, organized by UEPG's Art Gallery, inspired an art-teacher, who was motivated by exposition's theme to look for some possibilities to approximate students and art using the Ana Mae's approach method. In class, the art-teacher contextualized the Abstracting and its characteristics, history and basis, after that followed the students to the Gallery in order to have a real and touching contact with the art. That is: non-formal education to enable a reasoned artistic doing at school. This process, applied in different social contexts, can be able to contribute directly in citizen's formation, also reaffirming the importance of university extension in knowledge dissemination and in new practices related to teaching-learning and art appreciation.

Keywords: Art Gallery. Museum. Non-formal Education. Educational Practices.

¹ Professora do Estado, Acadêmica do Projeto de Extensão "Galeria de Arte UEPG" em 2010, ana_bastiani@hotmail.com

² Professor lotado no Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Supervisor do Projeto de Extensão "Galeria de Arte UEPG", jr.andrade83@gmail.com

³ Professor Doutor, lotado no Departamento de Turismo da UEPG, Supervisor do Projeto de Extensão "Galeria de Arte UEPG", cjuima@hotmail.com

⁴ Curador, Professor do Estado e Coordenador do Projeto de Extensão "Galeria de Arte UEPG", willyzanne@gmail.com

Introdução

O presente artigo é resultado de uma prática aplicada junto ao Projeto de Extensão “Galeria de Arte UEPG”, desenvolvido a partir de maio de 2010 na Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, e tem como objetivo colocar em foco a relevância com que ações extensionistas bem estruturadas, resultantes de processos de ensino e pesquisa, podem contribuir na capacitação de profissionais da educação a olhar para outras formas de atingir o “ser social”, bem como a possibilitar o desenvolvimento de metodologias diferenciadas de integrar arte e educação.

Enquanto projeto extensionista, o público alvo é a comunidade que participa das exposições, desde seu lançamento protocolar onde há a participação de acadêmicos do Curso de Bacharelado em Turismo até as visitas mediadas por acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UEPG, em um processo entendido como educação não-formal.

Neste trabalho, entende-se a educação não-formal conforme apontado por Gohn(1999) citado por Falcão (2009, p. 18):

a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos.

Para a análise do projeto em questão faz-se necessário destacar a diferença entre os Museus e Galerias de Arte enquanto espaços arquitetônicos onde são expostas obras de arte, para então poder correlacioná-los com a utilização atual destes espaços enquanto ambientes não-formais de educação.

Nesse sentido, para Falcão (2009), museu é uma palavra de origem latina proveniente do termo Museum, que por sua vez deriva do grego mouseion. Inicialmente, faz referência ao templo dedicado às nove Musas, filhas de Zeus com Mnemosine, a deusa da Memória. No entanto, foi só a partir do Renascimento que este termo passou a ser aplicado em relação a coleções de objetos de valor histórico e artístico.

Os primeiros museus surgiram de coleções privadas de pessoas, famílias ou instituições detentoras do poder, porém, eram acessíveis apenas para uma minoria restrita de pessoas. O Museu do Louvre, aberto após a Revolução Francesa, foi o primeiro museu público, sendo esta a primeira vez na história que se permitiu acesso livre às antigas coleções da realeza francesa a pessoas de todos os níveis sociais. Desde então, o museu passou a ser visto como instrumento de educação e que pode contribuir para o processo de formação.

Segundo o Sistema Brasileiro de Museus:

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose. (Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/oquemuseu_apresentacao.htm> Acesso em 16 de março de 2011)

Conforme o acima exposto pode-se entender que os museus devem estar em constante processo de transformação ou de adequação aos tempos, aos contextos sociais e culturais diferenciados.

O Departamento de Museus e Centros Culturais, do Instituto do Patrimônio Histórico e artístico

Nacional – IPHAN – define de forma mais ampla o que vem a ser o museu, abordando a questão das exposições, da seguinte forma:

O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

I – o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;

II – a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimento e oportunidades de lazer;

III – a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;

IV – a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural sejam eles físicos ou virtuais;

Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram funções museológicas. (Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/queemuseu_museusdemu.htm>, Acesso em 16 de março de 2011)

Já “Galeria de Arte” pode ser definida como um espaço destinado a pinturas, esculturas, instalações e outras formas de expressão das artes visuais, onde estas são expostas e devem possibilitar segurança, visualização, correto posicionamento, iluminação e circulação do público.

Uma Galeria de Arte pode funcionar estruturalmente de maneira independente, mas também pode fazer parte de um Museu. O principal diferencial é a possibilidade de comercialização das obras que se dá em uma Galeria. Os Museus, por sua vez, além de possuírem um acervo e em termos de arquitetura normalmente utilizarem-se de espaços amplos ou construções arquitetônicas já pensadas para esse fim, acabam por denominar suas salas de exposições como Galerias, as quais recebem o nome de um artista de notória significância dentro das Artes, apresentando exposições sem caráter de comercialização das obras ali expostas, como é o caso do Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

Podemos destacar que, tanto os Museus com uma roupagem atualizada e não mais de exposições de artefatos históricos, trazendo ao público obras de diferentes artistas, quanto as Galerias em ambientes mais acanhados, buscam hoje dispor as obras de maneira tal que o público possa apreciar a arte de forma descontraída, e que indiretamente estará contribuindo para a formação cultural do cidadão.

Ponto de Partida

Sabe-se que uma Escola e uma Galeria têm diferentes propostas e são também espaços culturais únicos, uma vez que apresentam objetivos particulares na formação do cidadão.

Segundo Araújo (2006, p.1),

A apresentação interdisciplinar de temas, é o primeiro motivo que comumente leva os professores a incentivar a visitação à museus, seguido da interação com o cotidiano dos estudantes e, por fim, da possibilidade de ampliação cultural proporcionada pela visita.

Uma Galeria de Arte, assim como um Museu, dentro do contexto atual são espaços propícios ao desenvolvimento e fruição cultural, uma vez que possibilitam o acesso a novas linguagens, a conhecimentos de valores teóricos e também o estímulo à curiosidade dos visitantes, tornando-se um instrumento a favor do aprendizado.

Para a análise proposta neste trabalho, partiu-se do pressuposto instituído pela Dra Ana Mae Barbosa, referência brasileira no estudo da Arte, em sua abordagem triangular de ensino-aprendizagem da Arte dentro da escola, que se sustenta em:

- Conhecer a história,
- Fazer a leitura de uma obra de arte
- Produzir arte - seja através da releitura ou mesmo da criação.

Segundo Santos (2008, p.328),

A riqueza da Proposta Triangular perpassa pelas possibilidades de construção de uma metodologia por parte dos professores que passaram a considerá-la mostrando-se, a nosso ver, adequada ao ensino-aprendizagem das Artes Visuais nessa contemporaneidade – decididamente marcada pelas inovações tecnológicas. Isto porque se faz necessário valer-se de vários conceitos para compreender a produção, veiculação, fruição e novas possibilidades como fazer e como saber fazer, por exemplo, nesse contexto.

Assim, utilizando-se como referencial teórico a “Proposta Triangular” (BARBOSA, 2005) e tendo como base a exposição composta por 30 obras de 19 artistas, sob Curadoria do Coordenador da Galeria de Arte UEPG – Wilton Paz – ocorrida no período de 1º a 26 de julho de 2010, denominada “Exposição Temática – Abstracionismo”, a Galeria, além da publicidade e de uma mala direta enviada aos professores de Arte cadastrados junto ao Núcleo Regional de Educação de Ponta Grossa – NRE, informando o período de realização da mesma, disponibilizou um ônibus da Instituição aos professores interessados para que estes possibilitassem aos alunos o contato direto com a arte.

Entendendo a Galeria de Arte da UEPG como espaço não-formal de educação que possibilita o desenvolvimento da fruição artística, e que pode contribuir para a formação cognitiva do aluno, buscou-se, por meio da articulação entre Galeria – Escola - Professor, aplicar a abordagem triangular sem desvincular o caráter extensionista do projeto.

O total de alunos visitantes da exposição ficou em 505 (quinhentos e cinco), cerca de 14 turmas de diferentes escolas públicas, número relativamente baixo se levado em consideração o número de escolas na cidade de Ponta Grossa.

Alguns dos alunos que visitaram a galeria durante esse período faziam parte do 2º ano do ensino médio do Colégio Estadual Padre Carlos Zelesny e foram convidados pelo professor de Arte daquela escola, Anselmo Rodrigues de Andrade Júnior, que por sua vez também é supervisor do projeto “Galeria de Arte UEPG” junto aos acadêmicos de Artes

Visuais da Universidade.

O professor, motivado pela temática da exposição e vendo a possibilidade de estreitar o contato do aluno com a arte, aplicando a abordagem triangular de Ana Mae, contextualizou em sala de aula o movimento artístico denominado Abstracionismo em suas características, história e fundamentos para, posteriormente, acompanhar os alunos à Galeria onde estes foram recepcionados pela mediadora Ana Claudia Bastiani.

O trabalho de mediação permite ao aluno “fazer a leitura de uma obra de arte” de maneira instigativa, agregando aos conhecimentos teóricos prévios a possibilidade de ir além de uma leitura formal.

Mediação: Provocação, não é imposição de idéias, mas leva o aluno (publico em geral) a perceber ângulos inusitados com diferentes perspectivas de seu próprio pensamento. Ampliação de conhecimento tem que fazer sentido e relacionar com experiências para desenvolver o estético estimulando e ressignificando o conhecimento. (MARTINS, 2007, p.76).

Ao receber os alunos e procurando ambientá-los, a mediadora explicou-lhes que a Galeria de Arte UEPG está localizada em um prédio tombado Patrimônio Histórico do Estado do Paraná, construído em 1902, onde se vendiam de ferragens a modernas máquinas de costura. Comentou também que, no governo de José Richa (década de 1980), o prédio foi restaurado pela primeira vez e repassado para a Universidade Estadual de Ponta Grossa e em 2002 passou pela segunda restauração, sendo considerado uma das mais importantes construções históricas da cidade.

FIGURA 1 – Visita a Galeria



Mediadora recepcionando os alunos – Foto: Wilton Paz – Acervo da Galeria

Já na Galeria, os alunos observaram livremente as obras e puderam identificar características tais como obras abstratas líricas e geométricas, uso das cores, linhas e composição. Auxiliados pela mediadora, em uma conversa direcionada, foram instigados

a questionar e também a responder questões já trabalhadas pelo professor em sala de aula. Este é o momento em que um processo não-formal de educação reafirma aquilo que o processo formal mostrou, transformando de maneira elucidativa a visão sobre o objeto estudado.

FIGURA 2 – Identificando o Abstracionismo



Alunos ouvindo explicação da mediadora – Foto: Wilton Paz – Acervo da Galeria

Há que se destacar questionamentos quanto ao valor comercial das obras, o não entendimento do que viria a agregar o valor final. Outra frase destacada dos alunos é a afirmativa de “Isso eu também faço”. A diferenciação entre os estilos e a possibilidade de “ler” uma obra de arte real e palpável foi o que despertou maior interesse, uma vez que, em sala, só conheciam obras de arte através da TV-Pendrive, disponibilizada pelo Governo do Estado.

FIGURA 3 – Interação



Aluno respondendo questionamento da mediadora – Foto: Wilton Paz – Acervo da Galeria

FIGURA 4 – Elucidando dúvidas



Mediadora respondendo pergunta de aluno – Foto: Wilton Paz – Acervo da Galeria

Encerrada a visita à Galeria de Arte UEPG, os alunos dirigiram-se até o Museu Campos Gerais, localizado a duas quadras da Galeria, onde, agora acompanhados por acadêmicos do Curso de História, tiveram a possibilidade de entrar em contato com artefatos e elementos históricos da região, podendo sentir também a diferença entre uma Galeria de Arte e um Museu.

Resultados

O resultado da práxis se deu quando o professor propôs aos alunos a produção de obras seguindo a temática do abstracionismo, utilizando os conhecimentos repassados em sala de aula e na visita à Galeria.

No desenvolvimento da atividade prática surgiram novamente os questionamentos feitos na Galeria quanto ao valor de uma obra de arte, composição e combinação de cores, uso de elementos formais e formas geométricas, capacidade de fazer igual ou até melhor que os trabalhos observados, entre outras questões que reafirmaram a contribuição que atividades não formais de educação podem trazer para o crescimento intelectual e cultural dos cidadãos.

Surgiram então obras inspiradas em Pollock, Mondrian, Paul Klee, Tomie Ohtake, Kandinsky entre outros, mostrando a transformação de algo que era inicialmente improvável, passando por um “isso eu também faço”, até chegar a produção final do aluno.

Nesse sentido, conforme Santos (2008, p.329),

Sensibilizar-se para as possibilidades criativas de nossos alunos é munir-se de valores que passarão a travar diálogos com as tradições impostas ao longo da história do ensino da arte no Brasil e as potencialidades desses alunos. Esses alunos, ao se valerem de técnicas, linguagens e materiais e, ainda, conscientes de um fio condutor de caráter metodológico, passam a ser capazes de

produzirem imagens – individualmente e em grupos – e reflitam acerca dessas produções.

Assim, motivados pela visita a Galeria e após dicas sobre curadoria e montagem realizadas pelo professor, os alunos montaram uma exposição no corredor principal da escola, possibilitando ampla divulgação do trabalho realizado. Encerrou-se, nesse processo, a terceira fase da Abordagem Triangular, o de fruir e produzir arte.

FIGURA 5 – Produzindo Arte



Trabalhos dos alunos expostos na escola – Foto: Wilton Paz – Acervo da Galeria

FIGURA 6 – Minha obra também se lê



Professor e Mediadora efetuando a leitura dos trabalhos dos alunos expostos na escola –
Foto: Wilton Paz – Acervo da Galeria

Considerações

A extensão universitária se articula com o ensino e a pesquisa na Universidade e é ela que pode divulgar na sociedade os resultados do conhecimento, possibilitando o desenvolvimento da cidadania. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a sociedade tem, ao seu alcance, a possibilidade de apreciar a arte como instrumento de sensibilização e conhecimento, onde com projetos articulados entre universidade, escolas, galerias, professores, alunos e mediadores podem acontecer novos olhares para a produção artística bem como novas metodologias na relação ensino aprendizagem e formação do ser social.

Nesse contexto, o Projeto Galeria de Arte UEPG busca contribuir para o crescimento do indivíduo, uma vez que escola traz o embasamento teórico fomentado pelo professor, insere-se o aluno na Galeria para uma visita mediada e, ao final, possibilita o fazer artístico utilizando e associando conhecimentos diversos no campo da arte.

Dessa forma,

Valorizar a produção do aluno é compreender a dimensão epistemológica da Arte: o conhecimento em arte não se dá apenas na escola, pois os repertórios imagéticos que os alunos carregam são objetos a serem conhecidos. No ambiente escolar, o conhecimento em arte não deve priorizar, apenas as imagens consagradas universalmente. Os lugares de origem dos alunos — e suas famílias — trazem imagens que são ricas em informação cultural que favorecem discursos e reflexões acerca da diversidade, da pluralidade cultural e da importância social da imagem. Fotografias, filmes, convites, desenhos, mapas e outros atestam a importância que os vários modos de se registrar determinados momentos imbricam questões sociais, culturais e antropológicas. As relações que o aluno pode estabelecer entre sua produção e o que está na galeria, nos museus, nos catálogos ou em outros dispositivos é um exercício rico que pode promover conhecimentos consistentes e, principalmente, a valorização do ensino-aprendizagem que, conseqüentemente exige do professor reflexões acerca de sua própria formação. (SANTOS, 2008, p.331)

Para a eficácia desse processo faz-se necessário o trânsito por um triângulo equilátero de ações que se fundamentam no professor na sala de aula, na figura do mediador na galeria e na disponibilização das obras pelos artistas.

Uma vez alcançados esses pontos, uma galeria de arte, tida como um espaço não-formal de conhecimento, pode vir a contribuir de maneira direta na formação do cidadão, reafirmando também a importância da extensão universitária na disseminação de conhecimentos e novas práticas na relação ensino-aprendizagem, como é o caso no presente projeto.

Tal metodologia não se restringe à escola e aos professores, mas pode ser estendida a outras esferas sociais tais como grupos de terceira idade, entidades assistenciais, entre tantas outras, facilitando assim o acesso e a possibilidade de apreciação da Arte e da cultura à sociedade.

REFERENCIAS

ARAÚJO, H. M. M. Memória e produção de saberes em espaços educativos não-formais. In: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Helena%20Maria%20Marques%20Araujo.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

BARBOSA, A. M. **A Imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____, **Arte-educação: conflitos/acertos.** São Paulo: Max Limonad, 1985.

_____, (org.) **Arte-educação: leitura no subsolo.** São Paulo : Cortez, 1999.

BASTIANI, A. C. **Mediação para exposição em arte: um caminho trilhado em contextos culturais e sociais.** Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2010.

CHAGAS, I. **Aprendizagem não-formal/formal das ciências:** relação entre museus de ciências e as escolas. Revista de Educação, Lisboa, v. 3, n. 1, 1993. p. 51-59.

FALCÃO, A. **Museu e escola: educação formal e não-formal.** In: BRASIL : Coleção Salto para o Futuro. Ano XIX – Nº 3 – ISSN 1982 - 0283 – Maio/2009.

GOHN, M.G. **Educação Não-Formal e Cultura Política:** impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

HERNANDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARANDINO, M. Museu e escola: parceiros na Educação científica do cidadão. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTINS, M. C. Mediação: estudos iniciais de um conceito. Blogspot.com. 16 de Abril. 2011, p.76. Disponível em: <<http://equipearte.blogspot.com/2007/06/mediaoestudos-iniciais-de-um-conceito.html>> Acesso em: 16 abr. 2011.

MARTINS, M.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. **Didática do Ensino de Arte: a Língua do Mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998, p.197.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1997.

PILAR, A. D. **Desenho e construção do conhecimento da criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

READ. H. **A Educação pela Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, M. L. **Arte-educação e tecnologia no ensino médio: reflexões a partir da proposta triangular.** 2006. 162f. Dissertação (Mestrado em Arte) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: < http://www.vis.ida.unb.br/posgraduacao/disserta_tese/dissertacao_moiseslucas.pdf><<http://hdl.handle.net/10482/5670>> Acesso em: 6 fev. 2011.

_____, **Fazer Artístico no Ensino Médio: reflexões a partir da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.** In: 9º Encontro de Pesquisa em Educação da Anped Centro-Oeste, 2008, Taguatinga DF. 9º Encontro de Pesquisa em Educação da Anped Centro-Oeste. Taguatinga : UCB, 2008. p. 320-335.

TEIXEIRA, E. D. R. **Educação pela arte: Instrumento para a formação do homem crítico.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Católica de Brasília, 2007.



VER PARA CRER, TOCAR PARA VER: 1ª EXPOSIÇÃO DE ARTES VISUAIS PARA CEGOS NOS CAMPOS GERAIS

SEEING IS BELIEVING, TOUCHING IS SEEING: 1ST VISUAL ARTS EXPOSITION TO BLIND PEOPLE IN CAMPOS GERAIS

Ivana Dantas Rego¹

Nelson Silva Junior²

UEPG - PR

RESUMO

O presente artigo relata o processo que resultou na primeira exposição de Arte Visuais totalmente voltada para pessoas cegas, realizada na cidade de Ponta Grossa, a partir do projeto Ver Para Crer, Tocar Para Ver, que deu o nome à exposição. Tendo a Arte como instrumento principal de inclusão social, esta exposição possibilitou para essas pessoas um espaço para o exercício de seus direitos e uma perspectiva na melhoria da qualidade de vida. O projeto Ver Para Crer, Tocar Para Ver teve como uma de suas diretrizes principais a pesquisa sobre o uso da cor e da forma para a produção de obra de arte tátil, dando condição à apreciação e fruição da Arte de forma plena pela pessoa cega.

Palavras-chave: Arte. Arte Tátil. Inclusão. Interação. Cidadania.

ABSTRACT

This article describes the resulted process of the first Visual Arts Exposition totally prepared to blind people, held in Ponta Grossa, from the Seeing is Believing, Touching is Seeing, what named the exposition. Since the art is the main instrument of social inclusion, this exhibition made available for these people a right exercising space and a perspective of improving the quality of life. Seeing is Believing, Touching is Seeing Project had, as one of its main guidelines, research on color and form uses to produce tactile art, providing total condition to a blind person have an art appreciation and enjoyment .

Keywords: Art. Tactile art. Inclusion. Interaction. Citizenship.

¹ Mestre, professora colaboradora do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenadora do projeto. mcirego@uol.com.br

² Mestre, professor do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenador do projeto. nelsonsj194@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho trata da primeira exposição de arte para pessoas cegas na cidade de Ponta Grossa, efetivada através do projeto Ver Para Crer, Tocar Para Ver, que aconteceu com apoio do Departamento de Artes e da Galeria de Arte PROEX, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Dele participaram: professores e acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UEPG e artistas plásticos da cidade de Ponta Grossa. O projeto realizou-se no ano de 2009 envolvendo a comunidade, em especial a comunidade de pessoas cegas, priorizando assim um importante eixo da educação, a inclusão, fortalecendo juntamente com professores e acadêmicos o trinômio Ensino - Pesquisa - Extensão.

O Projeto, que teve como foco as pessoas cegas, apresentou uma produção que permitiu a interação tátil entre o espectador e a obra e não tinha a intenção de aproximar os cegos a uma normalização, mas de criar um ambiente que lhes desse condições de acesso a Arte, o mais semelhante possível à percepção, da forma e da cor, de pessoas videntes.

Segundo Emílio Figueira, na Antiguidade Pagã as pessoas cegas estavam destinadas ao isolamento e ao abandono, sendo consideradas pessoas desprezíveis e inúteis para a sociedade. Os cegos desse período eram pessoas totalmente excluídas dessa sociedade. É na Idade Média que surge a primeira oportunidade para que as pessoas cegas encontrem o que Figueira (2003) chama de “uma posição no mundo”, quando surgem os cancioneiros, declamadores e jograis, artistas que se dedicam a uma arte centrada na fala e na canção. Esta é uma das primeiras manifestações que possibilitaram às pessoas cegas se organizarem enquanto profissionais e constituírem uma classe.

No Renascimento os cegos passam a ser tema para alguns dos grandes artistas da época e assim podemos encontrar na História das Artes Visuais. Segundo Figueira (2003), são exemplos obras como “Parábola dos Cegos” de Pieter Bruegel, na qual o pintor retrata um grupo de pessoas cegas caindo em uma vala; “O Tocador de Alaúde”, de La Tour e “Os Cegos de Jericó”, pintado por Nicolas Poussin, em 1651, onde o artista retrata Jesus curando dois cegos. Essas manifestações demonstram que a sociedade renascentista ainda via as pessoas cegas como pessoas a margem dessa sociedade ou como executores de poucas atividades.

As artes, em especial a partir da música, representaram para as pessoas cegas as primeiras oportunidades de inserção num mundo que as excluía. Nas Artes Visuais os cegos passaram de tema à artistas, timidamente no século XIX e com maior intensidade a partir do final do século XX. Hoje vivemos um momento que discute não a Arte produzida por pessoas cegas, mas sim a Arte produzida para pessoas cegas. É cada vez maior o número de artistas, professores de Arte e espaços como museus e galerias voltados para as problematizações que envolvem uma exposição na qual pessoas cegas possam participar como observadores e fruidores da Arte exposta.

Em sua maioria, temos testemunhado exposições que estão, prioritariamente, preocupadas em fazer com que o visitante possa “provar” das sensações que uma pessoa cega tem ao entrar em contato com uma escultura, uma pintura ou uma fotografia. Artistas como Eni D’Carvalho, com a exposição “Sentir e Agir” e Cristina Portela, com a exposição “Cores do Silêncio”, têm, segundo as próprias artistas, buscado a quebra do paradigma “Não toque”, comum em exposições de Artes Visuais. O trabalho dessas

artistas tem reconhecimento internacional, destacando-se como pioneiros na Arte Tátil.

Segundo Ganzarolli (2002), a falta de visão é tida até hoje como o mais grave dos impedimentos sensitivos, o que o próprio autor contesta ao analisar a perda dos cinco sentidos: o homem desprovido de olfato consegue adaptar-se sem grandes dificuldades. O grau de dificuldade aumenta quando se trata do paladar, aumentando ainda mais quando se trata da audição. Para o autor, uma pessoa com a perda de qualquer um dos sentidos mencionados pode manter sua deficiência despercebida em diversas ocasiões, tendo assim um convívio social facilitado. Quando se trata da cegueira, esta é facilmente identificável, dificultando muitas vezes a convivência em sociedade, seja pelas restrições impostas pela falta da visão, seja pelo próprio preconceito que envolve a cegueira.

Entretanto, continua o autor afirmando que a pior das carências, no campo sensorial, não é a visual: “A vida tende a tornar-se bem mais difícil diante da ausência completa de visão; mas a vida torna-se efetivamente impossível, no que tange à posse integral dos cinco sentidos, apenas se uma pessoa não possui o tato”. O tato, por estar ligado à percepção da dor, nos alerta sobre o perigo do contato com determinados objetos que teriam efeitos nocivos ao nosso organismo.

O tato dita-nos os limites físicos entre nós e os outros seres, na medida em que se expande pela superfície corpórea, colaborando ainda para o nosso equilíbrio mecânico. A ausência total do tato é tão grave e terrível que a própria natureza encarregou-se de torná-la rara. Com efeito, só ocorre em casos excepcionais de lesão cerebral, o que, por sua vez, traz consigo uma série de outros impedimentos e complicações orgânicas (GANZAROLLI, 2002).

As exposições táteis representam para as pessoas cegas a possibilidade e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo, até então formado exclusivamente por pessoas que podem ver. Para Reily (2004), a pessoa cega ao manusear uma imagem tridimensional poderá conhecer aquilo que não lhe é acessível na vida real pelos mais diversos motivos, tais como: por ser perigoso (um animal), por ser muito grande (Cristo Redentor), por ser distante (Torre Eiffel), por ser uma fantasia (um unicórnio). O pensamento de Reily mostra-nos o universo passível de conhecimento para uma pessoa cega, através de uma exposição tátil.

Metodologia

O projeto “Ver para Crer, Tocar para Ver” tem na arte um forte instrumento de inclusão social, capaz de disseminar valores e conscientizar a sociedade sobre a necessidade de atitudes e posturas significativas na busca da cidadania de grupos com necessidades especiais, como o de cegos, possibilitando a essas pessoas espaço para uso dos seus direitos e de uma melhor qualidade de vida.

Em Ponta Grossa, a quarta maior cidade do estado do Paraná, com uma população

de aproximadamente 311.000 habitantes (IBGE, 2008), as exposições de Arte são voltadas exclusivamente para o público vidente. Não se tendo registro, até hoje, de uma exposição feita especificamente para pessoas cegas.

Um projeto como esse estabelece uma produção pictórica a partir da relação da percepção visual e tátil possibilitando a apreciação e a fruição da Arte. Propicia ainda a inclusão das pessoas cegas de Ponta Grossa e região ao universo das Artes Plásticas, incentivando a participação deste público em eventos culturais.

Para a efetivação deste projeto de Extensão foi feito um estudo exploratório com pessoas cegas, com destaque à filósofa e escritora Marilza Viera de Matos, nascida no estado da Bahia, com formação em Técnica em Contabilidade, tecnóloga em Processamento de Dados e Graduada em Filosofia. Este estudo permitiu que chegássemos a melhor forma de elaboração pictórica, bem como a uma melhor elaboração de estudos de texturas, relacionando a cor à temática que fosse de maior interesse para o universo das pessoas cegas.

Questões como ‘quão deve ser a complexidade ou simplicidade de uma forma para facilitar a percepção?’, ‘Quais seriam as temáticas de interesse para serem trabalhadas pictoricamente?’ nortearam o início do trabalho. Porém de todos os questionamentos levantados pela equipe de coordenadores e artistas a mais complexa foi como levar a percepção da cor para as pessoas cegas. Esse foi o nosso maior desejo, sonho e desafio no projeto, pois em todas as exposições já elaboradas no Brasil para cegos, que tomamos conhecimento, explora-se apenas a percepção tátil da forma.

Percebendo a força e a importância do tato para essas pessoas, vimos na textura o caminho para solucionar a questão da cor. Porém tínhamos dúvidas e obstáculos a serem vencidos, daí iniciamos no primeiro semestre de 2009 testes com materiais e tintas diversas. O primeiro momento foi estabelecer uma relação da textura com a cor para levar a melhor sensação de cada uma delas para o apreciador da obra.

Pesquisamos inúmeros materiais: aveia, areia, arroz, canudos plásticos, linhaça, trigo, açúcar, entre outros. Procuramos fazer uma relação da nossa percepção visual da cor com a percepção tátil. Por exemplo: o vermelho é para a nossa percepção uma cor forte, que chama a atenção. Assim, relacionamos a essa cor uma textura forte, mais áspera, que também chamaria mais a atenção da sua tatilidade. Fazendo essa relação, definimos seis cores para serem percebidas tatilmente: preto, textura do trigo; vermelho, textura de canudos plásticos de refrigerante; verde para a linhaça; azul para areia fina; amarelo para o sagu; e o branco, a cor mais suave, ficou com a própria textura da tela. Para que o espectador pudesse perceber a cor, foi criada uma legenda em Braille, sugestão da nossa consultora, a Filósofa Marilza Vieira de Matos, que seria colocado ao lado de todas as obras.

Tínhamos ainda um grande desafio: garantir a resistência das texturas/cores já que as obras seriam muitas vezes tocadas. Iniciamos novos testes com as texturas escolhidas,

decidindo pela tinta acrílica para a tela, por ser uma tinta de secagem rápida, característica esta que facilitou o trabalho. Porém, percebemos que apenas as tintas não fixariam os elementos utilizados nas texturas quando as mesmas secassem. Resolvemos agregar a essas tintas um agente de ligação que garantisse a fixação das texturas à tela. Escolhemos a cola industrial à base de água, que se ajustou como adesivo e agente de ligação da textura, misturando-se com a tinta acrílica facilmente, por ser também à base de água. Para estabelecer a forma, usamos um barbante grosso que delimitava os seus contornos a fim de facilitar a percepção por parte dos apreciadores.

O tema definido pela equipe foi: pontos turísticos e aspectos que compõem a cultura da região. Marilza Matos nos ajudou no fechamento dessa temática quando disse: “a pior coisa para uma pessoa cega é ouvir falar de marcos importantes de uma cidade e não ter nenhum referencial para esta percepção. Como é a Torre Eiffel ou o Elevador Lacerda? Não temos como tatear coisas como essas”. Daí seguimos com esse tema, possibilitando às pessoas cegas perceberem elementos que caracterizassem a cidade de Ponta Grossa e a região dos Campos Gerais. Dentre alguns pontos turísticos apresentados, podemos citar: a Vila Hilda, a Galha Azul, o Pinheiro de Araucária, a Taça do Parque Vila Velha, o Portal de Entrada da Cidade de Ponta Grossa, a Igreja Matriz, a Universidade, dentre outros.

Para a produção, utilizamos como suporte telas de 50 x 50 cm, do tipo painel. No momento da exposição estava, ao lado de cada obra, uma legenda de cores, o título e um pequeno texto sobre o tema apresentado, informações estas apresentadas em Braille. Para a locomoção no espaço da exposição, foram colocadas faixas sinalizadoras a fim de facilitar o posicionamento no observador. Participaram do projeto como artistas: Adriana Rodrigues Suarez, Ana Cláudia Bastiani, Carla Emilia Nascimento, Celso Parubocz, Delmy Kapp da Costa, Fabia Cruz Machado, Felipe Otoniel de Oliveira Martins, Gisele Mugnaine, Luzita Erichsen, Maria Beatriz Cordega, Paulo Ricardo Amarante e Viviane Aparecida Oliveira da Silva.

Figura 1 - Visitante cego, tocando a obra



Fonte: autor

Figura 2 - Produção das obras



Fonte: autor

Figura 3 – Obra em exposição



Fonte: autor

Resultados e Conclusões

O projeto ‘Ver para crer, tocar para ver’ caracterizou-se essencialmente como um projeto de extensão e como tal propiciou aos participantes (acadêmicos e professores) vivenciar, no campo da extensão, os ensinamentos da sala de aula pertinentes a produção e a fruição da obra de Arte. Os acadêmicos acompanhados e supervisionados pelos professores envolvidos no projeto produziram suas obras a partir de conceitos sobre os elementos visuais, tais como a linha, a cor, a textura, as superfícies, os planos, tornando-se assim sujeitos de um processo da aprendizagem. Para a organização da exposição foram

trabalhados conceitos de curadoria, mediação, organização de eventos e história da Arte. O projeto ainda propiciou aos envolvidos na sua execução a inserção no tema da cegueira, numa perspectiva da inclusão social e da transformação da sociedade.

Com todas as dificuldades que tivemos para realizar o projeto, impossibilitando sua continuidade plena, é possível concluir até então que a exposição Ver para Crer Tocar para Ver, que aconteceu no prédio da Galeria de Artes da PROEX, foi sem dúvida um momento de vanguarda na Arte em Ponta Grossa. A partir do contato de pessoas cegas com as obras, o grupo retomou seu trabalho numa nova perspectiva: passando a um segundo momento, contar com a assessoria de alguns cegos que visitaram a exposição e assim produzir novas obras ou mesmo reformular as já produzidas, revendo técnicas e processos utilizados na realização da primeira exposição. A ideia de interatividade é a palavra de ordem na Arte Contemporânea e o que foi apresentado às pessoas cegas nesta exposição esteve intimamente ligado ao toque, que levou o expectador sem visão a uma inclusão ao mundo das artes plásticas, tendo sido um exemplo de arte interativa que desafiou, transformando o espectador em ator.

Segundo o poeta italiano Filippo Marinetti, que em 1921 lançou o Manifesto do Tatilismo, “um sentimento visual nasce nas pontas dos dedos” e o projeto Ver Para Crer, Tocar Para Ver propiciou aos seus participantes um novo olhar, o olhar do toque.



REFERÊNCIAS

AMARAL, L.A. Conhecendo a deficiência. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

BARBOSA, A. M. A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares. Secretaria de Educação especial. Brasília: MEC, SEF, SEESP, 1998.

CAIADO, K.R.M. Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos. São Paulo: Autores Associados, 2004.

DONDIS, D. A. Sintaxe da Linguagem Visual. CAMARGO, J.L. (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FIGUEIRA, E. A presença da pessoa com deficiência visual nas Arte I. São Paulo: USP-SP, 2003.

GANZAROLLI, J. V. Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2002.

MAZZOTA, M. Educação Especial no Brasil: história e políticas educacionais. São Paulo: Ed. Santos, 2003.

OSTROWER, F. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1996.

REILY, L.H. Escola Inclusiva: linguagem e mediação. São Paulo: Papyrus, 2004.

ROCHA, H, GONÇALVES, E. Ensaio sobre a problemática da cegueira. Belo Horizonte: Fundação Hilton Rocha, 1997.



A IDENTIDADE SOCIAL DO IDOSO: MEMÓRIA E CULTURA POPULAR

SOCIAL IDENTITY OF THE ELDERLY: MEMORY AND POPULAR CULTURE

Silvane Aparecida de Freitas¹

Maria Jacira da Costa²

UEMS - MS

RESUMO

A cada nova geração, os modos, comportamentos as expressões verbais e as histórias populares vão sendo esquecidas ou assumem novos significados. Pensando na importância da re-significação dessas histórias, desenvolvemos este estudo visando contribuir para a construção de mecanismos de preservação da cultura popular. Para isso, transcrevemos os relatos de cinco idosos, internos no Asilo Santo Agostinho, com o objetivo de trazer à tona sua cultura, criar condições favoráveis para a socialização do idoso e desfazer a visão unilateral e estigmatizada que vem desde a antiguidade, que imobiliza o idoso, impossibilitando-o de reagir aos estigmas da velhice. Ao verificar que a maioria desses sujeitos não possui alfabetização escolarizada, constatamos o quanto de sabedoria popular eles têm para compartilhar, possuem uma pedagogia própria que permite a leitura e interpretação de mundo.

Palavras-chave: Idoso. Identidade. Cultura. Educação.

ABSTRACT

With each new generation, customs, behaviors and verbal expressions and popular stories have been forgotten or assuming new meanings. Thinking about the importance of re-signification of these stories, we designed this study to contribute to building mechanisms for preservation of popular culture. For this, we've transcribed the reports of five inmate elderly from St. Augustine Asylum, aiming to bring out their culture, creating favorable conditions for the elderly socialization the and undoing the unilateral and stigmatized vision that comes from antiquity, which immobilizes elderly making them unable to react against to the old age stigma. Noting that the most of these subjects have no schooling literacy, we've realized how much wisdom they have to share stories with a proper pedagogy for reading and interpreting the world.

Keywords: Elderly. Identity. Culture. Education.

¹ Doutora em Letras (UNESP/Assis, 2002), pós doutorado em Linguística Aplicada (IEL/UNICAM, 2010), professor adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade de Paranaíba-MS, silvaneafreitas@hotmail.com

² Acadêmica do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, maria_jaciracosta@hotmail.com

Introdução

Na antiguidade, a cultura de um povo era transmitida de pai para filho, de geração para geração, apenas por meio da oralidade, sendo a memória humana que conservava as histórias, as crenças, os costumes das pessoas, de indivíduos que viveram, participaram dessa esfera cultural e outros fatos relatados por seus antepassados. No entanto, com as transformações pela qual a sociedade brasileira passou, devido ao processo de industrialização e aos avanços tecnológicos, a humanidade tem buscado novas conquistas e descobertas que trazem ao homem atual facilidades que os antigos não tinham.

Partimos do princípio que todo ser humano tem sua cultura e a promove na medida em que se comunica com o outro. Consideramos que a cultura das pessoas menos escolarizadas é rica em sabedoria popular, brotada do senso comum, da intuição, que é a origem do conhecimento erudito. Ao buscar compreender a identidade cultural de pessoas com mais de sessenta anos, queremos também refletir sobre a educação, bem como os mecanismos internalizados e as contribuições que nos trouxeram. Sabemos que uma grande parte dessa geração não possuía conhecimento escolarizado devido à política, ao sistema de exclusão, e a cultura da época não valorizava esse tipo de conhecimento, já que a leitura e a escrita eram privilégios de poucos.

Partindo desses princípios, visamos refletir sobre a maneira como o idoso é visto na sociedade atual, sendo tratado com indiferença acaba por reduzir ainda mais a sua já abalada auto-estima, contribuindo, portanto, para a sua própria exclusão. Esta é uma luta de classe, onde o idoso é estigmatizado pelos padrões culturais; a sociedade capitalista transformou as pessoas em mercadorias, fixando idades, critérios para cada faixa etária da vida (SIGRIST, 2006).

Tais transformações sociais têm influenciado decisivamente nos hábitos familiares, alterando antigos costumes arraigados. Esse novo comportamento passa a ser aceito como uma nova cultura, as famílias incentivadas pela sociedade admitem como necessidade que “os mais jovens também precisam viver a sua vida” ou que “os velhos já viveram a sua.” (COSTA, 1998, p. 12). Assim sendo, o objetivo deste estudo é contribuir para a valorização da cultura popular do idoso, resgatando os causos, as lendas, os provérbios, os ditados, as superstições, as histórias folclóricas que os idosos tem a nos contar.

É importante ressaltar que os relatos dos idosos citados neste artigo fazem parte do Projeto de Extensão “Memória e história: a voz e a vez do idoso”, registrado no site do Sigproj/PROEC/UEMS. Para o desenvolvimento deste projeto, utilizamo-nos dos pressupostos teóricos da Metodologia da História Oral, a qual, segundo Delgado (2006), contribui para relativizar conceitos e pressupostos e universalizar experiências humanas e atua principalmente nas áreas do conhecimento antropológico e sociológico. Assim sendo, passamos a ouvir e gravar as histórias dos idosos do Asilo Santo Agostinho de Paranaíba-MS.

Foram sujeitos desta pesquisa cinco idosos internos com idade de 65 a 90 anos, pessoas que deveriam merecer todo o nosso respeito e valorização. No entanto, assim como as suas histórias, eles estão esquecidos, abandonados. Portanto, nesta pesquisa, procuramos dar voz a sujeitos que precisam ser ouvidos, resgatar sua cultura e integrar o saber popular (saber do idoso).

Ao desenvolver esta pesquisa, esperamos também conscientizar a população jovem sobre a importância de conhecer e valorizar a cultura desses idosos, pois conforme Costa (1998, p. 17), “respeitar os costumes das gerações passadas é respeitar a si mesmo, saber que um dia farão parte desse grupo”, e certamente terão seus costumes, suas crenças para contar a população mais jovem. Assim ao ler/ouvir os relatos dos idosos, poderemos saber quem são e foram esses sujeitos, que contribuições nos trouxeram,

que cultura internalizada possui e que precisam ser resgatadas para não se perder no tempo e, assim quem sabe, as pessoas poderão dar o devido valor a quem tanto já contribuiu para com essa sociedade e hoje são tão estigmatizados.

Esta foi a nossa pretensão desenvolver um trabalho que de alguma forma pudesse beneficiar o idoso, promover a sua sabedoria, o que não deixa de ser uma prática educativa.

O idoso numa perspectiva social

Ao longo dos tempos, estudiosos e pesquisadores definiram alguns parâmetros para caracterizar a velhice. Durigan & Queiroz, (2005, p. 114) a define como “um conceito genérico e abstrato em que estão incluídas pessoas com 60 anos ou mais” que passou a existir a partir do século XVII, com a inauguração da ciência do evolucionismo. Nesse sentido, Costa (1998) argumenta que, por estar inserido num campo de valores, ainda é um tema muito difícil de ser encarado, seja para os mais jovens ou para o próprio idoso, que, na maioria das vezes, passa a se sentir inútil ao perceber suas capacidades físicas diminuídas, sua saúde fragilizada a ponto de não conseguir mais definir um papel social que permita preservar a sua própria imagem de cidadão cumpridor de seus deveres.

Ainda conforme Costa (1998, p. 19), os filósofos pré-socráticos já falavam da velhice. Um deles, Demócrito de Abdera, chegou a dizer: “Velhice é mutilação total: tudo tem e de tudo é carente”. Esse julgamento rigoroso, essa visão unilateral que vem desde a antiguidade, faz com que o idoso seja visto por ele mesmo como atrasado, nostálgico, maçante e de muitas outras maneiras negativas; não se dando nem mesmo o direito de buscar situações novas, é comum ouvir o idoso dizer “sou velho demais para fazer coisas novas” (COSTA, 1998, p.19-20).

A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combate pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por eles. (BOSI, 1994, p.81).

A professora Heloísa Helena T. S. Martins (USP), ao prefaciá-lo livro de Eneida Haddad, “O direito à Velhice” (2001), cita que a luta desenvolvida pelos aposentados nos últimos anos pelos seus direitos permite-nos dizer que “os idosos não esperam mais que lutemos por eles, mas que lutemos com eles”. Conforme a própria Haddad (1986, p.18), desde 1919, a velhice vem sendo objeto de intervenção legal ou de tutela do Estado, que “prescreve normas e Leis para serem seguidas pelos idosos em geral”.

No entanto, o que se pode perceber é que existe angústia e nostalgia por parte do idoso e provavelmente suas causas não estão ligadas somente ao comprometimento biológico, mas também aos maus-tratos, à falta de respeito, à postura preconceituosa dos demais que tendem a arremessá-lo à margem da sociedade, que passou a ver o idoso como um estorvo fazendo com que se sinta um quase “fora da lei” (COSTA 1998, p. 19;

DURIGAN & QUEIROZ, 2005). Refletindo, assim no “processo de autodesvalorização, de subestima que constitui um dos estereótipos mais característicos do envelhecimento” (PRETI, 1991, p. 28).

Às representações sobre a velhice, a posição social dos idosos ganham significados diversos conforme os contextos da sua época; o aposentado ganhou notoriedade nas falas das lideranças. No entanto, até os dias de hoje não houve apropriação e nem conscientização por parte da sociedade.

A arte de contar histórias

Porque decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da Técnica desorienta. A guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão; ele se espanta [...] mas cala-se porque lhe é difícil explicar um todo irracional (BOSI, 1994, p.84).

Como sabemos, desde os primórdios, o homem civilizado já se preocupava em registrar sua história, sendo que para transmitir suas impressões e experiências, explicar os fatos e os fenômenos da natureza, acontecimentos, sentimentos, criou extraordinárias fontes literárias. Todos os fatos e lembranças eram transmitidos por meio da palavra que se alterava um pouco mais ou um pouco menos, mas conservava seus sentidos originais, por meio da sua imaginação. “A imaginação que tudo pode e tudo realiza (...), até os deuses, as suas divindades se misturavam aos homens para ser reais” (PIAÍ; PACCINI, 2004, p.45).

Naquela época era costume os reis terem contadores de histórias a seu serviço. Portanto, a tradição oral é uma tendência natural do homem, mas o mundo da lógica sobrepôs-se ao mundo imaginativo e singular e a arte de contar histórias, uma forma ancestral de manifestações humana, foi perdendo espaço. Assim, cabe a nós, universitários, realizar pesquisas a fim de subsidiar materiais didático-pedagógicos que servirão de orientação à geração vindoura numa perspectiva de interação e valorização do universo cultural de cada um de nós e do outro.

Sabendo que os idosos se alimentam do passado, a sua trajetória é, portanto a sua memória construída pelas representações de papéis sociais. No passado, as identidades culturais eram mais conservadas devido à falta de contato entre culturas. Porém, a globalização fez com que as pessoas interagissem mais entre si e com o mundo ao seu redor.

Com isso, as influências recebidas dos povos que migram de uma região para outra levam a bagagem cultural adquirida com seus ancestrais, que vai sendo somada, subtraída até adquirir um novo formato, adequando-se à região e recriando-se em novas bases. Assim, foi valorizando a oralidade do idoso, o seu saber, a sua história que coletamos os relatos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

Os relatos de experiência de vida do idoso

É importante ressaltar que as entrevistas se constituíram em questões abertas, oportunidade em que os depoentes ficaram à vontade para falar de suas vidas, mergulhar no universo de suas memórias, transportar-se para outros tempos: quando havia fartura de alimentos, as festas, os engenhos, as parteiras, a agricultura, a religião e o convívio familiar marcavam o seu cotidiano. Assim, ao oportunizar-lhes fazer comparações, expressar seu ponto de vista, além de resgatar suas histórias contribuimos também para a socialização de sujeitos fragilizados física e psicologicamente, sabendo que os internos em um asilo são pessoas carentes de atenção. É importante ressaltar que todos os idosos aqui citados, no momento das entrevistas, autorizaram a divulgação de seus nomes nesta pesquisa.

João Batista, de 65 anos, fala da influência da lua sobre a natureza e a importância disso em nossas vidas:

Lá na roça a gente sabe quando está para chover, é só olhar para lua e observar o círculo em torno dela, se estiver longe, significa que a chuva está próxima, se for o contrário significa que a chuva está longe. As fases da lua interferem muito sobre os nossos atos, a lua rege a nossa vida.

Fala dos sentimentos inconscientes que as pessoas possuem ao qual damos o nome de mau-olhado ou olho gordo. “Essas pessoas já nascem assim, não sabem que possuem um sentimento ruim”.

O Senhor João Batista também gosta de contar causo em forma de versos, alega que, por ter convivido com pessoas com essa habilidade, aprendeu desde pequeno a rimar os causos. Assim, ele recita um causo com rimas internas e bastante sonoridade:

Antigamente tudo era simplicidade, a vida transcorria com muito mais liberdade. Hoje em dia está tudo diferente a começar pelo nascimento. Antigamente ocorria dentro do próprio lar, hoje? Só no ambiente hospitalar. E após a morte? Antigamente o pobre era sepultado embaixo de grandes árvores, diziam os parentes que era pra descansar mais sossegado.

O Senhor João Batista compara o seu tempo de juventude com o de hoje e diz:

Antigamente a grande virtude das moças era ser prendada no lar, lavar, passar, cozinhar e também saber bordar, recatadas e delicadas algumas sabiam até cantar, não se dirigiam aos rapazes nem para cumprimentar. O namoro era coisa séria só se trocavam olhar, conversar, trocar idéias... só depois de casados, a moça que transgredisse as regras ficava com o nome falado e, mesmo com seu marido, os desejos eram contidos como se fosse pecado.

Assim, o Senhor João Batista além de relatar os fatos, reativar na memória suas lembranças do passado, repassa-nos suas crenças, os valores de uma época, bem como o seu ponto de vista sobre os fatos; revela-nos um pouco da ideologia dele e da época que era muito machista – a mulher não tinha vez nem voz.

A segunda pessoa entrevistada foi a Senhora Manoelina de Jesus, 74 anos. Ela também fala das dificuldades existentes hoje em dia, que para ela é, sobretudo, a falta de fé em Deus e no coração das pessoas. Ela desabafa:

Tenho pouca leitura, pois no meu tempo não havia escolas rurais e nem transportes escolares como hoje em dia, o pouco que sei foi aprendido com pessoas que me ensinaram em casa mesmo, escola era só para os filhos do patrão que pagava um professor para ensinar seus filhos. A nossa função era ajudar nossas mães nos serviços do terreiro, como cuidar da casa ajudar na produção de farinha, polvilho, socar arroz no pilão, levar as refeições na roça para os peões. Serviço este que corríamos grande risco de vida, pois existia onças nas matas. Era comum deparar com manadas de bichos como catetos, capivaras, queixadas. Tinha que matar os bichos senão eles comiam toda a lavoura. O mundo está mudado e a natureza revoltada. A culpa é das pessoas que em nome do progresso mudou tudo. Antigamente, os meios de transportes mais comuns eram o carro de boi e o cavalo, não havia tantas mortes por acidentes como acontecem hoje. As pessoas rezavam mais, por isso não tinha tantas violências. O progresso é importante, porém trouxe consequências para a humanidade. Como vai acabar tudo isso? Antigamente era melhor.

Nas palavras do Senhor João Batista e da Senhora Manoelina de Jesus, percebemos como a mulher era vista antigamente. Em vista dos princípios rígidos dos valores sociais e morais vigentes na época. Decorrentes da educação daquela época, o manejo da família era destinado ao homem, restando à mulher apenas as funções de cuidar da casa e dos filhos. Entre os trabalhos da mulher daquela época, estava o de fiar, isto é, tecer fios de algodão, o que, posteriormente, se transformava em cobertores e também em peças de panos de algodão com as quais confeccionavam as vestimentas. Isso era o principal atrativo e ocupação das mulheres da época, quando não estavam na cozinha.

José, 88 anos, o popular Zé da Gaita, uma pessoa alegre, sábia, embora tenha poucos conhecimentos escolarizados, consegue driblar o mau humor, aceitar as limitações da velhice e manifesta desejos de querer continuar vivendo a vida em toda a sua plenitude e realizações; gosta de tocar gaita, o que faz jus a seu apelido. Emociona-se ao falar da família, que somava um número de dezoito irmãos, mas que hoje só resta ele e uma irmã; conta que sua mãe era sobrinha de seu pai. Zé da gaita, devido à idade e também a problemas de saúde, muda repentinamente de um assunto para outro, ao que ele argumenta que “as idéias se embaralham” tornando confuso o seu discurso. Conforme Preti (1991, p.28), isso “é um dos estereótipos mais característicos do envelhecimento”. José da Gaita se emociona ao lembrar do quartel, onde serviu o exército, lugar que diz sentir grandes saudades e onde se apaixonou pela primeira vez e acrescenta:

A disciplina que lá existe
É para nunca mais esquecer
Os costumes, os hábitos.
Nos acompanha até morrer!

Também nos fala dos bailes de antigamente. Segundo ele, as pessoas iam aos bailes para dançar, tanto os jovens quanto os mais velhos e nos conta:

Era costume, as moças (damas) ficarem ao lado da pista de dança esperando que os rapazes (cavalheiros) as tirassem para dançar, por sua vez, o cavalheiro chegava com todo respeito para a dama e a convidava para dançar. Não era permitido quebrar foice, ou seja, dizer não ao cavalheiro, se isso acontecesse, ela a dama era proibida pelo cavalheiro de dançar com outros e poderia gerar confusão, o prazer de quem ia ao baile era de dançar. O namoro de antigamente era um compromisso sério, cheio de expectativas, meu pai dizia que não podia pôr o carro na frente dos bois, o que quero dizer é que certas intimidades a gente só tinha depois do casamento. A moça tinha que chegar ao casamento virgem, do contrário ela estaria desonrada, e se acontecesse dela mentir para seu marido, ela seria devolvida para a sua família.

Ouvimos também o senhor Sebastião Jacinto de 80 anos, que é enfático ao dizer que apesar do avanço que o mundo deu, muitas coisas mudaram para pior; as pessoas não têm mais sossego, andam todas tristes, violentas. Na sua época era melhor, as pessoas se reuniam nas rodas de conversas, existia até os contadores de história. Ele compara os meios de diversão de antigamente com os de hoje e desabafa.

Naquele tempo não existia as tecnologias que existe hoje, por isso as pessoas tinham outra mentalidade, com o aparecimento da luz elétrica e tudo o que ela proporciona como a televisão, as notícias, a moda, as pessoas perderam o interesse nas reuniões de fim de tarde, onde se falava desde assuntos de família até as anedotas, as piadas, os versos, as histórias populares que como consequência ficaram esquecidas e foram substituídas pelas novelas e os casos da atualidade. A maneira como as pessoas se divertiam antigamente era outra, os namorados só se comunicavam por olhares, sinais e gestos, nem pegar na mão podia. Antigamente, o homem apaixonado escrevia cartas de amor, poesias, verso, fazia serenata, tudo para conquistara mulher amada. Os casamentos eram para a vida toda, e quando acontecia separação, a mulher ficava mal vista e ganhava nome de mulher à toa.

A senhora Flora, de 77 anos, conta que a fazenda onde morava era mal assombrada e no fundo do quintal de sua casa havia um riacho, onde certa vez uma mãe estava banhando seu filho ainda bebê quando apareceu o Nego D'água e arrastou a criança para o fundo das águas. Perguntamos a Flora como era o Nego D'água e ela nos respondeu:

Ele é encantado, vive no fundo dos rios e córregos, às vezes, ele sai do fundo e fica nas margens esperando alguém para fazer maldades. Ninguém sabe de onde surgiu, ele é uma mistura de bicho com homem, muito forte e tem um só olho no meio da testa, é enfezado e não gosta de pescadores. Por isso agarra o fundo das canoas e dos barcos fazendo com que afundem. Seu corpo é á prova de bala. Falam também que se ele gostar da pessoa, ele se torna amigo, até ajuda nas pescarias. Uma maneira de agradá-lo é oferecer-lhe fumo.

Segundo Alves (2008, p. 17), a crença na magia, como a crença no milagre, nasce da visão de um universo no qual os desejos e as emoções podem alterar os fatos. Geralda Ferreira, 74 anos, assim como Flora e os demais depoentes se espanta com as mudanças e julga o progresso como algo negativo que acabou com as coisas boas do passado. Ela

desabafa:

Quando demorava a chover faziam-se promessas para combater a seca o povo se reunia, saía pelos campos em oração, havia as penitências como carregar pedra na cabeça e colocar ao pé da cruz, a reza do terço e, as prossições até a igreja. No meu tempo a quaresma era uma época em que as pessoas se apegavam em oração e jejum, diziam que as forças do mal se manifestavam com mais intensidade. Por isso, aparecia lobisomem e mula sem-cabeça, não havia festas e bailes. Na Sexta-Feira Santa, tinha todo um ritual, não se praticava a ordenha nas vacas, porque segundo diziam, ao invés de leite sairia sangue, cobriam-se todos os espelhos por que se olhasse veria outra imagem refletida e não a sua. A páscoa era comemorada junto com os familiares e não havia esse comércio de chocolate como hoje em dia, presenteava-se com ovos decorados simbolizando a ressurreição de Jesus.

Por meio desses depoimentos, verificamos o quanto esses idosos acreditavam e valorizavam suas histórias e aponta as mudanças ocorridas no mundo como culpadas por aqueles fatos do além não acontecerem mais nos dias de hoje. Observamos também que o meio rural oferece algumas vantagens para os idosos que passaram grande parte da vida no campo. Conforme Siqueira e Silva (2002), citados por Albuquerque (2009, p. 72),

Os meios rurais são contextos privilegiados de envelhecimento, devido ao aspecto físico permanecer estável por muito mais tempo e as mudanças acontecerem de forma mais lenta, o que favorece aos idosos maior familiaridades com o meio, os idosos tendem a possuir mais calma devido a maior intensidade dos laços afetivos com vizinhos, que por ser uma população pequena estabelece mais apoio e um relacionamento mais próximo reforçando a interação social.

No entanto, verificamos que muitos desses idosos hoje são pessoas abandonadas pela família. Podemos afirmar que isso justifica a depressão de muitos e seria muito importante o apoio da sociedade e, sobretudo da família de cada um, para que eles pudessem ter uma auto-estima melhor. Nesse sentido, buscamos em Diener e Oishi (2005), (*apud* ALBUQUERQUE, 2009) a afirmação de que os laços familiares são fundamentais para o bem-estar das pessoas. Costa (1998, p 17) complementa que “uma vida adequadamente vivida constitui, um escudo contra os riscos psicológicos que a velhice comporta” e acrescenta que muitos dos problemas psicológicos da velhice provêm de conflitos afetivos e frustrações correspondentes a épocas anteriores da vida. As dificuldades psicológicas se acumulam na velhice das pessoas que não viveram plenamente satisfeitas na juventude.

Considerações finais

Apesar do envelhecimento da população ser um problema ainda recente nos países em desenvolvimento, inclusive no Brasil, considerado como um país de jovens, podemos prever seus efeitos econômicos e sociais, que só tenderão a crescer com o passar dos anos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2050, estaremos com mais de 1 bilhão e 500 mil idosos. O número bastante expressivo dá a dimensão da importância de

se conscientizar a sociedade da importância de ter um outro olhar para o idoso.

Nesse sentido, devemos estar cientes do apregoado no Estatuto do idoso (2003), Art. 26, que lhe confere “direitos ao exercício de atividade respeitando as suas condições físicas e psíquicas”. Nossa cultura agride o idoso: a falta de acessibilidade contribui para acentuar a sua fragilidade física, que começa nos degraus do ônibus ao trânsito violento, mas principalmente na lentidão da conscientização humana, pois somente dessa forma sua inclusão ocorrerá de fato.

Portanto, precisamos unir esforços no sentido de fazer com que a lei seja cumprida, valorizar as suas tradições, a sua cultura milenar, o conhecimento repassado às gerações não por livros, rádio, disco ou televisão, mas pelo ato de ouvir, brincar, cantar espontâneo, construir mecanismo de preservação da cultura popular, sabendo que o passado e suas práticas culturais são os alicerces de nosso presente e futuro. Os idosos são autênticos livros vivos que guardam verdadeiras relíquias do passado.

Precisamos unir esforços, aliar a interação da universidade com o registro da memória cultural desses sujeitos para que o idoso brasileiro não seja visto como mais um problema social. Com isso, espera-se captar com melhor detalhamento a diversidade cultural, os anseios, expectativas e visão de mundo de indivíduos estigmatizados pela sociedade.

Diante do exposto, não podemos esperar que a sociedade valorize o idoso, que faça cumprir seus direitos, sem antes tentar mudar certas representações que se tem do idoso, como a de que ele é um não-ativo, não-feliz, não-autônomo, não-saudável, não-ocupado e, por isso, não tenha nada a contribuir com a sociedade.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. B. Avaliação do Bem-estar Subjetivo de Idosos no ambiente Rural In - FALCÃO, Deusivania V. da Silva, ARAÚJO, Ludgleydson F. de, (org). Psicologia do envelhecimento: Campinas, SP: Alínea, 2009.
- ALVES, R. Filosofia da Ciência: 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos, 3ª ed. – São Paulo: Companhia da Letras, 1994.
- BRANDAO, C. R. Educação Popular. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COSTA, E.M.S. Gerontodrama: a velhice em cena. São Paulo: Àgora, 1998.
- DELGADO, L. de A. N. História Oral: memória, tempo, identidades. São Paulo: Autêntica, 2006.
- DURIGAN, M. & QUEIROZ, I. A. Discurso sobre a velhice: da campanha da fraternidade ao Estatuto do idoso. In: GUERRA, V. M. L. Olhares interdisciplinares na investigação sobre linguagem. Cuiabá: Editora Unemat, 2005.
- ESTATUTO DO IDOSO. Brasil. lei nº. 10.741, de 1º de outubro de 2003 – Brasília, 2003.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa: Paz e Terra, 1996.
- HADDAD, E. G. M. A ideologia da velhice. São Paulo. Cortez, 1986.
- HADAD, E. G. M. O direito à velhice: os aposentados e a previdência social. 2ª ed. – São Paulo, Cortez, 2001.
- PIAI, A.; PACCINI, M. J.; Viajando pelo Folclore de norte a sul, Cortez, 2004.
- PRETI, D. A linguagem dos idosos. São Paulo: Contexto, 1991.
- SIGRIST, M. Folclore e Manifestações populares, In Cultura e Artes em Mato Grosso do Sul. Eletrônica; Campo Grande, 2006.



LABORATÓRIO GESTÁLTICO: UMA TENTATIVA DE RESGATE DA DIMENSÃO SENSÍVEL DO HUMANO

GESTALT LABORATORY: AN ATTEMPT TO RESCUE THE HUMAN SENSITIVE DIMENSION

UERJ - RJ

*Eleonôra Torres Prestrelo*¹

*Laura Cristina de Toledo Quadros*²

*Vivianne Maria Lefundes Magalhães Rocha*³

*Thiago Souza Caetano Pereira*⁴

RESUMO

O "Laboratório Gestáltico: perspectiva fenomenológico-existencial em clínica, pesquisa e atenção psicossocial" tem como objetivo desenvolver atividades acadêmicas e de extensão universitária abrangendo temas que se referem à ampliação, produção e prática de conhecimentos relativos à Abordagem Gestáltica, desenvolvidas dentro e fora das universidades, visando a socialização do conhecimento e promovendo a oportunidade de trocas com a comunidade de forma ativa, viva e interativa. Este é um projeto de extensão realizado pela UERJ tendo o UCL como parceiro, caracterizando-se como uma ação interinstitucional, reunindo esforços para intervenções contextualizadas às diferentes demandas sociais emergentes.

Palavras-chave: Abordagem Gestáltica. Saúde. Atenção psicossocial.

ABSTRACT

A "The Gestalt Laboratory: existential-phenomenological perspective on clinical research and psychosocial care" aims to develop academic and university extension covering issues related to the expansion, production and circulation of knowledge about the Gestalt approach, developed in and out of universities, aiming at the dissemination of knowledge and promoting the opportunity to trade with the community in an active, lively and interactive way. This is an extension project conducted by UERJ and the UCL as a partner, characterized as an inter-institutional action, joining forces for contextualized interventions in different emerging social demands.

Keywords: Gestalt approach. Health. Psychosocial care.

¹ Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-RJ, Professora Assistente do Instituto de Psicologia/Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Projeto. Email: eprestrelo@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/UERJ; Professora Substituta do Instituto de Psicologia/Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora da Especialização Latu-Sensu em Gestalt-Terapia/UCL; Vice-coordenadora do projeto. Email: lauractq@gmail.com

³ Graduanda de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista do projeto. Email: vivianne@arquimed.com.br

⁴ Graduando de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa e estagiário do projeto. Email: caetano.th@gmail.com

Introdução

O contexto das Universidades no país vem sofrendo alguns processos de mudanças visando adaptar a formação profissional à realidade social vigente. Apesar dessa perspectiva, ainda há muitos hiatos nessa relação entre a educação superior e os desdobramentos das práticas possíveis gerando, por vezes, uma dicotomia entre a teoria e a prática.

Em relação ao curso de Psicologia, as Diretrizes Curriculares Nacionais (2004) recomendam que parte das atividades acadêmicas seja dedicada à extensão universitária. Por extensão, devem-se compreender as atividades que promovem a transferência de conhecimento para a comunidade, constituindo-se numa “ponte” genuína entre a Universidade e a Sociedade como um todo. Portanto, um Projeto de Extensão exige uma responsabilidade que envolve professores, alunos, funcionários e a comunidade na medida em que todos podem participar de forma ativa e, dessa forma, serem beneficiados.

Fundamentado nessa premissa, o **“Laboratório Gestáltico: perspectiva fenomenológico-existencial em clínica, pesquisa e atenção psicossocial”** foi criado com o objetivo de resgatar, no meio universitário e na comunidade leiga, uma outra possibilidade de olhar o mundo, diferente do modelo essencialmente teórico, racional, predominante na linguagem acadêmica. Assim apoiamo-nos na ideia de aproximar o conhecimento dos aspectos vivos e dinâmicos do cotidiano, e na possibilidade de olhá-lo através do resgate de nossa dimensão sensível.

Ao longo de nossa experiência como docentes (e discentes) na formação de psicólogos, percebemos que a forma de transmissão das teorias psicológicas para os alunos era identificada por eles como um tanto desconectada de suas experiências, numa predominância do ensino teórico e das técnicas psicológicas, sem a aproximação necessária a sua apreensão no cotidiano.

Todos nós precisamos de técnicas. Ironicamente, entretanto, uma ênfase excessiva na orientação técnica fomenta os próprios problemas que ela se propõe a resolver. Quando as técnicas têm supremacia, o lado humano fica obscurecido (HYCNER, 1995, p. 22).

Pensamos a partir daí, que a elaboração de um projeto de extensão na Abordagem Gestáltica poderia vir a suprir um pouco essa lacuna. Se ela existia no meio universitário, também podíamos identificá-la na comunidade leiga, onde uma busca constante de indícios “científicos” (baseados num modelo de ciência positivista) se fazia presente, numa ênfase em técnicas de diagnóstico, técnicas de ensino, de emagrecimento, dentre outras. Por outro lado, o modelo no qual buscam fundamento proporciona um significativo distanciamento de si mesmos, da possibilidade de leitura dos sinais de seu corpo, traduzido na constante entrega de seus corpos e mentes ao outro, o “especialista”, “senhor do saber”, o que só alimenta a valorização de um tipo de sabedoria instituída por um sistema de “verdades” hierarquizadas e dominantes, construídas na Academia.

A Academia, por sua própria história, não tem se constituído prioritariamente num espaço de aproximação da prática. Hiper-dimensiona a elaboração de teorias, colaborando para estabelecer, na produção do conhecimento, uma dicotomia que em nada ou pouco acrescenta para a prática profissional.

Acreditamos que esse fato se constitui pela reprodução de uma pedagogia dissociada da demanda daqueles a quem se destina. Essa identificação pode ser delineada pela demanda dos alunos do curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da UERJ, em ampliar seus estudos através do conhecimento das diversas formas de aproximação de seu objeto de estudo ao seu cotidiano – o Humano, de forma muito mais próxima de seus anseios, como podemos constatar no relato de uma ex-aluna:

O que é que se faz quando se descobre que chegou na metade do caminho, e que não está preparado para enfrentar um décimo da complexidade da vida humana que está prestes a lhe ser confiada, através de uma atividade curricular que finalmente se aproxima, depois de três longos anos sendo obrigado a entender a teoria dissociada da prática? (XISTO, 2006, p. 226).

Um curso de Graduação implica, necessariamente, na delimitação de disciplinas, o que se traduz em limitação no que é transmitido e no que pode ser apreendido pelos alunos. A Academia, espaço legitimado de transmissão do conhecimento, pode oferecer a oportunidade de abertura de outros espaços e atividades que se constituem como complementares nesse processo de construção do conhecimento, como no caso dos Projetos de Extensão, onde pode ser recuperado o aprofundamento do conhecimento adquirido, a troca de experiências, a reflexão através da prática e a reversão desse conhecimento para a população a qual se destina.

O conceito de extensão universitária define-se na condição da transferência de conhecimento para a comunidade, como já destacamos. Assim, uma ação orientada para a socialização do conhecimento converge para tal conceito, contemplando as atuais diretrizes para a democratização do espaço universitário.

Propomos, então, um espaço para a problematização desse modelo, oferecendo outra possibilidade de construção do saber, onde palestrante e ouvinte podem trocar informações, experiências e construir a partir daí uma leitura própria do vivido. Concordamos que, caso não se dê dessa forma, como tão bem o coloca Rubem Alves:

Critico a máquina educacional por aquilo que ela pretende produzir, por aquilo em que ela deseja transformar nossos jovens. É precisamente quando a máquina é mais eficiente que a deformação que ela produz aparece de forma mais acabada. (...) Dentro de pouco tempo quase tudo aquilo que lhes foi aparentemente ensinado terá sido esquecido. Não por burrice. Mas por inteligência. O corpo não suporta carregar o peso de um conhecimento pronto que ele não consegue integrar com a vida (2000, p. 24).

A Gestalt-Terapia, abordagem de inspiração fenomenológico-existencial, está presente na grade curricular de diversas universidades do Rio de Janeiro e do Brasil e vem ampliando fronteiras de atuação no contexto acadêmico, gerando novas produções de conhecimento e práticas de intervenção social. Para complementar a “formação” desse futuro profissional o “Laboratório Gestáltico” pretende se caracterizar como um desses espaços.

Outra característica importante desse projeto consiste no fato dele estabelecer uma parceria interinstitucional (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ e o Centro Universitário Celso Lisboa/UCL). Esta aproximação promove não só o intercâmbio entre os docentes e discentes como também a produção de trabalhos que possam abranger as comunidades em torno das duas instituições.

A Abordagem Gestáltica

A perspectiva Gestáltica se constitui em uma forma de entendimento do mundo, das pessoas e seus desdobramentos. Acredita que tudo o que acontece, que “nos” acontece, tem

um sentido e que está inserido num campo de possibilidades. Campo de possibilidades que ao ser delineado, facilita o entendimento do que está sendo vivido - primeiro passo para a descoberta de seu significado.

Ao significarmos a experiência, poderemos escolher - condição do humano por excelência - a melhor forma de encaminharmos nossa vida num determinado espaço-tempo. Acredita-se que existe uma sabedoria “organísmica”, ou seja, se pudermos deixar aflorar nossas necessidades genuínas (as advindas de uma demanda organísmica) e não as impostas pelo meio, normatizadoras, estereotipadas, que Frederick Salomon Perls denominava de “deveriaísmo”, se pudermos ouvir o “sábio interior” que há em todos nós, a possibilidade do estabelecimento de conflitos em muito diminui, e, conseqüentemente, o desenvolvimento de comportamentos disfuncionais: “O organismo sadio se reorganiza com todas as suas potencialidades para a gratificação das necessidades primordiais” (PERLS, 1977, p. 77).

O mundo contemporâneo nos coloca em contato com vários códigos de expressão, não mais podemos nos orientar por padrões claramente definidos de comportamento, o que, por vezes, gera angústia e falta de referências.

Embora durante algum tempo tenhamos convivido com polaridades, com a diferença de padrões como excludentes, o contexto social no século XXI nos aponta a necessidade de conviver com a diversidade, com a diferença, não mais como fenômeno de exclusão e sim complementaridade. A preocupação com a necessidade de estarmos constantemente re-significando nossas vivências está presente em Perls, Hefferline e Goodman:

acreditamos que a perspectiva Gestáltica é a abordagem original, não deturpada e natural da vida; isto é, do pensar, agir e sentir do homem. O indivíduo comum, tendo sido criado numa atmosfera cheia de rupturas, perdeu sua Inteiraza, sua Integridade. (1997, p. 32).

Por não ser uma abordagem hegemônica nas instituições, a Abordagem Gestáltica requer outros espaços de divulgação e atuação, o que pretendemos suprir, em parte, com as atividades do Laboratório. Mais conhecida como uma abordagem clínica, pretende-se desde sua origem mais que isso:

Gestalt-terapia, embora formalmente apresentada como um tipo de psicoterapia, é baseada em princípios que são considerados como uma forma saudável de vida. Em outras palavras, é primeiro uma filosofia, uma forma de ser, e com base nisto, há maneiras de aplicar este conhecimento de forma que outras pessoas possam beneficiar-se dele. Gestalt-terapia é a organização prática da filosofia da gestalt. (KAMPLER *apud* STEVENS; STEVENS, 1977, p. 14).

A Abordagem Gestáltica coaduna-se com o paradigma contemporâneo de Ciência, num referencial mais sistêmico e contextualizado, compreendendo o Homem de forma integrada e considerando-o ativo e dinâmico em suas múltiplas esferas de ação e expressão. Assim, constitui-se numa abordagem pertinente e atual para lidar com os fenômenos que se manifestam em diversos espaços contemporâneos. Como ressalta Ginger, eminente gestalt-terapeuta francês,

Em minha perspectiva (...) é uma visão nova do homem e do mundo em interação permanente, uma concepção *sistêmica* – revolucionária em relação ao *paradigma* cartesiano-newtoniano, cuja perspectiva mecanicista dominou a ciência por mais de três séculos (1995, p.105).

Adotando como referência essa perspectiva mais ampla, o “Laboratório Gestáltico” desenvolve, como o próprio título já o diz, estudos e pesquisas nessa área, utilizando uma orientação pedagógica experiencial, reflexiva e integrativa. Acreditamos que isso pode contribuir para a formação de profissionais bem informados, mais livres e alicerçados para um desempenho profissional consistente e responsável.

Além disso, pensamos que construir isso junto com a comunidade, com a troca de saberes e dizeres da população só tornarão esse conhecimento muito mais completo e assimilável por ela, favorecendo a todos o apoderamento de sua cultura em todos os aspectos, acadêmicos e populares, revertendo-os em ações junto à comunidade, tradutoras dessa construção.

Promovendo o aprofundamento teórico e a troca de experiências dos alunos e profissionais da Psicologia e de áreas afins com a população, acreditamos favorecer o entendimento de questões que angustiam e fazem adoecer o Homem contemporâneo.

Neste aspecto, queremos deixar claro que não entendemos o processo de adoecimento como algo do indivíduo apenas, como já expressava Perls, fundador da Gestalt-Terapia, nos primórdios da divulgação de seu pensamento (1977). Acreditamos que o homem, como um ser-em-relação, se constitui e é constituído pela cartografia social na qual está inserido, como nos coloca, muito apropriadamente, o gestalt-terapeuta uruguaio Alejandro Spangenberg:

Em outras palavras o patológico não é somente a manifestação intrapsíquica ou relacional que manifesta uma pessoa dada, é o conjunto da organização social, educativa e familiar onde se desenvolve sua vida (2006, p. 38).

Nessa perspectiva, torna-se inerente pensar o contexto no qual estamos inseridos, o que implica em pensar a clínica além de seus limites comumente delineados – o *setting* terapêutico. Coloca-nos a necessidade de pensar as questões contemporâneas e nossa participação em seus delineamentos. Diante disso, pensamos nossa condição de terapeutas, e acrescentaríamos aqui os professores, no caso da nossa inserção acadêmica, como participantes desse processo e responsáveis pelo desenvolvimento de uma prática crítica, reflexiva e não meramente reprodutora de formas de pensamento e atuação cristalizadas, descontextualizadas.

Minha idéia é que precisamos incluir em nossa assistência a investigação de padrões, crenças, maneiras através das quais produzimos conhecimento e erros na apreciação da realidade que já existem nos padrões de nossas culturas (SAS DE GUITER, 2006, p. 82).

É com esse objetivo que desenvolvemos esse projeto, estabelecendo aqui atividades de curto prazo, sem perder de vista, no entanto, o desdobramento de ações a médio

e longo prazo. Nossa atuação se dará, também, num nível mais direto de atenção à população, enfatizando nossa crença de que a produção do conhecimento só tem sentido, se puder servir para a construção de um mundo melhor.

O Projeto tem como principal objetivo proporcionar a ampliação do campo de conhecimento dentro da Psicologia, complementar o campo de estudo dos alunos; divulgar as diversas práticas do psicólogo; estimular a reflexão crítica; favorecer o contato mais direto com a Abordagem Gestáltica; propiciar a troca de experiências entre profissionais e alunos das diversas instituições de ensino, bem como com o público em geral e oferecer ao público leigo, a oportunidade de participar de experiências de autoconhecimento.

Metodologia

O projeto tem uma orientação pedagógica experiencial, reflexiva e integrativa. Utiliza palestras, filmes-debate, discussão de temas da atualidade, lançamento de livros com conversa com o autor, seminários, oficinas e *workshops* para a ilustração das práticas.

Os eventos desenvolvidos pelo Laboratório são gratuitos e abertos aos estudantes, profissionais da área de saúde e educação de várias instituições e a comunidade em geral, contemplando temas de interesse comum extraídos dos levantamentos efetuados no decorrer dos eventos realizados.

As atividades acontecem um mês no Instituto de Psicologia/UERJ e no outro no Centro Universitário Celso Lisboa, alternadamente, a fim de que possamos estimular o intercâmbio de conhecimentos e experiências do público dessas duas instituições de ensino e arredores, em suas peculiaridades.

A cada atividade realizada são distribuídas fichas de coleta de dados ao público, a fim de podermos contabilizar o número de frequentadores e alguns dados que caracterizem nossa clientela, como faixa etária, gênero e escolaridade. Com base no levantamento de interesses registrado nas fichas é que são programados os eventos seguintes, ratificando o caráter de integração de nossa proposta. Os eventos pertencem ao todo e circulam de forma viva transformando cada encontro num multiplicador de temas e discussões.

O Projeto mantém, ainda, um site (www.laboratoriogestaltico.uerj.br) para divulgação de suas atividades e de textos relativos, bem como disponibiliza bibliografia relacionada a sua linha teórica e temas afins.

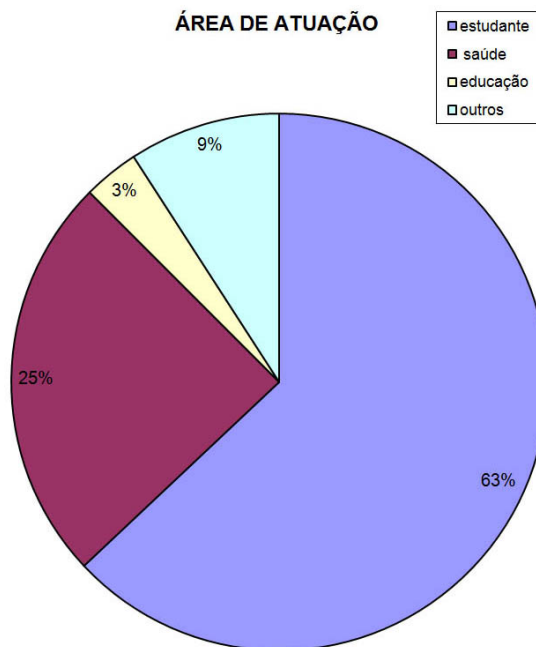
Onde estamos

Até o momento, foram realizados 12 eventos com frequência média de 60 pessoas e 1 Simpósio com 350 inscritos. Assim, temos um público total beneficiado de 1.010 pessoas.

Os temas abordados foram: relações familiares, psicoterapia de crianças, morte, intervenção de grupo na área da saúde, bases filosóficas da Gestalt Terapia, desafios da psicoterapia na contemporaneidade, Gestalt e Arte, oficina de histórias, parceria interinstitucional e diagnóstico.

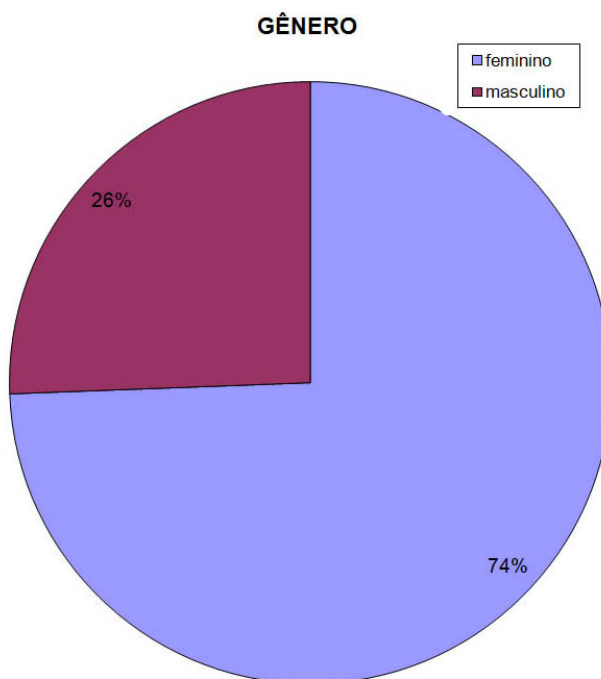
A partir das fichas de opinião coletadas em cada evento, podemos verificar os seguintes dados:

Gráfico 1 – Área de atuação



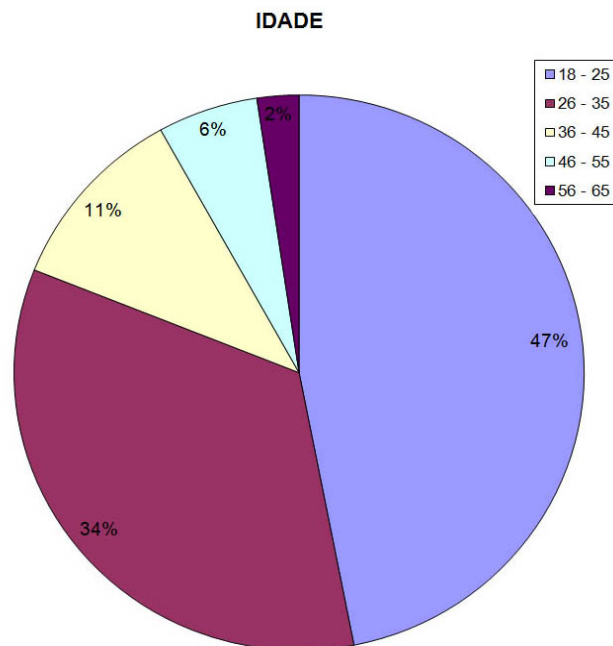
A maioria dos participantes de nossas atividades é composta de estudantes (63%), seguida de 25% de profissionais da área da Saúde, 3% da área da Educação e 9% de profissionais de áreas afins.

Gráfico 2 – Gênero



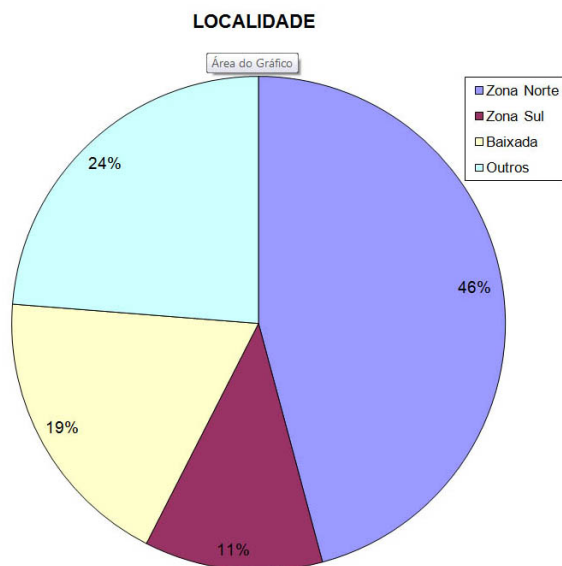
No que diz respeito ao gênero, verificamos que há uma predominância significativa do gênero feminino em 74% do total de nosso público contra 26% relativo ao gênero masculino, como pode ser identificado no Gráfico 2.

Gráfico 3 – Faixa Etária



O Gráfico 3 nos mostra que nossos eventos são contemplados por um público predominantemente jovem (81%), sendo que 47% estão na faixa etária entre os 18 e 25 anos, e 34% entre 26 e 35 anos. Os outros 19% são compostos por um público mais maduro, entre 36 e 65 anos. Acreditamos que esse delineamento se dê pelas atividades do Laboratório acontecerem, predominantemente, dentro de uma universidade.

Gráfico 4 - Localidade



No que se refere à localidade, observamos no Gráfico 4 que 46% de nossos participantes são oriundos de comunidades da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, seguidos de 24% de moradores de comunidades da periferia da cidade. A Baixada Fluminense aparece com 19% de participantes, enquanto a Zona Sul nos contempla com 11% do total de nosso público. A maior participação de presentes da Zona Norte pode se dar pela localização geográfica da universidade que vem a facilitar o acesso aos eventos.

Observamos, a partir destes dados, o alcance que as atividades propostas vêm atingindo, superando nossas expectativas bem como confirmando nossa avaliação acerca das lacunas existentes no contexto acadêmico para novas práticas e conhecimentos nesta área.

Ao considerarmos uma grande metrópole como o Rio de Janeiro, o fato de atingirmos diversas zonas urbanas constitui-se num dado relevante. Além disso, em muitos eventos havia uma limitação do espaço físico, levando-nos a limitar o número de participantes.

Considerações Finais

Toda ação nova implica em riscos. Quando nos lançamos nesta experiência sabíamos que, em parte, era uma necessidade nossa, no entanto, descobrimos que nossas ações produziram impactos importantes em outras pessoas. Ao longo de dois anos de existência, o **“Laboratório Gestáltico: perspectiva fenomenológico-existencial em clínica, pesquisa e atenção psicossocial”** alcançou cerca de 1.000 pessoas através de seus eventos internos, participações em eventos de outras universidades e em congressos, sempre com avaliações positivas e alcançando um de seus objetivos principais atingidos: difundir a perspectiva e a linguagem da abordagem Gestáltica para além do contexto acadêmico.

Estas são ideias plantadas que germinam a cada encontro, debate, e a cada realização. Nosso projeto vem sendo transformado por muitos que por ele vem passando e esperamos que esta possa ser uma inspiração para outras possibilidades aqui e em outros espaços universitários.

Tecendo a Manhã

(João Cabral de Melo Neto)

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.



REFERENCIAS

ALVES, R. A alegria de ensinar. apirus, 2000.

CSE/CNE, Notícia: Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia, in, Psicologia teoria e Pesquisa, vol. 20, no 2. ,Brasília, 2004.

GINGER, S. e GINGER, A. Gestalt: uma terapia do contato. São Paulo: Summus, 1995.

HYCNER, R. De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.

KEMPLER, W. In STEVENS, J.O. e STEVENS, B., Introdução de Isto é Gestalt, São Paulo: Summus, 1977.

NETO, J.C.de M. Laura, qual a referência????

PERLS, F, S. Teoria e Técnica de Integração da Personalidade in STEVENS, John, O. Isto é Gestalt, São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F; HEFFERLINE, R; GOODMAN, P. Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus, 1997.

SAS DE GUINTER, M. Idéias para Viver: uma contribuição para uma atitude "gestaltista" Revista " Sampa GT: Revista de Psicologia do Instituto Gestalt de São Paulo". São Paulo, Ano 3, nº 3, p. 80-84, 2006.

XISTO, V. de A. E agora? in Vasconcelos, E. Perplexidade na Universidade: vivencias nos cursos de saúde. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.



DESVELANDO SABERES EMPÍRICO-CIENTÍFICOS NAS AÇÕES EXTENSIONISTAS DE CUIDADO AO RECÉM-NATO E FAMÍLIA

REVEALING EMPIRIC-SCIENTIFIC KNOWLEDGE IN EXTENSION ACTIONS ABOUT NEWBORNS AND FAMILIES

Eliane Fonseca Linhares¹

Luzia Wilma Santana da Silva²

Emanuelle Caires Dias Araújo Nunes³

Lucas Amaral Martins⁴

Danielle Souza Cerqueira⁵

UESB- BA

RESUMO

Trata-se de um estudo de revisão de literatura transversalizado com a Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. Emergiu das dificuldades extensionistas de melhor compreender o contexto societal de cuidados familiares ao coto umbilical de recém-natos. Os objetivos foram conhecer o estado da arte para o planejamento de ações de cuidados e compartilhar saberes para um cuidar mais atencioso ao recém-nato. Da análise dos estudos emergiu três eixos temáticos: aspectos fisiológicos do coto umbilical – o cuidado preconizado; contextualização da práxis de cuidados ao RN – um enfoque no coto umbilical e as influências culturais familiares na prática cuidativa do coto umbilical. A compreensão adquirida a partir dos eixos apontou a necessidade de um olhar interdisciplinar que viabilize a apreensão dos valores culturais do cuidado familiar para a práxis de cuidados ao coto-umbilical profissional, alicerçada em pilares das ciências humanas e sociais para além das biológicas como filosofia de trabalho extensionista.

Palavras-Chave: Cuidado. Cultural. Coto. Recém-nascido.

ABSTRACT

This is a literature review study cross referenced with the Cultural Care Theory's Diversity and Universality. It has emerged from the extension difficulties of better understanding the social context of the family care to the umbilical stump in newborns. The objectives were to know the state of the art for the care action planning and sharing knowledge to a more attentive care to the newborn. From the study analysis three themes emerged: umbilical stump physiological aspects - the recommended care; the care to the newborn praxis context - a focus on the umbilical stump and the family cultural influences on the care practice of the umbilical stump. The insights gained from the themes pointed the need of an interdisciplinary approach that allows the cultural values apprehension of the family care for the practice of the professional care to the umbilical stump, based on the pillars of the human and social sciences in addition to biological as an extensionista work philosophy.

Keywords: Care. Cultural. Stump. Newborns.

¹ Enfermeira, professora auxiliar do Departamento de Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Enfermagem e Saúde PPGES – UESB. Coordenadora do Programa Educativo: Saúde do Coto Umbilical. Membro do NIEFAM/UESB. E-mail: linharesanne@hotmail.com.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem – PEN/UFSC. Bolsista CAPES. Coordenadora do Projeto de Ação Continuada Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivibilidade com Doenças Crônicas – NIEFAM/UESB. Professora Adjunta do Departamento de Saúde da UESB. E-mail: luziawilma@yahoo.com.br.

³ Enfermeira, Mestre em Enfermagem e Saúde pelo Programa de Pós- Graduação em Enfermagem e Saúde PPGES – UESB. Bolsista CAPES. Professora assistente da Universidade Federal da Bahia. Membro do NIEFAM/UESB E-mail: manoharaujo@ig.com.br.

⁴ Acadêmico de Enfermagem da UESB. Bolsista do Programa Educativo: Saúde do Coto Umbilical; bolsista UESB do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivibilidade com Doenças Crônicas – NIEFAM. E-mail: lucasmartins31@hotmail.com.

⁵ Acadêmica de Enfermagem UESB. Voluntária do NIEFAM/UESB E-mail: cerqueira.lelle@hotmail.com.

Introdução

O nascimento é uma celebração à vida que mobiliza toda a família em torno da assistência dedicada ao novo ser. Nesse contexto, afigura-se a mulher como presença familiar de primeiros cuidados ao recém-nato (RN), aliando-se a ela outros membros parentais, com sentimentos de pertença e vínculos relacionais que ajudam no cuidado do bebê. A presença constante dos membros familiares, que participam com suas experiências, corroborando com os cuidados de banhos, curativos do coto umbilical, incentivo ao aleitamento materno, medidas para minimizar cólicas, entre outros, configura-se numa prática de cuidados para garantir a dignidade da vida do RN (SILVA, 2007).

O olhar atencioso sobre este “pequeno ser” e tudo que envolve as suas necessidades do existir exige atenção criteriosa nas condições que enlaçam os cuidados cotidianos para a promoção e manutenção da saúde. Sobre este aspecto é que tecemos o ver/enxergar criterioso as necessidades desta vida em processo de crescimento e desenvolvimento. Neste entrelaçamento far-se-á um recorte sobre os cuidados a fim de direcionar o olhar para o coto umbilical do RN, por ser este um tema considerado pela comunidade científica ainda numa perspectiva simplificadora, quando, a bem da verdade, estudiosos como Marcondes (1991) concordam que esta é uma estrutura do corpo humano sujeita a consideráveis riscos e agravos para o processo saudável de crescer e desenvolver do RN, de modo que qualquer alteração que interfira no processo do ciclo vital nesta fase influenciará diretamente nas seguintes, podendo, por consequência, conduzir à morbimortalidade do RN.

Centrar o olhar sobre tal problemática fez emergir, na década de 90, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no município de Jequié, Bahia, um projeto de extensão contínuo intitulado: Programa Educativo Saúde do Coto Umbilical. A partir deste Projeto tornou-se possível observar que puérperas e profissionais de saúde não detinham conhecimento suficiente que os habilitassem a cuidar do coto umbilical na especificidade que tal estrutura exigia. Naquela época era comum o uso de álcool iodado, mertiolate, óleo de amêndoa, óleo de coco, óleo de rícino, variados tipos de pós, como pena de galinha, sola de sapato, cinza, mastruz, entre uma *multivariabilidade* de outras substâncias, revelando forte influência da crença popular, ou seja, do valor cultural instituído para o cuidado do coto umbilical (MIURA, 1997). No entanto, embora estejamos no século XXI, recursos desta natureza ainda são utilizados por um número considerável de pessoas.

O coto umbilical requer no seu manuseio uso de materiais e soluções recomendados pela ciência. Reis e Cruz (2004) abordam os cuidados ideais para limpeza do coto umbilical como importante instrumento na prevenção e controle de infecções, destacando como correto o uso de álcool 70% para evitar a proliferação de microorganismos, procedimento que deverá ser realizado três vezes ao dia, ou após cada troca de fralda.

Associado ao cuidado supracitado, há outras medidas recomendáveis para o controle de infecções do coto umbilical, fruto do trabalho conjunto implementado nos últimos anos, como: aumento da cobertura e da qualificação da atenção ao pré-natal, parto e puerpério; vacinação sistemática com antitetânica (toxóide tetânico ou dupla adulto) em mulheres em idade fértil; e melhoria da atenção básica – Programas de Saúde da Família e de Agentes Comunitários de Saúde (BRASIL, 2008).

No entanto, ainda se faz relevante pensar que, com o advento das vacinas contra o tétano, o acompanhamento pré-natal e imunobiológicos preconizados pelo Programa Nacional de Imunização, essas estratégias ainda enfrentam dificuldade de inserção para o controle da morbimortalidade infantil, sendo necessário considerar as *multiversas* realidades do Brasil quanto aos aspectos culturais e de acessibilidade aos serviços de saúde das populações, bem como as condições socioeconômicas e educacionais das pessoas, a fim

de que o processo de viver humano seja saudável, especialmente na atenção aos RNs.

Assim, o enfoque de cuidados com o coto umbilical chama atenção dos estudiosos em neonatologia, devido ao risco de infecção pelo manuseio do coto umbilical com mãos contaminadas e uso de substâncias contraindicadas para o tratamento dessa parte do corpo humano, uma vez que se trata de uma estrutura gelatinosa, que se desidrata concomitantemente após o nascimento do RN até atingir a fase de mumificação, prosseguindo para a queda definitiva (REZENDE, 2005).

Trazer à discussão a temática sobre o coto umbilical pode parecer, à primeira vista, um tema com pouca importância para a comunidade científica, dado que pode ser observado pela escassez de trabalhos científicos encontrados em bases de dados através do portal de periódicos CAPES, em busca realizada num recorte de 20 anos.

Nossas vivências e experiências cuidativas nas ações extensionistas do referido Projeto, levaram à busca pelos objetivos de conhecer o estado da arte para o planejamento de ações de cuidados e de compartilhar saberes para um cuidar mais atencioso ao recém-nato, o que acreditamos corroborar para a prevenção, promoção e recuperação da saúde do RN, mediante adoção de estratégias preventivas às onfalites, tétano neonatal e complicações.

Método

Este é um estudo de revisão teórica crítico-reflexiva, exploratória e descritiva, que emergiu das inquietações da equipe executora das ações extensionistas do Projeto Saúde do Coto Umbilical, o qual buscou, através de trabalhos científicos em base de dados, ampliar seus conhecimentos sobre a temática e, na perspectiva do fortalecimento do conjunto de saberes, inserir-se de forma mais respaldada para desenvolver práticas cuidativas na comunidade. Para tanto, foi necessário um trabalho refinado em base de dados, a partir do Portal de Periódicos CAPES, nas bases: Scopus, PubMed, Bireme, Medline, Lílacs, ISI Web of Knowledge, utilizando os descritores: cuidados ao coto umbilical, tétano, onfalites, recém-nascido, cuidado do lactente, relações familiares, enfermagem transcultural, cuidado intergeracional, num período primeiramente de 10 anos, foram escassos os estudos, apontando para uma lacuna do conhecimento. Na tentativa de ampliar este período, lançou-se mão de livros, dissertações e teses. Ao final, a busca pelo estado da arte compreendeu estudos entre 1990 a 2009.

A análise traduziu-se numa tarefa complexa e delicada de idas e vindas nos dados encontrados na tentativa de compreendê-los, à “luz” de sua complexidade e na contextualidade de sua existência cultural-social-antropológica. Deu-se por leitura dinâmica *a priori* e em profundidade *a posteriori*, exigindo, ao final da compreensão destas leituras, o exercício de transversalizar os dados encontrados com a Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. Desta transversalização emergiram os eixos temáticos, assim intitulados: aspectos fisiológicos do coto umbilical – o cuidado preconizado; contextualização da práxis de cuidados ao RN – um enfoque no coto umbilical e as influências culturais familiares na prática cuidativa do coto umbilical.

Estes eixos constituíram um acervo bibliográfico para os estudos do grupo que compõe a equipe do Programa Educativo: Saúde do Coto Umbilical, cuja finalidade foi a uniformização de uma linguagem de cuidados à família de puérperas e recém-natos.

Resultados

Desvelar o estado da arte consistiu num processo difícil e intrigante, tendo em vista a escassez de estudos disponíveis nas bases de dados. O total de estudos utilizados, entre documentação direta e indireta foram 20, porém, a maioria das publicações, 13, abordavam o tétano neonatal e as medidas profiláticas de controle – apenas 02 publicações abriam suas discussões acerca dos cuidados ao RN para uma diversidade de saberes que envolviam aspectos culturais, intergeracionais, cuidados profissionais, timidamente apresentados no universo de estudos encontrados, e outros 05 abordavam cultura e família em aspectos gerais.

Neste cenário em que se mostrou o estado da arte, os estudos encontrados convergiam para as nossas experiências/vivências nas ações extensionistas do Programa Educativo: Saúde do Coto Umbilical, acendendo ainda mais as nossas inquietações e preocupações sobre as atividades nessa área do conhecimento. Buscávamos algumas respostas às nossas inquietações para melhor inserção na comunidade, no entanto, descobrimos que a lacuna nessa área do saber é algo a ser preenchido e que as academias de ciências e desenvolvimento tecnológico precisam inquietar sujeitos crítico-reflexivos para direcionarem um olhar mais atencioso para estudos na área, visto que, como dito anteriormente, estarmos em pleno século XXI convivendo com onfalites e potencial risco de tétano neonatal.

Das dimensões

Aspectos fisioanatomopatológicos do coto umbilical – o cuidado preconizado

Diante das múltiplas interações na prática do cuidar, faz-se importante salientar como o cuidado ao RN é defendido pelos estudiosos da área de neonatologia e pediatria, em especial o cuidado com o coto umbilical. É consenso entre estes pesquisadores ser o coto umbilical uma porta de entrada de fácil acesso para microorganismos patogênicos.

Dessa forma, Marcondes (1991) chama atenção para a assepsia do coto umbilical com álcool etílico a 70% devido a sua propriedade bactericida na eliminação de microorganismos presentes no coto e região periumbilical, orientação assumida pelo Ministério da Saúde desde 2001 (BRASIL, 2001). Ziegel (1985) acrescenta que não devem ser utilizados outros materiais, a exemplo o penso cirúrgico, devendo apenas a região ser mantida limpa para prevenir infecção.

Para Pizzato e Poian (1982), a técnica da assepsia consiste em pincelar o coto umbilical e as áreas em torno do umbigo, várias vezes ao dia, com álcool a 70%, mantendo-o seco, devendo o manuseio ser precedido de lavagem das mãos. Tais cuidados devem ser ministrados até que o umbigo esteja completamente cicatrizado. Reforça ainda a não utilização de faixas oclusivas na região, devendo-se evitar também o uso de fraldas sobre o umbigo, de forma a impedir o atrito e a irritação do cordão, pelo contato potencial com a urina e outros fluidos corporais. Recomenda a inspeção do local, atentando para possíveis sangramentos, coloração da pele periumbilical, presença de exsudato supurativo e outros sinais indicadores de infecção.

Outro aspecto a ser considerado é a forma como o banho deve ser realizado. Segundo

o autor supracitado, o banho de imersão antes da queda do coto umbilical eleva o risco de infecção do coto. Em concordância, Marcondes (1991) salienta que o banho de imersão do RN somente deve ser realizado após a cicatrização da base de implantação do coto umbilical, respeitando horários, antes de uma das refeições diárias, em locais livres de corrente de ar.

Os estudos encontrados seguem os mesmos princípios teórico-metodológicos de cuidados ao coto umbilical. Princípios estes que também vinham sendo seguidos nas ações extensionistas do Programa Educativo: Saúde do Coto Umbilical, o qual, através de sua equipe, em suas vivências e experiências na comunidade, tem validado cotidianamente a importância de seguir esta determinação, reforçando estes cuidados junto à comunidade. No entanto, as dimensões que se seguem vêm demonstrar um saber popular que entra em discordância com a compreensão científica desenvolvida pelos estudiosos.

Contextualização da práxis de cuidados ao RN – um enfoque no coto umbilical

Ao longo da história podem ser observadas diversas práticas de cuidados familiares consideradas apropriadas ao cuidado do coto umbilical. A este respeito, Gallagher e **Shah (2009) relatam que** a prática cultural de utilização de esterco bovino sobre o coto umbilical é uma realidade nos países subdesenvolvidos, o que se respalda no estudo de Vieira, Oliveira e Lefrèvre (2006), os quais apontam a relação existente entre essas práticas e as condições socioeconômicas das pessoas e associam a acessibilidade deficiente aos serviços obstétricos e pré-natais como fator preponderante para a incidência do tétano neonatal.

Marcondes (1991) anuncia o tétano neonatal como um grave problema de Saúde Pública nos países subdesenvolvidos, com alta taxa de letalidade. Ressalta que nos tempos atuais permanecem divergências de conhecimentos entre as classes profissionais da área de saúde, o que reflete diretamente na prática de cuidados ao coto umbilical, o que também confirma Guardiola *et al* (2000) em seus estudos.

No Brasil, país em desenvolvimento, o qual entra no eixo das discussões dos autores acima, a Secretaria de Atenção à Saúde destaca, no Manual Técnico de Pré-natal e Puerpério, a importância de desenvolver um cuidado ao RN em consonância com o explicitado na literatura, de forma a contribuir para prevenção do tétano neonatal, e outras infecções (BRASIL, 2006). No entanto, a diversidade socioeconômica e demográfica do país favorece uma multiplicidade de saberes populares e a população, por não ter acesso à informação de natureza científica, usa substâncias como: teia de aranha, pó de sola de sapato, café, fumo, esterco, e outras no cuidado domiciliar do coto umbilical. Estes materiais podem conter *Clostridium tetani* e outros tipos de microorganismos patogênicos que causarão complicações resultantes da prática empírica (transcultural) (GALLAGHER e **SHAH, 2009; SARAYVA, 2003**).

Conforme relatado acima, o uso de substâncias nocivas neste órgão deve-se, além dos fatores físicos, aos costumes e crenças transmitidas e enraizadas na população. Tais evidências foram confirmadas por Oliveira *et al* (2006), em estudo que aponta a relação existente entre o uso de substâncias deletérias e os aspectos socioculturais.

A forte influência dos valores culturais nos cuidados familiares é descrita por Boehs (1994, p.125), ao ressaltar que “a cultura influencia o valor e significado de saúde e doença,

bem como as necessidades de cuidado”. Essa relação entre a cultura e as práticas de saúde-doença perpassa pela dinâmica familiar, envolvendo sentimentos da puérpera com sua família como a confiança e consideração, o que gera uma situação potencialmente conflituosa diante da possibilidade de transgredir os ensinamentos recebidos neste contexto vincular.

Neste sentido, Moreira *et al* (2007) relatam que a relação com o outro pode estar fundamentada na imposição ou na troca de saberes. Há uma história de vida anterior, um passado rico em experiências diversificadas de alternativas enraizadas na forma de pensar e de agir. Portanto, constata-se a relevância de compreender a família em sua totalidade, considerando-a em suas dimensões biopsicossociais e culturais, incluindo os aspectos simbólicos que ela possui, o que viabiliza uma troca de saberes e de experiências entre profissional e família. Para essas autoras, o saber científico necessita dialogar com o saber popular para entender de onde provêm os significados com os quais a puérpera e seus familiares dão sentido aos seus modos de vida e como criam estratégias de tratamento do cuidar do coto umbilical.

O profissional de saúde precisa estender seu cuidado à família do binômio mãe-filho, compreendendo este universo como um sistema integrado, envolvido e determinado por aspectos sociais, culturais, ambientais, enxergando a família como unidade primeira de cuidados aos seus membros na assistência à saúde (ELSEN, MARCON e SILVA 2002; SILVA, 2007).

Influências culturais familiares na prática cuidativa do coto umbilical

Diante das *multiversas* realidades do Brasil, observam-se variadas formas de cuidados primários ao RN, determinadas pelos hábitos de vida, cultura e valores. Dessa forma, a Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural, proposta por Madeleine Leininger, mostra-se como importante subsídio norteador, tendo em vista o anseio deste estudo em compartilhar saberes para um cuidar mais atencioso ao recém-nato, mais especificamente ao coto umbilical.

Segundo Leininger (2006), a cultura é compreendida através dos valores, crenças, normas e modos de vida praticados, que guiam pensamentos, decisões e ações e que foram apreendidos, compartilhados e transmitidos por grupos particulares. O valor do cuidado pode ser influenciado por diversos fatores culturais. No caso específico de puérperas e familiares-cuidadores, as práticas de cuidados com o RN, sob orientação de profissionais de saúde, mesclam-se constantemente com aquelas aconselhadas por amigos e parentes (PATRÍCIO, 1994).

Diante disso, todo cuidado que envolve “modos de vida”, adquiridos culturalmente, precisa desenvolver-se numa perspectiva diferenciada, de forma a interagir com o outro e com sua família, conquistando uma relação intersubjetiva capaz de propiciar a reconstrução de saberes e práticas, fazendo do intercâmbio profissional-binômio-família-comunidade um momento permeado de sabedoria, experiências, poder, responsabilidades e amor.

Neste sentido, Leininger (2006) destaca em seus estudos, entre outros aspectos, três que considera fundamentais na estratégia de *cuidados culturais* no enlace do respeito às crenças, valores e práticas cuidativas da família: 1) preservação/manutenção – ocorre quando ele se desenvolve de maneira benéfica, independente de ser proveniente do sistema profissional ou do sistema popular de saúde; 2) acomodação/negociação – surge quando as percepções de

ambos, sistema profissional de saúde e sistema popular, adaptam-se, procurando conjugar os cuidados científico e popular; e 3) reestruturação/repadronização – consiste no ato de reordenar, trocar ou modificar os “modos de vida” para novos, diferentes e benéficos à saúde familiar, respeitando seus valores e crenças culturais. O sistema profissional de saúde busca interagir com o cuidado do sistema popular, introduzindo novos conceitos de cuidado não conhecidos pelo sistema familiar/popular e adaptando os conhecimentos já existentes nas populações.

Considerações Finais

Ao buscar conhecer o estado da arte para subsidiar as ações extensionistas do Programa Educativo Saúde do Coto Umbilical nos deparamos com estudos que reforçaram nossas experiências/vivências em trabalhos comunitários, aguçando nossa inquietude enquanto equipe, quanto à necessidade de se buscar conhecer melhor as evidências científicas para o desenvolvimento de nossas atividades na comunidade, visto a identificação de uma lacuna do conhecimento sobre o cuidado do RN e do coto umbilical.

No que concerne ao cuidado preconizado, os autores foram unânimes na concordância do álcool a 70% como substância de escolha e na orientação voltada para preservar a aeração do coto umbilical, sem uso de faixas e fraldas que ocluam o umbigo.

Outros estudos direcionaram seu olhar aos saberes culturais intergeracionais responsáveis pelo uso de outras substâncias utilizadas pela comunidade, que não a reconhecida cientificamente. Embora tenham sido consultados estudos de até vinte anos de publicação, observou-se uma tímida inserção da ciência nas comunidades menos favorecidas em nível educacional e social. Nestas, a cultura de uso de substâncias nocivas persiste até os dias atuais, demonstrando a necessidade de repadronização de valores culturais para o desenvolvimento saudável dos futuros sujeitos dessa nação, visto o risco de morbimortalidade a que estão submetidos os RNs pelas práticas de cuidados populares de risco à saúde.

A realidade vivencial das atividades extensionistas desenvolvidas no município de Jequié, assenta-se em seu contexto situacional e se mostra para nós como desafio a ser vencido para promoção do crescimento e desenvolvimento saudável dos RNs. Nas nossas andanças e práticas cuidativas pela comunidade, nas atividades de cuidados domiciliares, palestras, oficinas, cursos, minicursos, temos buscado interagir saberes científico-populares e repadronizar os conhecimentos populares, tendo em vista a promoção da saúde e a prevenção das onfalites, tétano neonatal e suas complicações.

Cumpra-se destacar que se trata de uma tarefa complexa que exige um olhar interdisciplinar de uma equipe multiprofissional, para além da área biológica, ir ao encontro das ciências humanas sociais, ou seja, reconhecer a cultura como forma de cuidado familiar e compreender que a mudança precisa ser perspectivada pelas lentes da família e dos profissionais de maneira recursiva. Nestes pilares, encontram-se a filosofia de trabalho extensionista do Programa Educativo Saúde do Coto Umbilical que embora enfrente muitas barreiras para o alcance dos seus objetivos, estas não encontram respaldo na equipe, pois busca ultrapassar os limites, entre eles a falta de recursos para o trabalho extensionista.



REFERÊNCIAS

- BOEHS, A. E. Construindo um marco conceitual e um processo de enfermagem para cuidar de família em expansão. In: BUB, L. I. R. e (orgs.) Marcos para a prática de enfermagem com família. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Tétano neonatal. In: Guia de vigilância epidemiológica. 6. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde-Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual Técnico. Pré- natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada. Série A. Normas e Manuais Técnicos Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos – Caderno nº. 5 Brasília,DF, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001.
- ELSEN, I; MARCON, S.S.; SILVA, M.R.S. O viver em família e sua interface com a saúde e a doença. Maringá: Eduem, 2002.
- GALLAGHER, P. G; SHAH, S. S. Omphalitis. Medicine Pediatrics: Cardiac Disease e Critical Care Medicine. Neonatologia. Disponível em: <<http://emedicine.medscape.com/article/975422-overview>. Acessado em junho/2009.
- GUARDIOLA, A. et al. Tétano Neonatal, infecção neonatal. J Pediatr (Rio Janeiro) 2000; 76(5):391-4.
- LEININGER, M. M; McFARLAND, M. R. Culture care diversity and universality : a worldwide nursing theory. 2 ed. Sudbury. Massachusetts: Jones and Bartlett publishers. 2006.
- MARCONDES, E. Pediatria básica. 8. Ed. São Paulo: Sarvier, 1991, v. 1.
- MIURA, E. Neonatologia: princípios e práticas. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MOREIRA, J. et al. Educação popular em saúde: a educação libertadora mediando à promoção da saúde e o empoderamento. Contrapontos - volume 7 - n. 3 - p. 507-521 - Itajaí, set/dez 2007. [online] <<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/920/775>> Acessado em março de 2009.
- OLIVEIRA, A. T. S. A. et al. Crenças e Práticas Populares: influência na assistência de enfermagem prestada à criança no programa Saúde da família. Revista Brasileira em promoção da saúde. v 19, n.1. 2006. [online] <<http://www.unifor.br/notitia/file/760.pdf>>. Acessado em abril de 2009.
- PATRICIO, Z. M. Cenas e cenários de uma família: a concretização de conceitos relacionados à situação de gravidez na adolescência. In BUB, L. I. R. e (orgs.) Marcos para a prática de enfermagem com família. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.
- PIZZATO, M. G.; POIAN, V. R. L. Enfermagem neonatológica. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1982.
- REIS, M. V.; CRUZ, V. M. F. R. Orientação para limpeza do coto umbilical em recém-nascidos. VIII INIC /IV EPG – UNIVAP, 2004. Disponível em:< http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2004/trabalhos/inic/pdf/IC4-53.pdf> Acesso em maio 2009.
- REZENDE, J. Obstetrícia. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A., 2005.
- SARAYVA, A. M. Os saberes populares praticados no cuidado ao recém-nascido. [trabalho de conclusão de curso de graduação em Enfermagem] UEP: 2003.
- SILVA, L. R.; CHRISTOFFEL, M. M.; CASTRO, J. S.; RIBEIRO, F. A prática do cuidado prestado pelas mulheres aos Filhos no domicílio. Enfermería Global. Nº 10, Mayo 2007.
- VIEIRA, L. J.; OLIVEIRA, M. H. P.; LEFRÈVE, F. O uso da expressão “mal-de-sete-dias” por mães de crianças que morreram de tétano neonatal em Minas Gerais (1997-2002). Texto Contexto Enferm. Florianópolis, v. 15, n. 1, mar. 2006. [online] Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-7072006000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessado junho/2009.
- ZIEGEL, E. E.; CRANLEY, M. S. Enfermagem obstétrica. 8. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.



AÇÃO INTEGRADA EM ODONTOLOGIA NA COMUNIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DA INTEGRAÇÃO ENSINO/EXTENSÃO

DENTISTRY INTEGRATED ACTION IN COMMUNITY: AN EXPERIENCE OF EDUCATION AND EXTENSION INTEGRATION

Fabiana Bucholdz Teixeira Alves¹

Luísa Rech Gomes Gregol²

Gislaine Denise Czulniak³

Emigdio E. Orellana Jiménez⁴

RESUMO

Os autores descrevem a experiência de um projeto de extensão do curso de odontologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa que funciona por meio de um convênio firmado entre a Universidade Estadual de Ponta Grossa/PROEX e a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Abordam o histórico do projeto de extensão, os seus antecedentes, a sua metodologia de funcionamento, as características do seu corpo docente, dos alunos e a receptividade da comunidade envolvida.

Palavras-chave: Integração. Ensino. Comunidade. Extensão.

ABSTRACT

The authors describe their experiences during the extension project carried out during the Dentistry undergraduate Course from State University of Ponta Grossa. The extension project is an agreement between the State University of Ponta Grossa/PROEX and Ponta Grossa City Government. This article approaches the history of the extension project, its operation methodology, as well as the teachers and students characteristics and community involvement.

Keywords: Integration. Education. Community. Extension.

¹ Doutora em Odontopediatria na Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo/FOUSP e Professora Colaboradora da Disciplina de Odontopediatria da Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG.

² Mestranda em Odontologia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e Cirurgiã-Dentista especialista em Odontopediatria pela Universidade Estadual de Londrina.

³ Doutora em Odontopediatria e Professora Associada da Disciplina de Odontopediatria da Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG

⁴ Mestre em Clínica Integrada, Professor titular da Disciplina de Ortodontia Preventiva e coordenador do projeto de extensão na Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG. Doutorando em Ortodontia na PUC-PR

Introdução

Devemos considerar o alcance do universo social que atinge um projeto de extensão que envolve: “criança e adulto – família e escola – e a comunidade em ambiente rural”, principalmente pelo esclarecimento, prevenção e erradicação da cárie dentária, bem como o amplo campo que se abre aos acadêmicos na integração Universidade – Comunidade. A exploração de resultados positivos alcançados em projetos de extensão é importante, pois gera espaço para outras áreas do conhecimento com o envolvimento de outros departamentos. Também fortalece o processo da interdisciplinaridade, bem como o entrosamento com outras atividades comunitárias e sociais, graças ao contato direto com o meio o que permite a retro-alimentação obtida nas palestras dialogadas, em reuniões com a comunidade e trabalhando a própria realidade que resulta das necessidades manifestadas espontaneamente pela cidadania local, propiciando um processo de transformação, mesmo em longo prazo, da educação em saúde bucal tão necessária e urgente.

A fundamentação teórica e metodológica do projeto, atualmente ministrado para os alunos do 4º e 5º ano do curso de Odontologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG possui a finalidade de prepará-los para as atividades clínicas de forma competente nos problemas de saúde coletiva, pois no processo saúde-doença é necessário conhecer seus determinantes e identificar o perfil profissional necessário para atuar de forma individual ou coletivamente, mas principalmente indo ao encontro da proposta das “Diretrizes Curriculares para os cursos de Odontologia” (2002), que propõe o seguinte perfil para os egressos dos cursos de Odontologia:

profissional generalista, com sólida formação técnico-científica, humanista e ética, orientada para a promoção de saúde, com ênfase na prevenção das doenças bucais prevalentes e consciente das necessidades de educação continuada.

Com toda a dificuldade financeira que existe na universidade pública brasileira, a implantação da extensão universitária é um caminho para capacitar o futuro Cirurgião-Dentista nas questões sociais. Desenvolve no acadêmico uma atitude humanística em relação aos problemas de saúde bucal na área rural destacando-se o indivíduo, mas priorizando a comunidade e divulgando conhecimentos importantes para a manutenção da saúde, planejando, executando e avaliando atividades odontológicas, com integração dos conhecimentos e experiências adquiridas nas diferentes disciplinas. Procura-se dar a oportunidade aos alunos, de possuírem os conhecimentos essenciais sobre a realidade de saúde bucal da sociedade em que vivem, na qual e para a qual irão trabalhar.

No entanto promover o ensino por meio de atividades extensionistas requer formação pedagógica especial, vontade política, predisposição, motivação e despojamento, tanto dos professores como dos alunos e funcionários que se propõem desenvolver esta atividade pedagógica. Isso releva os transtornos que o deslocamento ao meio rural exige, desconsiderando a infraestrutura que nunca chega a ser igual à oferecida intramuros e o deslocamento em veículos de pouco conforto para enfrentar estradas vicinais descuidadas e que torna relevante a proposta do projeto em questão.

Este trabalho tem, pois, como objeto de análise, em uma primeira aproximação, a compreensão da importância do projeto de extensão em Odontologia na conformação do perfil profissional proposto pelo colegiado do curso/UEPG. Busca compreender, também, no processo de integração em que este projeto se desenvolve, quais as responsabilidades e os papéis a serem desempenhados pelo Serviço e pela Universidade.

Queremos por meio deste artigo relatar algumas características importantes do projeto de extensão do curso de odontologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa intitulado “Ação Integrada em Odontologia na Comunidade”, dentro das disciplinas de Clínica Integrada e Odontopediatria, para mostrar a contribuição, ou mesmo a participação da Universidade na comunidade local e na formação do Cirurgião-Dentista para sua integração na sociedade, com formação humanística.

Projeto de extensão: Ação Integrada em Odontologia na Comunidade - Aspectos Históricos

No curso de Odontologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, a disciplina Odontologia Social e Preventiva aparece em um único período (3º ano letivo) com caráter eminentemente teórico, sem a observação de atividades de Extensão e Estágio discente em comunidades extramuros. Porém, no ano de 1987, iniciou-se a preocupação da disciplina Odontologia Social oferecer aos alunos um conhecimento da realidade social na sua totalidade e de suas manifestações no nível de saúde, facilitando a aproximação dos professores e alunos com outros setores da universidade, via Extensão, e com locais e populações carentes de atenção odontológica, através de convênios com órgãos e serviços públicos de assistência à saúde.

Com isso foi se verificando a necessidade de implementar um modelo de atendimento comunitário que propiciasse o desenvolvimento de conteúdos sociais e que utilizasse métodos preventivos, constituindo-se numa alternativa às formas tradicionais de atenção odontológica. Tratava-se da criação do Projeto Ação integrada em Odontologia na Comunidade. Entre os objetivos apontados na proposta destacam-se:

promover a integração – Universidade e Sociedade, por meio do atendimento odontológico (ações educativas, preventivas e curativas) às comunidades rurais (...) para que os estudantes tomassem contato com as reais condições de vida e saúde da população rural, possibilitando análise, reflexão das condições de saúde bucal e aprofundamento do conhecimento científico. (CAPOTE, 1997).

Embora houvesse o registro de resistências à proposta, tanto por parte de alunos como de professores, com a criação deste projeto acreditava-se ser possível a superação do fato de que o conteúdo estritamente teórico da disciplina Odontologia Social contribuía para a falta de motivação do aluno para esta área, já que as outras disciplinas possuíam conteúdos teóricos e práticos. A proposta demonstrava a tentativa de aproximar a Universidade da comunidade, além de representar uma crítica ao modelo de odontologia vigente, pois considerava a formação profissional bastante dissociada da realidade (VASCONCELOS; WERNECK, 1991).

Para dar continuidade, alguns aspectos foram importantes serem resgatados. Um deles é a aprovação do Conselho Federal de Educação-CFE no ano de 1982, por meio da “Resolução CFE 04/82”, da reestruturação do Currículo Mínimo para os Cursos de Odontologia, onde o relato do conselheiro João Paulo do Valle Mendes (relator do Processo Nº 1077/79, que resultou na Resolução CFE 04/82), propôs como objetivos

para o novo currículo os seguintes princípios:

Formar um Cirurgião-Dentista com habilidade para aplicar princípios biológicos, técnicos e éticos para resolver os problemas de doenças buco-dentais mais prevalentes na região geo-educacional da Instituição e em programas estratégicos de interesse nacional;

Formar um Cirurgião-Dentista clínico geral, voltado para os problemas de saúde bucal; com filosofia preventiva e social, apto e conscientizado para atuar na sua comunidade, integrando-se às atividades das outras profissões da área de saúde (OLIVEIRA, 1986).

Outro aspecto somado ao currículo do profissional foi importante a contextualização do que vem a ser a Extensão universitária como progresso educativo, cultural científico que estimula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade. Que por meio de Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão realizado em 1987 definiu os principais objetivos da extensão universitária sendo eles: 1) realimentar e/ou avaliar o ensino e a pesquisa, contribuindo para a reflexão crítica de concepções e práticas curriculares e a sistematização do conhecimento produzido; 2) dinamizar o exercício profissional concreto, em função das exigências da realidade indispensável na formação do cidadão; 3) participar no processo de desenvolvimento da sociedade, de forma dinâmica e qualitativa, buscando caminhos alternativos que atendam aos interesses e necessidades das comunidades.

Como declarado por Baughan (1993), as instituições formadoras devem então dispensar todos os esforços para identificar as variáveis e priorizar uma graduação ampla num processo educacional holístico, de acordo com as necessidades sociais do meio ambiente em que o profissional exercerá sua profissão. Assim, o curso de graduação deve utilizar metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno na construção do conhecimento e promova a integração das dimensões biológicas, psicológicas, sociais e ambientais do processo saúde-doença (PEREIRA, 2003).

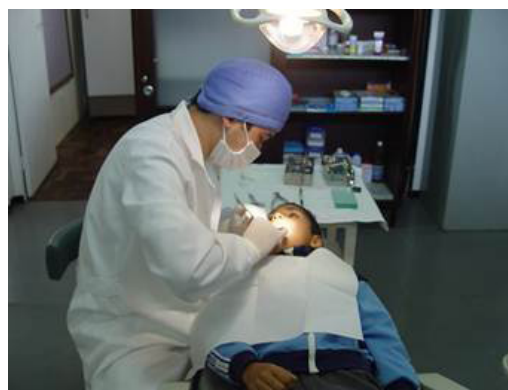
Nos dias de hoje

Como devemos levar em alta consideração o princípio fundamental na conformação de um perfil profissional capaz de compreender os fatores determinantes do Processo Saúde-Doença Bucal, de conhecer a estrutura da prática odontológica nos âmbitos “Público” e “Privado” e saber como atuar diante desta realidade. O eixo central, a capacidade de propiciar no interior da grade curricular a obtenção deste princípio, foi a continuidade do projeto de extensão odontológica do 4º e 5º ano, objetivando o ensino da prática odontológica integral. A consecução deste objetivo se desse através da integração prática/teoria de forma crescente e que, para tanto, pela amplitude das ações no âmbito dos serviços, pela complexidade das mesmas e pela reflexão/elaboração teórica que o contato com elas exige notadamente no momento da formação profissional, deveria ser assumido por uma equipe de professores com preparo e experiência na área em questão, bem entrosada e cujo trabalho refletisse o compromisso com os objetivos propostos pelo currículo.

Com isso o projeto de extensão encontra-se estruturado por aulas práticas.

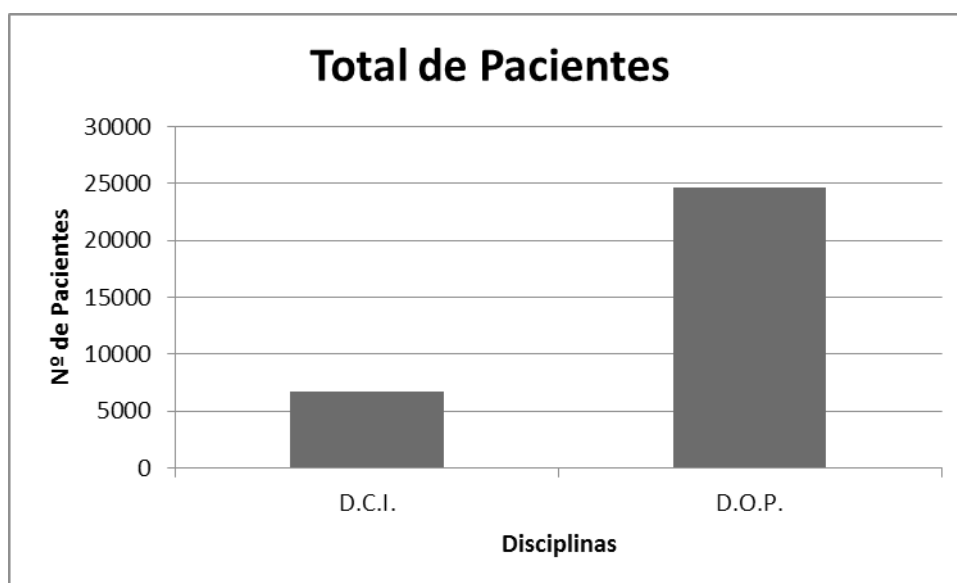
Funcionando a Disciplina de Odontopediatria para alunos do 4º ano com carga horária de 16 horas e a Disciplina de Clínica Integrada para alunos do 5º ano com carga horária de 64 horas, em equipes de 5 alunos, 01 um professor supervisor e uma atendente de consultório dentário. Os alunos desenvolvem atividades clínicas no atendimento e atividades educativas/preventivas aos pacientes e familiares (figuras 1 e 2). A avaliação do processo é realizada por meio de um relatório final verificando o cumprimento dos objetivos do projeto: a) o conhecimento das estruturas organizacional e funcional dos serviços públicos de saúde; b) a participação no processo de atendimento à população rural; c) integração prática/teoria; e d) relato de cada aluno, (com opção de anonimato) explicitando sua vivência, suas críticas e contribuições para a melhoria do projeto em benefício da comunidade e do processo ensino/aprendizagem.

Figuras 1 e 2 - alunos desenvolvendo atividades práticas no atendimento a pacientes e atividades educativas/preventivas



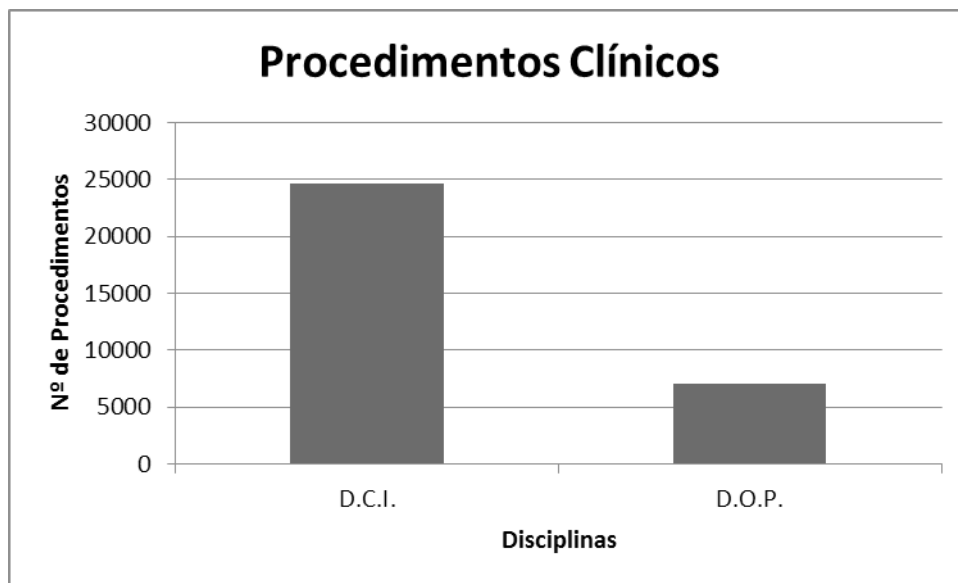
Nos últimos cinco anos de atuação (2006 – 2010), o programa CRUTAC em Odontologia atendeu 8.263 indivíduos, sendo 6.729 dentro da disciplina de Clínica Integrada e 1.534 dentro da disciplina de Odontopediatria (Gráfico 1).

Gráfico 1: demonstra o numero de pacientes atendidos por disciplina, 1.534 na disciplina de Odontopediatria (D.O.P.) e 6.729 na disciplina de Clínica Integrada (D.C.I.).



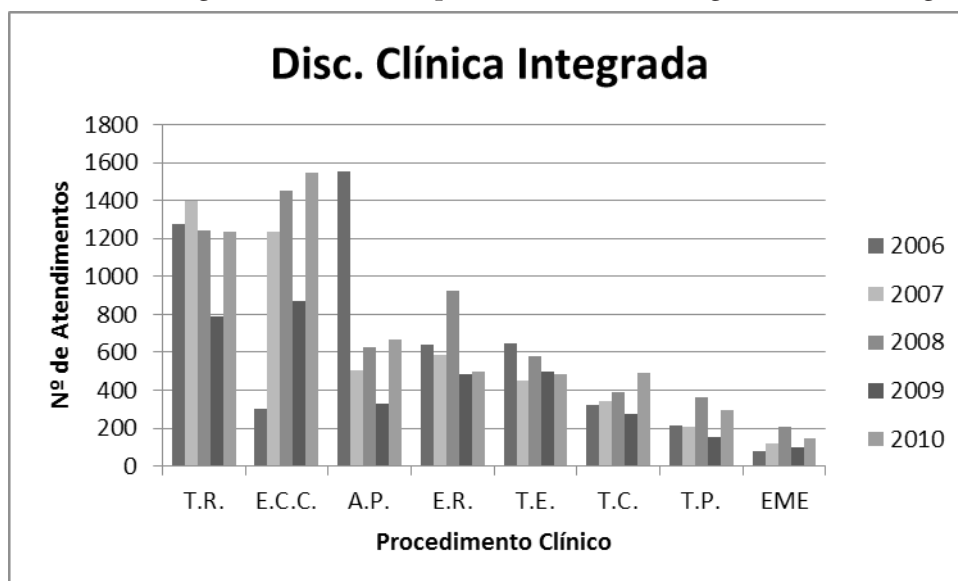
O número de procedimentos clínicos realizados, nos últimos cinco anos, foi de 31.664, sendo 24.622 realizados dentro da disciplina de Clínica Integrada e 7.042 dentro da disciplina de Odontopediatria (Gráfico 2).

Gráfico 2: demonstra o numero de procedimentos clínicos realizados por disciplina, 7.042 na disciplina de Odontopediatria (D.O.P) e 24.622 na disciplina de Clínica Integrada (D.C.I.).



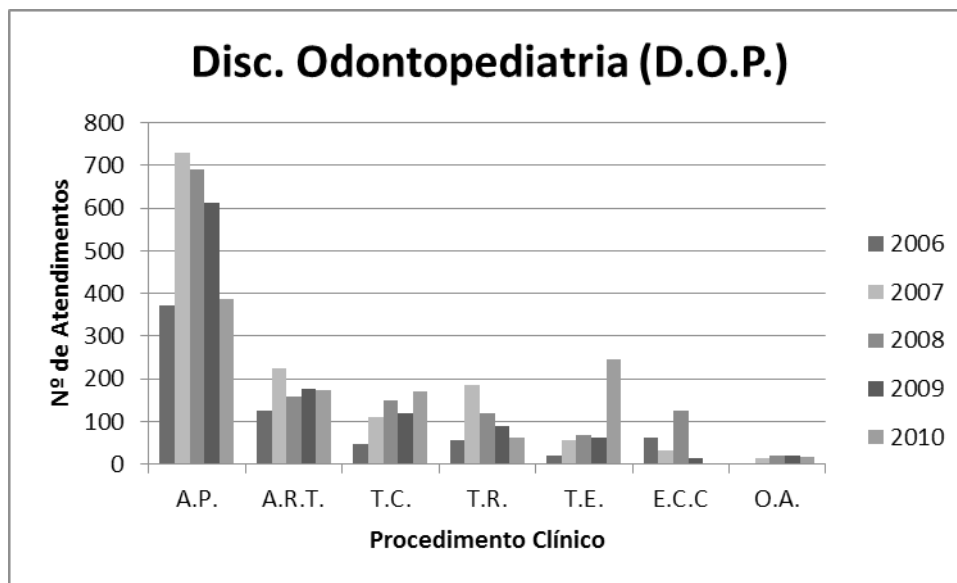
Os procedimentos clínicos, dentro da disciplina de Clínica Integrada, realizados em maior frequência foram: tratamento restaurador (24,2%), exame clínico de controle (22%), ações em odontologia preventiva (15%), exame radiográfico (12,7%), tratamento endodôntico (10,8%), tratamento cirúrgico (7,5%), tratamento periodontal (5%), emergências odontológicas (2,7%) (Gráfico 3).

Gráfico 3: demonstra o número de procedimentos clínicos realizados dentro da disciplina Clínica Integrada (D.C.I.): T.R.: tratamento restaurador; E.C.C.:exame clínico de controle; A.P.: ações preventivas; E.R.: exame radiográfico; T.E.: tratamento endodontico. T.C.: tratamento cirurgico; T.P.: tratamento periodontal; EME: emergências em odontologia.



Na disciplina de Odontopediatria os procedimentos clínicos realizados em maior frequência foram: ações em odontologia preventiva (50,6%), tratamento restaurador atraumático – ART (15,6%), tratamento cirúrgico (10,8%), tratamento restaurador (9,3%), tratamento endodôntico (8,2%), exame clínico de controle (4,2%), e outras ações (1,3%), (Gráfico 4).

Gráfico 4: demonstra o número de procedimentos clínicos realizados dentro da disciplina Odontopediatria (D.O.P): A.P.: ações preventivas; A.R.T.: tratamento restaurador atraumático; T.C.: tratamento cirurgico; T.R.: tratamento restaurador; T.E.: tratamento endodontico; E.C.C.:exame clínico de controle; O.A.: outras ações.



A diferença entre o número de pacientes atendidos e procedimentos clínicos realizados entre as disciplinas deve-se a maior frequência, duas vezes por semana, que a disciplina de Clínica Integrada dirige-se as comunidades assistidas pelo programa. Quanto à disciplina de Odontopediatria, apenas quinzenalmente as comunidades de Itaiacoca ou Guaragi.

Algo importante a destacar é que este processo, em algum momento, foi interferido por situações que ocorrem durante as atividades docentes e administrativas, mas que não impediram o encerramento do projeto de extensão como um todo. As dificuldades foram os momentos mais ricos e propícios para se perceber o verdadeiro potencial da integração dos serviços comunitários com a universidade. Pode-se afirmar que a conformação de um perfil profissional mais adequado à realidade de saúde, obtido por meio dessas atividades, constitui um aspecto já consensual junto a muitos cursos de odontologia. O que talvez seja ainda desconhecido para a maioria destes cursos é que os serviços, diante de transformações e desafios que a atual conjuntura brasileira nos impõe no sentido da justiça social, têm apresentado uma necessidade enorme de re-ver, re-pensar e re-criar suas práticas. Uma necessidade de transformação qualitativa que gere efetivas transformações na saúde da população.

Considerações Finais

Analisando os resultados do projeto observamos que:

a melhor estratégia para a formação dos profissionais de saúde é através de experiências extramuros, ao nível de comunidades, onde os problemas de saúde e a necessidade de resolvê-los desempenham um forte estímulo para o trabalho em equipe (CHAVES; ROSA, 1990).

É fundamental para o Projeto que o aluno possa adquirir conhecimento, habilidade ou atitude, exercitar ações que exijam tal conhecimento, tal habilidade ou tal atitude. Aprender fazendo é mais eficiente que receber informações passivamente. Assim a estratégia educacional deve ser o treinamento em serviço, que possibilita a prática de ações de complexidade crescente, conforme as exigências do serviço e do programa de ensino. As atividades de ensino/extensão de saúde bucal, na experiência do Estágio Supervisionado, se colocam num nível de complementação, de troca e devem também contribuir para desvendar os problemas apresentados pela realidade.

Com base no exposto acima, um exemplo deste fato pode ser ilustrado pelo relato de um aluno que desenvolveu atividades educativas, com crianças:

No início estava com receio de ir até uma região, distante da universidade, um meio diferente daquele em que estou acostumado a realizar o atendimento odontológico, ou seja, em uma sala clínica de uma Universidade localizada em centro urbano...., confesso que não gostei nada da idéia desta extensão, mas já nas primeiras idas percebi que estava totalmente enganado, que delícia! Que aprendizado! Realmente consegui visualizar e atuar como cirurgião-dentista mesmo sendo acadêmico. Aos poucos senti que a turma foi se soltando, adaptando a linguagem e ao final já estávamos entrosados com a comunidade (acadêmico do 4º ano do curso de Odontologia da UEPG, novembro/2005 – Relatório de atividades).

São ricas as experiências relatadas apesar da resistência inicial, que pode ser resultante do medo ao desconhecido, mas tem sido vencida na medida em que se constituiu um corpo docente mais preparado e comprometido com a disciplina, com o curso e principalmente com a extensão. Hoje, observa-se um tímido, porém crescente compromisso do aluno com o cumprimento das atividades extensionistas propostas. O próprio serviço tem depositado maior credibilidade na disciplina Estágio (Clínica Integrada) sendo fato concreto, que no planejamento de suas atividades, o trabalho clínico no projeto extensionista, soma conceito na avaliação do aluno na disciplina.

Enfim, torna-se importante ressaltar dois aspectos fundamentais ao desenvolvimento da extensão que devem ser deliberados: a) um excelente professor, pois se acredita que a chave do bom êxito de um Curso de Odontologia seja um corpo docente qualificado e comprometido com a sua missão de proporcionar ao estudante: Ensino, Pesquisa e

Extensão; b) articulação entre as escolas de Odontologia e os serviços de saúde bucal, pois o setor público é o principal empregador dos cirurgiões-dentistas (CRO, 1992; LUCAS, 1995) e, com isso é necessário que a formação profissional esteja voltada para os perfis ocupacional e epidemiológico para que ocorra a sua inserção ao serviço público.

Neste sentido, na velocidade da luz, os serviços necessitam agir/transformar. A Universidade é uma instituição em constante transformação e de que a população muito precisa, basta que aquela perceba, conscientize e reveja seu papel frente a este especial momento que a sociedade apresenta. Podendo, assim, partir para um agir que lhe cabe, a princípio trabalhando com todo o potencial de que dispõe na produção e reprodução do conhecimento que a sociedade e os serviços demandam e assumindo seu novo papel social, a universidade estará se re-descobrendo e assumindo a necessidade de implantar novos currículos com uma relação pedagógica problematizadora e reflexiva. Consequentemente promoverá a inserção de um novo perfil profissional, permitindo a transformação qualitativa da sociedade.



REFERÊNCIAS

BAUGHAN, LW et al. Student evaluation in the comprehensive care setting. *J.Dent.Education*, v.57, n.3, p.239-43, 1993.

CAPOTE, VS. Relatório descritivo realizado no ano de 1997. Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1º Semestre/97.

CHAVES, MM; Rosa, AR. Educação Médica nas Américas - O desafio dos anos 90. São Paulo, Cortez, 1990.

CRO - Conselho regional de odontologia de Minas Gerais. A Odontologia em Minas Gerais - Relatório de pesquisa. Belo Horizonte, CROMG, 1992.

LUCAS, SD. Formação Profissional de Cirurgiões-Dentistas Egressos de dois Cursos Superiores com Orientações Distintas. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1995. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, R. O ensino das ciências sociais nos cursos de graduação em odontologia no Brasil. Porto Alegre, Departamento de odontologia social e preventiva da UFRGS, 1986.

PEREIRA AC. Odontologia em Saúde Coletiva: planejando ações e promovendo saúde. Porto Alegre: Artmed; 2003.

Relatório de atividades da disciplina de Odontopediatria no ano de 2007. Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2º Semestre/2005.

VASCONCELOS, M; WERNECK, MAF. Avaliação de 06 anos de funcionamento da clínica odontológica da Barragem Santa Lúcia - Sub-projeto 02: Equipamento, Instrumental, Material de Consumo. Belo Horizonte, Departamento de Odontologia Social e Preventiva, 1991.



GRUPO DE APOIO A PAIS NA FILA DE ESPERA DA ADOÇÃO

SUPPORT GROUP FOR PARENTS IN ADOPTION QUEUE

UNICENTRO - PR

Luana T. M. Costa¹
Melissa Daiane Hans Sasson²
Thais Bronislavski³
Vanessa Brandalise Tibola⁴
Verônica Suzuki Kemmelmeier⁵

RESUMO

Este trabalho aborda assuntos relativos ao Grupo de Apoio de Pais na Fila de Espera a Adoção, em que buscamos abrir um espaço de debate sobre as diversas formas de constituição de vínculos familiares e discussões sobre as principais dúvidas e expectativas dos adotantes. O grupo acontece na Universidade Estadual do Centro Oeste em parceria com o Fórum da Comarca de Irati. Tal projeto tem sido um instrumento relevante de inserção da Psicologia no acompanhamento dos futuros pais no processo de adoção abrindo também novas possibilidades de pesquisa. Os resultados do trabalho foram demonstrados em vários níveis, como em modificações do perfil do adotando principalmente em questões referentes à adoção tardia, na disseminação das informações discutidas no grupo entre os participantes e na possível melhoria das condições psicológicas durante o período de espera, de acordo com o discurso dos participantes.

Palavras-chave: Adoção. Pais Adotantes. Fila de Espera. Grupo de apoio.

ABSTRACT

This paper approaches issues related to the Support Group for Parents in the Adoption Queue. We hope to provide a forum for debate about various forms of family ties and about the adopters' main concerns and expectations. The group includes the State University of West Center in partnership with the Forum Irati County. This project has been an important instrument for Psychology insertion in the monitoring of prospective parents in the adoption process, as well as open new possibilities for research. Initial study results have been demonstrated at various levels, like modifications in adopter profile about late adoption, dissemination of discussed information among participants in group and possible improvement of the psychological conditions during the waiting period, according to the participants' speeches.

Keywords: Adoption. Parent Adopters. Adoption Queue. Support group.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; email: luanacosta1@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Psicologia UNICENTRO; email: melissa.dhs@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de Psicologia UNICENTRO; email: thais.bronislavski@hotmail.com

⁴ Graduada em Psicologia pela UNICENTRO; email: vanessa_tbh@hotmail.com.

⁵ Mestre em Psicologia da Infância e adolescência, UFPR; Docente do Departamento de Psicologia – Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO Irati – Paraná; email: veronicask@uol.com.br

Introdução

“...sei que uma história está em gestação dentro de mim”.
(Amo Oz)

A adoção é um tema muito referenciado na atualidade e de grande importância não só para as crianças e adolescentes que esperam pelo momento da adoção, como também para os pais da fila de espera e os profissionais atuantes nas Varas da Infância e da Juventude e nos Serviços de Auxílio à Infância (SAI), que muitas vezes se envolvem diretamente nos processos. Todos esses sujeitos envolvidos no processo de adoção foram beneficiados com a regulamentação da Constituição Federal de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente, pela Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, o que acarretou em mudanças significativas na adoção, regularizando e redefinindo obrigatoriedades para que os processos sejam elaborados e analisados da melhor forma possível (PAIVA, 2004).

No Estatuto da Criança e do Adolescente encontramos normas gerais que são imprescindíveis para a entrada no processo de habilitação à adoção e para finalização do mesmo. São eles: idade mínima de 18 anos para os candidatos a adotantes, tendo uma diferença mínima de 16 anos do adotado; não há relevância quanto ao estado civil do adotante; a adoção requer consentimento dos pais biológicos, salvo caso de paternidade desconhecida ou por destituição do poder familiar em seus diversos motivos; obrigatoriedade do estágio de convivência entre o adotado e o adotante exceto quando o adotado é menor de um ano de idade ou quando já há uma convivência estabelecida anteriormente (BRASIL, 1990).

Frente a tantas ponderações para se concluir a adoção, percebemos a importância de um bom trabalho da equipe interprofissional que atua nos fóruns, bem como de uma preparação específica para estes pais candidatos à adoção.

Em relação a esta preparação, Vieira (2004) aponta o surgimento dos grupos de apoio a pais na fila de espera da adoção como a iniciativa dos próprios pais candidatos a adoção nos anos 60 e 80 de modo informal, reunindo-se nas casas dos integrantes. Ela complementa pontuando que o principal objetivo destes grupos é construir um espaço no qual os pais adotivos e os candidatos à adoção possam encontrar apoio em um grupo de pessoas que passam pelos mesmos questionamentos sobre o processo de adoção:

Trocando informações acerca de procedimentos jurídicos (documentos necessários, como fazer a inscrição candidatando-se a pais adotivos, como são as visitas e avaliações feitas pelo corpo técnico composto pelos profissionais da área de Psicologia e Assistência Social, etc.) e compartilhando uns com os outros as experiências pessoais relativas à constituição do vínculo afetivo com a criança, refletindo e discutindo juntos sobre as vantagens de revelar a adoção ao filho ou mantê-la em segredo, esses pais sentem-se mais preparados para realizar e viver o sonho de ter seus filhos (VIEIRA, 2004, p.83).

As finalidades dos grupos de apoio à adoção estão sendo ampliadas pouco a pouco, indo além da troca de experiências e conhecimentos sobre a legislação, como apontado na citação anterior, mas é consenso entre eles que ter uma família, seja ela em qualquer formato (monoparental, biparental), é um direito de toda criança, como bem afirma o Estatuto da Criança e do Adolescente, que assegura toda criança a convivência familiar e sua reintegração à família de origem ou colocação em família substituta mediante guarda, tutela ou adoção (Brasil, 1990).

Além da ampliação das funções destes grupos, outras mudanças foram ocorrendo no decorrer dos anos, como a inclusão de outros participantes nestes grupos, indo além dos pais candidatos à adoção.

Passam a integrar então psicólogos, assistentes sociais, advogados e juízes que auxiliam no esclarecimento de dúvidas relacionadas às áreas de atuação de cada um, quando convidados a participar dos encontros (VIEIRA, 2004).

Com estas modificações, os integrantes das equipes dos fóruns que iniciaram sua participação junto aos grupos de apoio perceberam que alguns candidatos a pais adotivos eram propensos a adotar crianças que não se encaixavam no perfil da maioria das escolhas, sendo este o de crianças recém nascidas, pele clara, sem qualquer doença ou problema físico. Alguns dos pais que participavam dos grupos ouviam os relatos de pais que adotavam crianças acima de dois anos, por exemplo, e se empolgavam com a satisfação destes ao relatar a convivência com seus filhos adotivos e o quanto era demorada a espera por um bebê com menos de um ano. Muitos dos pais participantes acabavam por mudar as características especificadas no processo de habilitação e se tornavam menos exigentes neste passo da adoção (VIEIRA, 2004).

Assim, percebendo essa contribuição sem igual dos grupos de apoio a pais na fila de espera surgem às modificações nas leis da adoção com a Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009, a qual dispõe sobre a adoção e implementa novas regras como a criação do cadastro estadual e nacional para os candidatos habilitados à adoção e a inscrição obrigatória destes candidatos precedida de uma preparação psicossocial e jurídica, a saber, os grupos preparatórios (BRASIL, 2009). Com estas alterações, os pais candidatos a adoção precisam passar pela experiência de participar de grupos preparatórios antes de prosseguirem com os trâmites legais para o andamento do processo.

Buscando a regularização desta lei no município de Irati, no Estado do Paraná, organizamos e realizamos o projeto de extensão “Grupo de Apoio a Pais na Fila de Espera da Adoção” visando abrir um espaço de debates sobre as diversas formas de constituição de vínculos familiares e discussões sobre as principais dúvidas e expectativas dos adotantes, como bem colocado por Vieira (2004) em seu trabalho. Esse projeto procurou também explicar todo o processo da adoção em seus detalhes pretendendo diminuir a angústia da espera e esclarecer alguns mitos. Assim, este Grupo de Apoio à adoção, além de ser obrigatório de acordo com a nova reformulação do Código civil – artigo 50, § 3 (BRASIL, 2009), possibilita o repensar dos pais para que inúmeras crianças tenham uma nova chance de crescer em um ambiente familiar capaz de lhes proporcionar um novo projeto de vida.

Métodos

O projeto de extensão “Grupo de Apoio a Pais na Fila de Espera da Adoção” tem sido executado por acadêmicas do curso de Psicologia da UNICENTRO- Irati sob a supervisão da professora Verônica Suzuki Kimmelmeier. Este projeto tem como objetivos fornecer um espaço para debate sobre as diversas formas de constituição de vínculos familiares, adoção tardia, adoção inter-racial e adoção de crianças/adolescentes com necessidades especiais, bem como proporcionar discussões sobre as principais dúvidas e expectativas dos adotantes, como o convívio familiar e o medo em relação aos laços afetivos estabelecidos. Além disso, buscou-se explicar para os grupos todo o processo da adoção em seus detalhes para diminuir a angústia da espera pelo filho. Este trabalho se realiza em uma parceria com a Comarca da cidade de Irati, na qual os pais estão cadastrados na fila de espera.

O trabalho com os grupos são delimitados a cinco encontros, que ocorrem semanalmente, com duração de aproximadamente duas horas cada. Nestes encontros

comparecem dez a doze participantes, casais e adotantes monoparentais com acompanhantes. Como recursos técnicos para estes encontros, utilizamos diferentes procedimentos, tais como dinâmicas de grupo, vídeos, recorte e colagem e outras técnicas que julgamos adequadas ao momento do grupo. Nestas reuniões contamos também com a participação de uma ou duas pessoas da equipe do fórum para explanarem sobre as questões relacionadas aos aspectos jurídicos da adoção. Buscamos, portanto, encontrar meios para que seja possibilitado aos pretendentes à adoção a ressignificação e elaboração da situação em questão.

Neste sentido, temos usado, como método de trabalho, o modelo de grupo operativo, que foi descrito por Pichon-Rivière (1960) como um conjunto de pessoas que se unem devido a um objetivo comum, e que buscam abordar este tema através do trabalho em equipe (BLEGER, 2007). Levando em conta o supracitado, retomamos a importância do vínculo entre os membros como elemento essencial ao desenvolvimento grupal, pois embora o grupo esteja agregado de forma concreta a tarefa que neste caso é imposta pela lei, o fator humano tem importância primordial para o funcionamento do grupo (BLEGER, 2007).

Resultados

Considerando o restrito número de estudos ainda existentes sobre o tema de grupo de apoio à adoção e sobre questões relacionadas ao mesmo, buscamos analisar os resultados através dos relatórios elaborados semanalmente, a partir de cada encontro e grupo. Realizamos deste modo, uma avaliação breve sobre o desenvolvimento das reuniões, pontuando nossas percepções sobre as demandas discutidas.

Desde o início do projeto de extensão no segundo semestre de dois mil e dez, realizamos três grupos sendo o terceiro efetivado no início deste ano de dois mil e onze. Durante estes percebemos que o momento de espera é carregado de tensão, expectativas, preocupações e esperanças, ressaltando assim a necessidade do compartilhamento das possibilidades, desejos e experiências, a partir do olhar do outro, transformando esta atividade numa significativa instância potencializadora de mudanças na vivência pela espera do filho.

Tal fator foi percebido durante os encontros no discurso dos participantes, que descreviam que a fala apresentada pelos outros oferecia grande conforto quanto à sua própria condição, visto que não se sentiam mais sozinhos neste período de espera, predispondo os participantes a um maior esforço em compartilhar e trocar experiências com os demais.

Durante os encontros visualizamos nas falas dos casais uma maior abertura para discutirem sobre o processo de adoção, utilizando o grupo como ponte para debaterem entre si questões referentes ao tema e aos desejos individuais, os quais anteriormente ao grupo não faziam parte das conversas do casal, segundo relato de um dos participantes do primeiro grupo.

Percebemos também a importância de esclarecer cada passo do processo de adoção aos pais, pois ao explanarmos os diferentes temas os membros demonstraram maior tranquilidade ao compreenderem o processo em sua totalidade. Ficou evidenciado também a insatisfação com a justiça e os percalços durante a espera da adoção, citando que as leis que garantem às crianças e aos adolescentes o direito da convivência familiar, mesmo em

família substituta, não são desempenhadas na realidade, haja vista o número de crianças e adolescentes que crescem nos abrigos.

Propomos também discussões sobre as questões referentes às crianças e adolescentes idealizadas por eles (adotantes) e as crianças e adolescentes reais institucionalizadas. Pontuamos que esta disparidade entre os perfis torna o processo de adoção bastante prolongado, pois filas desiguais se formam entre crianças/adolescentes e pretendentes à adoção. Tais debates instigaram os pais a questionarem a importância destas pontuações antes mesmo de decidirem sobre o perfil da criança, visto que este fato interfere diretamente no tempo de espera do processo.

Trabalhamos também a confrontação de mitos e crenças entre os membros dos grupos proporcionando que a subjetividade de muitos dos participantes viesse de encontro a dados objetivos da realidade social apresentada no grupo, levando a maioria dos pretendentes à adoção a uma atitude de autorreflexão e possível mudança, principalmente em questões referentes à adoção tardia, adoção inter-racial, de grupos de irmãos, etc.

Este repensar dos participantes tornou-se perceptível tanto em seus discursos quanto nas diferentes dinâmicas realizadas no decorrer do grupo. Tal atitude pode ser notada principalmente nas reações de choro ou, ainda, silêncio total após a exposição de vídeos que apresentavam a realidade das crianças e adolescentes abrigadas ou de famílias que optaram por essas modalidades supracitadas de adoção e já haviam conseguido adotar. Neste sentido retomamos o fato de que a partir dos grupos, tivemos contato com três casais participantes que conquistaram a adoção, o que contribui ainda mais para a troca de experiências entre os adotantes.

Não obstante, entendemos com a breve exposição e análise destes encontros, que os objetivos propostos no início do grupo foram alcançados. Conseguimos oferecer a estes adotantes auxílio na espera pela adoção, entendimento maior sobre os sentimentos vividos proporcionando um espaço de discussão e de preparo para a chegada de um filho.

Constatamos também, durante este processo, a necessidade e a importância da inserção da Psicologia no acompanhamento dos futuros pais no processo de adoção, bem como novas possibilidades de pesquisa e atendimento através do grupo de pais como instrumento para tal.

Considerações Finais

A experiência obtida pela participação no projeto de extensão e pela vivência como coordenadoras destes grupos possibilitou-nos um espaço privilegiado de escuta e de suporte emocional, de informação e de orientação de aspectos práticos aos participantes do grupo. O trabalho realizado contribui ainda para conhecermos na prática a realidade com relação à condição da adoção na cidade de Irati, a qual corresponde, em sua maioria, de crianças maiores de 3 anos e adolescentes, o que direcionou o foco de nossas discussões. Visto isto, um número significativo dos participantes relatou mudar o perfil do adotando, principalmente com relação à idade deste, que através das discussões realizadas, foram repensadas e resignificadas. Foi ainda possível perceber o quanto a troca de experiência entre participantes, trouxe um importante suporte para eles lidarem com a angústia da espera.



REFERÊNCIAS

BLEGER, J. Grupos operativos no ensino. In: BLEGER, J. Temas de Psicologia: entrevistas e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 59-100.

BRASIL. M. da S. Estatuto da Criança e do Adolescente. / Ministério da Saúde. 3º edição. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 1990.

BRASIL. Lei 12.010, de 03 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção. Acesso em: agosto de 2010, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm

PAIVA, L.D. Adoção: Significados e Possibilidades. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PICHON-RIVIÈRE, E. Técnica de los grupos operativos. Acta Neuropsiquiátrica Argentina, 1960.

VIEIRA, Joice Melo. Os filhos que escolhemos: discursos e práticas da adoção em camadas médias. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004, 673f.



DIREITOS: EU TENHO! – UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RIGHTS: I HAVE! – AN EXTENSION EXPERIENCE WITH ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

UEPG - PR

*Laís Verônica Ostapiv¹
Marcelle Moraes Mulinari²
Nayara Paula Gillüing³
Vitor Hugo Bueno Fogaça⁴
Willian Pedroso⁵
Zilda Mara Consalter⁶*

RESUMO

O trabalho consiste no relato das experiências vividas nas ações extensionistas desenvolvidas pela equipe do Projeto nominado “Direitos, eu tenho!”, integrada por um docente e acadêmicos do Curso de Direito da UEPG. Os objetivos do projeto consistem em apresentar os principais direitos fundamentais previstos na Constituição Federal aos alunos do Ensino Fundamental (8ª série) de instituições públicas e privadas de Ponta Grossa – PR, motivando a sua discussão e difusão a toda a comunidade, elevando a concepção de cidadania e o seu exercício pleno. Por intermédio de encontros dialogados, exploração de cartilha didática e de dinâmicas, o grupo busca construir a consciência política e social nos adolescentes envolvidos. Diante dos resultados parciais obtidos pode-se averiguar grande interesse dos participantes sobre o assunto, sendo que os mesmos demonstram ter uma breve noção sobre os direitos fundamentais sem compreender os seus desdobramentos e consequências na ordem jurídica e social.

Palavras-chave: Direitos fundamentais. Constituição Federal. Ensino fundamental.

ABSTRACT

This paper reports experiences in extension actions undertaken by the staff of the “Rights: I have!” Project composed by a professor and students of Law College of State University of Ponta Grossa. The project goals are to introduce the main fundamental rights foreseen in the Constitution to elementary school students (8th grade) from public and private institutions of Ponta Grossa – PR, motivating a reasoned discussion and dissemination to the whole community, bringing to the concept of citizenship and its entire exercise. Through dialogue meeting, textbook exploration of and group dynamics, the group seeks to build political and social consciousness in involved adolescents. In front of partial results it’s possible verify the participants’ great interest on the subject, and it shows they have a brief idea about fundamental human rights without understanding its implications and legal and social consequences.

Keywords: Fundamental rights. Federal Constitution. Elementary School.

¹ Acadêmica do 4º ano de Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro-participante do Projeto de Extensão “Direitos: Eu Tenho!” lais_ostapiv@hotmail.com

² Acadêmica do 4º ano de Direito pela UEPG. Membro-participante do Projeto de Extensão “Direitos: Eu Tenho!” marzinha_3@hotmail.com

³ Acadêmica do 4º ano de Direito pela UEPG. Membro-participante do Projeto de Extensão “Direitos: Eu Tenho!” nayzha@hotmail.com

⁴ Acadêmico do 4º ano de Direito pela UEPG. Membro-participante do Projeto de Extensão “Direitos: Eu Tenho!” vitorbueno0602@hotmail.com

⁵ Acadêmico do 4º ano de Direito pela UEPG. Membro-participante do Projeto de Extensão “Direitos: Eu Tenho!” willian_et@hotmail.com

⁶ Mestre em Direito Negocial pela UEL, professora do Departamento de Direito das Relações Sociais da UEPG, Coordenadora do Projeto de Extensão “Direitos: Eu Tenho!” zilda_advocacia@hotmail.com

Introdução

O que a vida me ensinou eu gostaria de dividir/ Com aqueles que querem aprender [...] / Até o dia em que os direitos humanos básicos/ Sejam garantidos igualmente para todos”
(Bob Marley)

É sabido que grande parte da população desconhece quais direitos e garantias são elencados na Constituição Federal como fundamentais, sendo que boa parte dos cidadãos brasileiros sequer teve qualquer contato com o conteúdo daquela. Cientes de que apenas a divulgação e informação farão com que as pessoas passem a ter consciência de seus mais comecinhos direitos, é que a equipe extensionista vem desenvolvendo palestras, dinâmicas, demonstrações e a contextualização dos principais direitos fundamentais do homem e cidadão aos adolescentes do ensino fundamental de escolas da rede pública e privada de ensino no município de Ponta (mais especificamente, alunos das 8^{as}. séries).

Assim, a equipe do Projeto de Extensão nominado “Direitos, eu tenho!”, executa uma abordagem simples e de fácil entendimento acerca de alguns dos direitos fundamentais do cidadão (vida, liberdade, propriedade, igualdade e segurança) ao público determinado como alvo, visando a despertar-lhes a consciência da existência e (in) efetividade destes direitos. Essa abordagem é feita pelos acadêmicos participantes (com a colaboração e supervisão da professora envolvida) na forma de explicações, dinâmicas e aplicação de formulários de opinião, além da oferta de uma cartilha confeccionada pelos membros do projeto, que socializa o conteúdo discutido nos encontros.

Atentos aos objetivos do projeto, os seus membros intencionam fazer com que uma parcela da população tenha conhecimento - e passe a exercer e a dar efetividade – sobre os principais direitos fundamentais previstos na Constituição Federal. Do desenvolvimento do projeto, embora ainda em andamento, conforme abordar-se-á na sequência deste, já é possível se chegar a algumas constatações sobre a postura dos alunos envolvidos, bem como acerca da maturidade conceitual que nutrem sobre o tema e seus reflexos políticos e sociais.

Aporte teórico

A Constituição cidadã integra a sociedade e seus componentes, enxergando o homem em sua individualidade, mas também o inserido no contexto social e político. Esta visão exige cuidados com a interpretação dos textos e termos legais, além da ampla difusão do que efetivamente esses direitos significam. Os direitos fundamentais, cuja principal característica é a universalidade, foram primeiramente enumerados na Declaração dos Direitos do Homem, em 1789, como reflexo direto da ideologia difundida pelos revoltosos franceses (LINHARES, 2002, p. 51).

Trata-se de direitos naturais, inalienáveis e sagrados, que vem passando por uma gradual evolução e adaptação conforme cada era pela qual perpassam. Dentre inúmeros conceitos, pode-se destacar o de Peter Häberle (1994, p.95), que ensina serem “a denominação genérica dos direitos humanos universais e dos direitos dos cidadãos nacionais” e o de Robert Alexy (1997, p. 21), que afirma serem “aqueles direitos que tem o indivíduo como pessoa ou cidadão de uma comunidade, de que, em princípio, está sujeita a legislação e que é o que se exige para a realização da dignidade humana, da liberdade, da igualdade”.

Podem eles ser classificados em direitos fundamentais de primeira geração quando digam respeito

a direitos cujo titular seja o próprio indivíduo; de segunda geração, quando abrangem determinadas categorias de pessoas; e terceira geração, quando tem como primordial faceta, a de valorizar a qualidade de vida da sociedade (LINHARES, 2002, pp. 53-4).

No projeto de extensão em questão, são discutidos pelos acadêmicos e alunos do ensino médio, alguns direitos fundamentais de primeira geração, uma vez que a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade são direitos conexos diretamente ao homem, sendo este, em primeira instância, o seu titular. E a interpretação destes direitos leva, inexoravelmente, à acepção de dignidade humana, requisito fundamental da essência do homem enquanto pessoa, enquanto cidadão, enquanto ser livre, pensante e componente da sociedade que compõe um estado democrático de direito. Ensina-nos o abade Joseph Emmanuel Siéyes (1988, p. 34) que esses direitos não são referentes a indivíduos apenas, mas a “pessoas-cidadãs que integram um corpo nacional” e se conectam ao Estado (nação organizada politicamente).

Isto posto, pode-se afirmar que aquele indivíduo ciente de seus direitos e obrigações na ordem social e jurídica é exercente pleno e se insere completamente no conceito de cidadão, seja como titular de interesses, seja como responsável e cumpridor de seus deveres (ou competências, como chama Robert Alexy (1997, p. 238). E diante de tal constatação, pode-se afirmar que o projeto em questão cumpre seus objetivos gerais e específicos, eis que leva aos estudantes do ensino fundamental, noções básicas acerca dos direitos fundamentais, bem como os põe a pensar sobre o seu real papel na sociedade em que estão inseridos.

Metodologia

A metodologia utilizada consiste na realização de encontros com a duração de em média 4 horas/aula em uma instituição de ensino previamente contatada, alternando-se em instituições da rede pública e da rede privada, tendo sempre como temática os direitos fundamentais que fazem parte do projeto.

Figura 1 – Acadêmica faz explanação sobre os direitos fundamentais



Os referidos direitos fundamentais que são abordados durante os encontros são os seguintes: direito à vida, igualdade, liberdade, segurança e à propriedade, todos indistintamente previstos no artigo 5º, *caput*, da Constituição Federal, que assim estabelece: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”.

Nesses encontros, também é ofertada aos participantes uma Cartilha sobre os direitos fundamentais. Cartilha esta que foi elaborada exclusivamente pela equipe do Projeto e que contou com o apoio financeiro de algumas empresas socialmente responsáveis do Município de Ponta Grossa para a sua impressão.

Figura 2 – Capa da Cartilha elaborada pelos membros do Projeto de Extensão “Direitos, eu tenho!”



Esse material é explorado durante os debates, serve de subsídio para as dinâmicas e também de veículo de difusão do conteúdo abordado, pois todos retornam as suas casas com um exemplar para mostrá-lo aos seus parentes mais próximos e amigos do meio social em que vivem.

Inicialmente, é efetuada uma explanação sobre os direitos fundamentais, são realizadas dinâmicas, abrindo-se o debate e os questionamentos. Ao final do dia, é aplicado um formulário de opinião (anônimo) para preenchimento dos alunos, visando obter um *feed back* do aproveitamento da temática do encontro e também um formulário próprio de avaliação comunitária dos projetos extensionistas.

Todos os resultados obtidos através da aplicação dos formulários são tabulados e

organizados conforme categorias, visando-se obter não somente a percepção dos alunos acerca dos direitos fundamentais explorados, mas também suas concepções sobre os mesmos e a forma como pretendem exercer e difundir o que aprenderam aos seus mais próximos.

Com isso, a equipe entende que está contribuindo para o desenvolvimento social e para a divulgação de conhecimentos na área jurídica e de cidadania, de modo especial, os direitos fundamentais do cidadão.

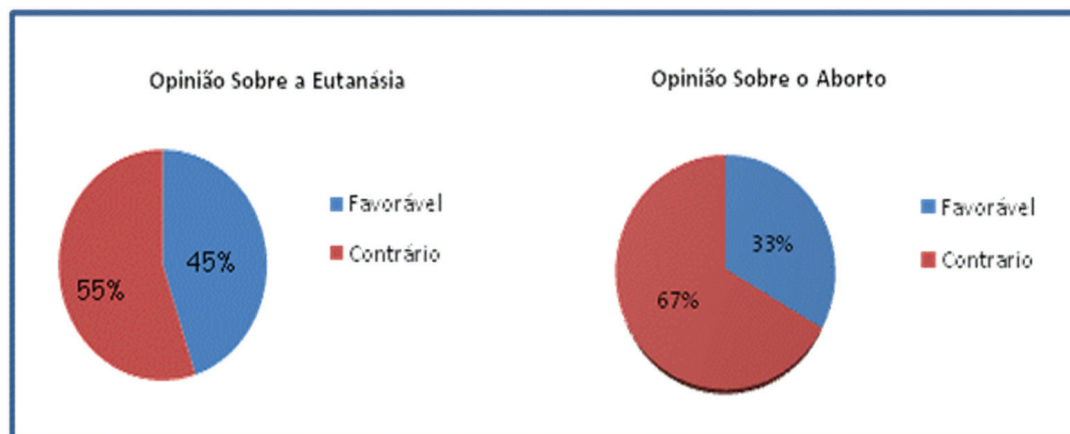
Resultados e discussão

Da análise dos resultados obtidos nos encontros efetuados pode-se destacar o seguinte:

Percebe-se que os alunos demonstram compreender bem o conceito dos direitos fundamentais, mas quando são provocados a pensar no que pode significar a ineficácia dos mesmos, apresentam algumas dificuldades na compreensão de seu universo, de sua origem e as suas principais consequências. Por exemplo, com relação ao direito a vida, todos compreendem bem sua concepção, mas no que pertine a eutanásia e o aborto, demonstram certa inconsistência na sua definição e reflexos sociais e jurídicos.

O gráfico abaixo ilustra os percentuais obtidos após tabulação dos dados extraídos dos formulários respondidos pela população envolvida com o projeto:

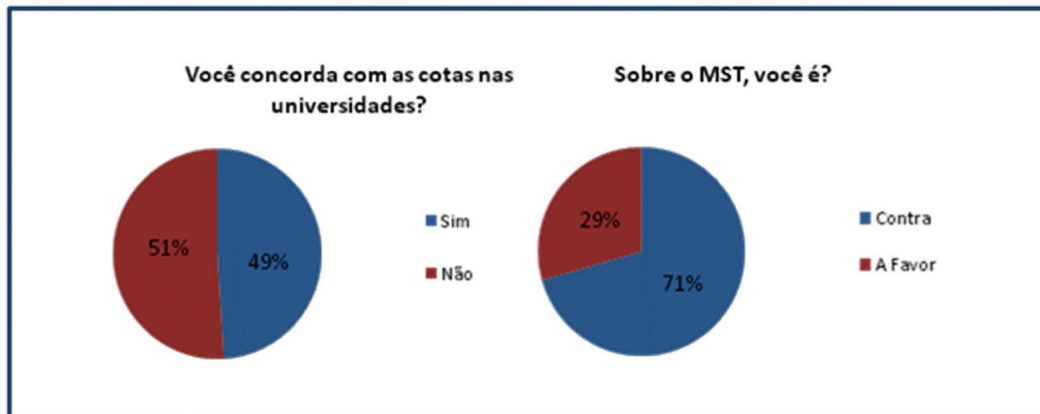
Gráfico 1 – Percentuais de discordância e concordância dos questionados com referência às práticas da eutanásia e do aborto



Quanto ao sistema de cotas para ingresso nas universidades e faculdades (com referência ao direito à igualdade), a mesma dimensão no entendimento se dá. Ou seja: os alunos sabem do que se trata, mas não meditarão acerca das suas consequências ou de suas causas. De igual modo, as ações do Movimento Nacional dos Trabalhadores Sem Terra – MST (quanto ao direito de propriedade) também não se demonstram bem compreendidas e definidas pelos participantes.

O gráfico a seguir é representativo dos percentuais supramencionados:

Gráfico 2 – Percentuais de discordância e concordância dos questionados com relação ao sistema de cotas para ingresso nas universidades e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra



As opiniões dos alunos que participaram dos encontros no ano de 2009 e 2010 (8^{as}. séries do Instituto de Educação de Ponta Grossa) mostram esses aspectos, pois os gráficos gerados pela tabulação das respostas extraídas pela aplicação de formulário próprio apresentam maioria em quase todas as questões, especialmente a que diz respeito a segurança, propriedade e liberdade.

É de se chamar a atenção para o percentual de respostas obtidas até o presente momento quanto a dois assuntos: pena de morte e sistema de cotas. Quanto a pena de morte (reflexo correlato ao direito à vida), há uma tendência a sua aceitação, fator o que pode ser influenciado pela atual insegurança social pela qual passa a sociedade como um todo (Gráfico 1). Sugere-se que o que poderia gerar essa tendência a aplicação da máxima pena seria uma tentativa de fazer como que a mesma se apresente como uma efetiva medida sanatória e preventiva da criminalidade, o que, se sabe, não se confirma na maioria das vezes como verdadeira, especialmente em países em desenvolvimento, o que se afere pela literatura específica (BRUNO, 2007, p. 591).

No que pertine as opiniões sobre o sistema de cotas, há quase um empate, sendo que a não concordância se firma na inobservância do princípio da igualdade, ao passo que a concordância se manifesta pautada na abertura de maiores possibilidade de ingresso nas instituições de ensino superior.

O menos controverso dos direitos fundamentais apresenta-se no direito a vida, sendo, na concepção dos alunos, o que deve ser primordial a todos os outros, como se pode perceber pelas respostas coletadas tendo como referência a eutanásia e o aborto (Gráfico 1).

Nos próximos meses serão efetuados os primeiros encontros com alunos das escolas particulares da rede de ensino, ocasião em que se poderá efetuar um paralelo entre as concepções das duas populações envolvidas, podendo-se traçar outros delineamentos sobre a temática, bem como se aferir novas conclusões sobre a influência econômica e social sobre a formação de conceitos conexos a concepção de cidadania dos jovens deste Município.

Conclusões

De maneira genérica, os resultados parciais obtidos através da tabulação das respostas advindas da aplicação de formulários pela equipe envolvida demonstram a boa percepção dos alunos quanto aos principais direitos fundamentais, mas pouca meditação sobre suas manifestações na vida cotidiana. Isso implica dizer que todos absorvem bem o aspecto conceitual do direito fundamental, mas quando se passa a análise de seus desdobramentos de seus reflexos jurídicos e sociais, os adolescentes pecam pela falta de crítica apurada e maior compreensão sobre a temática.

Apenas exemplificativamente, vejamos um dos direitos fundamentais discutidos:

Bem, entender o que significa o direito a igualdade e o sistema de cotas se mostra aparentemente fácil para os alunos, mas estes quando arguidos acerca de tal prática, manifestam-se contrariamente por entenderem ferir o princípio da igualdade, quando, de fato, essa prática implica exatamente na materialização da igualdade aristotélica, que prevê devermos tratar iguais de forma igual e os desiguais de forma desigual, na medida em que se desigualam.

Também não se mostram eles capazes de averiguar que a inserção do sistema de cotas mostra-se como medida que visa – em última instância – diminuir as desigualdades sociais que impedem – na maioria das vezes – o ingresso de pessoas mais pobres, ou que venham de escolas públicas, ou que sejam negras ou indígenas aos bancos das instituições de ensino superior. É atente-se para o fato de que o mesmo equívoco se repete com relação a quase todos os direitos avaliados e discutidos.

Sob outro prisma, há também que se destacar o enorme interesse dos adolescentes envolvidos no projeto que em momento algum mediram esforços para participar das atividades e mostraram-se abertos ao debate e questionamentos, o que torna o cumprimento das metas propostas um alvo mais fácil de ser atingido. Também é de se dar relevo a forma pela qual compreendem melhor os aspectos discutidos, pois somente através da exemplificação e da inserção em sua realidade é que os adolescentes passam a perceber a importância e o quanto esbarram, em seu dia a dia, com os direitos fundamentais expostos nos encontros.

A instituição parceira também se manifestou extremamente acessível e serviu como agente mediador entre os participantes do projeto e os adolescentes, colaborando em todos os aspectos que fizeram com que a realização dos encontros ocorresse de maneira agradável e proveitosa.

Assim, e para arrematar, pode-se concluir que mesmo que ocorram alguns percalços, a tarefa de levar aos adolescentes do ensino fundamental alguma noção sobre os direitos fundamentais, incentivando-os a disseminar o que aprenderam, tem se mostrado muito positiva e com retorno social acima do esperado.



REFERÊNCIAS

ALEXY, R. Teoría de los derechos fundamentales. Trad. Ernesto Garzón Valdéz. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988.

BRUNO, S. A ineficácia da adoção da pena de morte na prevenção da criminalidade. Revista da Faculdade de Direito de Campos, Ano VIII, Nº 10 - Junho de 2007, p. 571-93.

HÄBERLE, P. El concepto de derechos fundamentales. In: SAUCA, José Maria (ed.). Problemas actuales de los derechos fundamentales. Madrid: Sauca, 1994.

LINHARES, P. A. Direitos fundamentais e qualidade de vida. São Paulo: Iglu, 2002.

SIÉYES, J. E. A constituinte burguesa: qu'est-ce que le tiers État? Rio de Janeiro: Liber Juris, 1988.



A COLETA SELETIVA DE RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA AÇÃO APLICADA NO PROJETO RONDON COM CRIANÇAS DE SANTA LUZIA DO ITANHI – SE

SELECTIVE COLLECTION OF SOLID RESIDUE: A RONDON PROJECT'S ACTION WITH SANTA LUZIA DO ITANHI (SE) LDREN

Willian Samuel Santana da Roza¹

Patrícia Michele da Luz²

Mário Cezar Lopes³

Wesley Dalcol Leite⁴

Silvio Luiz Rutz da Silva⁵

Marilisa do Rocio Oliveira⁶

RESUMO

Durante 13 dias dos meses de janeiro e fevereiro de 2011, a Universidade Estadual de Ponta Grossa participou do Projeto Rondon, realizando ações no município de Santa Luzia do Itanhi no estado de Sergipe. Um dos maiores problemas enfrentados pela população luziense é em relação aos resíduos sólidos distribuídos por vários pontos da cidade. O objetivo deste trabalho foi realizar, com crianças de 6 a 11 anos, atividades interativas para que se pudesse trabalhar a coleta seletiva de resíduos sólidos. O resultado foi produtivo, pois com o desenvolvimento do trabalho percebeu-se que as crianças compreendiam o objetivo das atividades e as executavam corretamente, possibilitando desenvolver atitudes de cuidado com o espaço em que vivem para protegê-lo e melhorá-lo. Com a ação do Projeto Rondon foi possível trabalhar com uma equipe multidisciplinar, criar multiplicadores de conhecimento, e desenvolver habilidades na busca de alternativas para os problemas ambientais.

Palavras-chave: Projeto Rondon. Coleta Seletiva. Atividades Interativas.

ABSTRACT

During 13 days of January and February 2011, the State University of Ponta Grossa took part in Project Rondon performing actions in the Santa Luzia do Itanhi city in Sergipe state. One of the biggest problems facing for the local population is about the solid residue spread all over the city. The task was propose interactive activities to 6 to 11 years old children in order to deal with the selective collection of solid residue. The results were productive, because it was realized children understood the activities' purpose and they've run them properly, allowing developing attitudes of care for the living space to protect and improve it. From Project Rondon's actions was possible to deal with a multidisciplinary team to create knowledge multipliers and develop skills in searching for alternatives to environmental problems.

Keywords: Projeto Rondon. Selective Collection. Interactive Activities.

¹ Graduando de Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), willianssr@gmail.com.

² Graduanda de Ciências Biológicas da UEPG, paty_michele@hotmail.com.

³ Graduado em Geografia e Mestre em Educação, professor do departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da UEPG, mclopes@uepg.br.

⁴ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UEPG, wesleydl@gmail.com.

⁵ Licenciado em Ciências e Doutor em Ciência dos Materiais, professor do departamento de Física da UEPG; rutz@uepg.br.

⁶ Graduada em Administração e Ciências Contábeis, Mestre em Administração, professora do departamento de Administração da UEPG, marilisa@uepg.br.

Introdução

O Projeto Rondon, coordenado pelo Ministério da Defesa, é constituído por um conjunto de ações que envolvem a participação voluntária de acadêmicos de graduação e professores na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliam o bem-estar da população. O Projeto busca aproximar estudantes universitários da realidade do país, além de contribuir, também, para o desenvolvimento das comunidades assistidas (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2011).

Durante treze dias dos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2011, uma equipe da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) realizou atividades que visaram promover a cidadania e melhorar a qualidade de vida da população do município de Santa Luzia do Itanhi. A cidade está localizada na região sudeste do estado de Sergipe, a 86 quilômetros de Aracaju.

Um dos problemas enfrentados pelos luzienses é em relação ao destino dos resíduos sólidos produzidos na cidade, que para eles como para a maioria da população brasileira é chamado de lixo. Lixo é tudo que não pode ser reaproveitado ou reciclado. Já o termo resíduo se refere a tudo que ainda pode ser parcialmente ou totalmente utilizado (SEMA, 2010). Encontra-se na cidade sergipana uma grande quantidade de resíduos distribuídos em vias públicas, terrenos baldios e praças, tais como latas de alumínio, garrafas plásticas, matérias orgânicas, papéis, vidros, entre outros.

O objetivo desta ação foi realizar atividades interativas relacionadas à questão da coleta seletiva de vidro, plástico, papel e metal na cidade de Santa Luzia do Itanhi. Buscou-se desenvolver atividades com o público infantil a fim promover, pela aquisição de conhecimentos a respeito da coleta seletiva, mudanças de atitudes e cuidado com o meio onde vivem, incentivando-as a transmitir e a colocar em prática com a comunidade o aprendizado recebido.

A questão dos resíduos sólidos vem sendo apontada pelos ambientalistas como um dos mais graves problemas ambientais urbanos da atualidade, “a ponto de ter-se tornado objeto de proposições técnicas para seu enfrentamento e alvo privilegiado de programas de educação ambiental” (LAYRARGUES, 2002, p.1). Segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2000, 81% da população brasileira se concentra em áreas urbanas, o que ocasiona um crescente aumento do volume de lixo e resíduos sólidos produzidos. Outro fator que indica a necessidade da coleta de resíduos é o acréscimo do consumo de alimentos comercializados em embalagens descartáveis, além da significativa substituição de embalagens retornáveis pelas descartáveis, entre outros motivos (LIMA; LIRA; SILVA; 2009, p. 1).

Devido às crescentes dificuldades para desencadear ações mais adequadas à destinação do lixo e de resíduos sólidos para minimizar ou a solucionar os impactos ambientais, percebe-se a emergência na tomada de decisões para o enfrentamento de tal questão. Somente por meio de políticas públicas de sensibilização às questões ecológicas é que teremos uma resposta para resolver esse problema a médio e longo prazo (SILVA; NOLÊTO, 2004, p. 1).

A educação ambiental é um componente fundamental para a realização da coleta seletiva. Por meio dela o ser humano e a sociedade constroem valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, que se constitui em um bem de uso comum da coletividade, fundamental à qualidade de vida e a sua sustentabilidade (SILVA; TAVARES, 2009, p. 1).

A coleta seletiva é uma alternativa para reduzir a quantidade de resíduos orgânicos (restos de alimentos, cascas de frutas, legumes entre outros) e resíduos inorgânicos (papéis, vidros, plásticos, metais,

etc.) que se desviam do seu destino final, como aterros sanitários ou lixões, gerando benefícios ambientais, econômicos e sociais (SEMA, 2010).

Os resíduos inorgânicos como o metal, papel, plástico e vidro são separados e destinados respectivamente segundo um código com as cores amarelo, azul, vermelho e verde. Na coleta seletiva dos resíduos citados anteriormente, discute-se também o tempo que levam para se decompor, de acordo com o tipo do material e do solo que irá ser descartado. O tempo de decomposição dos materiais varia, em média o metal leva mais de cem anos para se decompor, o papel de três a doze meses, o plástico mais de cem anos e o vidro não possui tempo determinado (CBS PREVIDÊNCIA, 2009, p. 6, 7).

Atividades

As atividades foram realizadas na escola municipal Jessé da Silva Prado com quarenta e duas crianças de 6 a 11 anos de idade da cidade de Santa Luzia do Itanhi. Buscou-se uma técnica de abordagem que atraísse o público infantil de forma dinâmica instigando-os a participar ativamente da ação. As atividades foram divididas em quatro etapas: teatro em fantoche, atividades lúdicas (pinturas, desenhos, passatempos), corrida da separação do “lixo” e caminhada ecológica. Nas atividades lúdicas e na corrida da separação do “lixo” as crianças foram divididas em dois grupos, um com vinte integrantes (crianças de 6 a 8 anos) e outro com vinte e dois (crianças de 9 a 11 anos).

Teatro em Fantoche

A história do Pneu do Chorão de autoria de Sandra Aymone (2008) foi adaptada para um teatro em fantoche, sendo que além do conteúdo trazido no conto, outros temas foram inclusos, como o tempo de decomposição dos diferentes tipos de resíduos de vidros, plásticos, papéis, metais entre outros. Também foi abordada a importância de separar os resíduos e de não os depositar em vias públicas, praças, terrenos baldios, entre outros.

O teatro de fantoche era formado por dois bonecos (Gabi e Serginho), por uma lata de refrigerante, uma revista, um vidro de doce de leite, um pneu de automóvel e uma garrafa de água mineral. Os materiais receberam olhos, nariz, boca, feitos com pedaços de cartolina e pintados com lápis de cor. Durante a apresentação os fantoches interagiram com a plateia por meio de perguntas e respostas. Duas músicas foram criadas e cantadas com o público infantil, havendo uma melhor compreensão a respeito da coleta seletiva.

Corrida da Separação do “Lixo”

O objetivo da atividade foi fixar nas crianças as cores da coleta seletiva por meio de uma brincadeira: a corrida do saco. Assim primeiramente se explicou a importância de separar os materiais de forma adequada, as cores da coleta seletiva e as regras da brincadeira.

Quatro caixas de papelão em tamanho de médio (60x60x40cm) foram encapadas com papel seda com as cores: amarelo, azul, vermelho e verde. Vários exemplos de

resíduos como garrafas plásticas, papéis velhos, latas de refrigerante, vidros de geléia foram separados. As quatro caixas foram colocadas uma ao lado da outra e os resíduos ficaram localizados cerca de seis metros em relação às caixas. Dois sacos de pano (70 cm de altura) foram utilizados.

Formaram-se dois grupos, em cada um houve a escolha de um participante que iria concorrer com a criança do outro grupo. Cada participante teve que entrar em um saco e ir pulando até o local onde os materiais estavam distribuídos. Ao chegar tinham que sair do saco, escolher um resíduo, pegar o saco e ir até a caixa correspondente à cor em que o resíduo deveria ser colocado. Por exemplo: latinha de refrigerante, caixa amarela; vidro: caixa verde; garrafa plástica: caixa vermelha, entre outros. Venceu o grupo que percorreu todo o percurso no menor tempo possível e que colocou o resíduo na caixa correspondente a cor em que o mesmo deveria ser destinado.

Passatempos e atividades lúdicas

Vários passatempos sobre a reciclagem foram desenvolvidos. As crianças tiveram que confeccionar uma bandeira com a metade de uma folha de papel A4 a respeito do que tinham aprendido com o teatro em que, na sequência, a bandeira foi colada num palito de churrasco. Também as crianças criaram e coloriram desenhos que ilustravam situações relacionadas à reciclagem.

Caminhada ecológica

Como havia muitos resíduos jogados nas ruas e espaços de uso privado e coletivo da cidade realizou-se uma caminhada ecológica com o objetivo das crianças colocarem em prática o que aprenderam com as atividades desenvolvidas e também para que refletissem sobre espaço em que estavam inseridas. Uma faixa (com 2,3 m de largura e 60 cm de altura) foi confeccionada com o título: Caminhada Ecológica. Oito rondonistas (universitários que participam do projeto Rondon) realizaram a atividade, cada um recebeu um saco plástico preto (de vinte litros) nos quais seriam depositados os resíduos coletados. Cada um ficou responsável por coletar um determinado tipo de resíduo. Para identificação, o braço direito de cada um foi identificado com um pedaço de tnt com a cor referente ao objeto a ser coletado. Dois rondonistas ficaram com a identificação vermelha, outros dois com a azul, um com o verde e outro com o amarelo. Foram distribuídas luvas plásticas para todos os integrantes da atividade, de modo a protegê-los de possíveis contaminantes presentes nos resíduos coletados.

Seus rostos foram pintados com tinta não tóxica. As crianças saíram às ruas e começaram a cantar as músicas que haviam aprendido no teatro de fantoches e abanavam as bandeiras. Duas crianças ficaram responsáveis de levar a faixa com o nome da caminhada ecológica, com objetivo de mobilizar a população de Santa Luzia do Itanhi sobre a coleta seletiva.

As crianças coletaram os resíduos e depositaram nos sacos plásticos, de acordo com a identificação das cores descrita acima. Por exemplo, se uma criança arrecadou uma garrafa de água mineral, teve que identificar o rondonista que estava com a identificação

vermelha. Nesta atividade foi percorrido um percurso de cerca de três quilômetros na cidade, o suficiente para arrecadar cerca de dez sacos completos de resíduos. Como complemento desta atividade quatro latões com 1,3 m de altura foram preparados cada um com uma cor: verde, vermelho, amarelo e azul. Ao final da caminhada as crianças depositaram os lixos nos respectivos latões.

Como muitas das crianças que participaram da atividade estudam na escola em que foram realizadas diversas atividades do Rondon, os latões de lixo ficaram na escola, para que as crianças possam colocar em prática a coleta seletiva de resíduos sólidos no ambiente escolar.

Resultados

O teatro em fantoche obteve resultados positivos, pois houve a interação das crianças com os personagens e com as músicas cantadas. Muitas nunca haviam assistido a esse tipo de representação de uma história e se sentiram motivadas a participar das próximas atividades. A corrida da separação do “lixo” teve seu objetivo alcançado de forma dinâmica e protagonista, pois os participantes sentiram-se estimulados a identificar e separar corretamente os resíduos de acordo com as cores da coleta seletiva. Nas atividades interativas se percebeu sensibilização das crianças para a preservação, pois elas demonstraram que haviam compreendido o objetivo da história em fantoche, por meio de desenhos e pinturas que produziram nas atividades subsequentes.

Com a caminhada ecológica notou-se que houve compreensão das atividades realizadas anteriormente, pois as crianças identificavam os diferentes tipos de resíduos, reconheciam a cor em que deveriam ser depositados além de se evidenciar o porquê de conservar o espaço em que estão inseridas, mobilizando a comunidade a realizar a coleta seletiva.

A coleta seletiva diminui a exploração de recursos naturais renováveis e não renováveis, melhora a limpeza da cidade, prolonga a vida útil dos aterros, reduz o desperdício, gera renda pela comercialização dos recicláveis, incentiva a criação e fortalecimento de associações cooperativas, entre outros benefícios.

Conclusões

O desenvolvimento desse trabalho permitiu buscar novos conhecimentos bem como colocar em prática os ensinamentos que são obtidos nos cursos de graduação. Por meio da participação em um projeto de extensão – o Projeto Rondon, que visa integrar o estudante universitário a realidade do país, promover a cidadania e o desenvolvimento social –, pode-se trabalhar com futuros profissionais de forma interdisciplinar, pois envolveu várias áreas do conhecimento (Geografia, Biologia, Comunicação Social, Administração, História, Direito, Turismo, Engenharia de Alimentos entre outras).

A equipe executora em muitos momentos teve que buscar formas alternativas de atrair a população a participar de ações. Optou-se pela linguagem e metodologias compreensíveis à realidade em que o público infantil está inserido para a formação de multiplicadores de conhecimento. O Projeto Rondon proporciona aos participantes um aprendizado a ser levado para a vida toda, transformando conceitos já formados e expandindo a ideia de solidariedade. ■

REFERÊNCIAS

AYMONE, S. O Pneu Chorão. 6. edição. Fundação Educar DPASCHOAL, São Paulo, 2008. Disponível em: < http://www.educardpaschoal.org.br/web/upload/NossosLivros/Pneu_chorao.pdf >. Acesso em: 11 abr. 2011.

CBS PREVIDÊNCIA. Coleta Seletiva de Lixo. Disponível em: <www.cbsprev.com.br/web/images/Coleta_Seletiva_de_lixo.pdf>. Acesso em: 12 abr 2011.

LAYARGUES, P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. LOUREIRO, F.; LAYARGUES, P.; CASTRO, R. (Orgs.) Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002, 179-220. Disponível em: <http://www.semebrusque.com.br/bibliovirtual/material/ea/ea_pdf0005.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2011.

LIMA, V. H. M.; LIRA, J. A. M. e SILVA, R. A. Conscientização da Política dos 3r's no Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R1164-1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Projeto Rondon: Apresentação. Disponível em <<https://www.defesa.gov.br/index.php/projeto-rondonsubmenu.html>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. Multiplicadores Ambientais. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010.

SILVA, N. M.; NOLÊTO, T. M. S. J. Reflexões Sobre Lixo, Cidadania e Consciência Ecológica. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/geoambiente/article/download/19/15>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

SILVA, C. C. M. B.; TAVARES, H. M. T. Educação Ambiental e Cidadania. Disponível em: <www.catolicaonline.com.br/.../12-PEDAGOGIA-01.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2011.



ASPECTOS PEDAGÓGICOS E DIDÁTICOS DO “PROJETO CARROCEIRO” NO MUNICÍPIO DE PETROLINA: BEM ESTAR DE EQUÍDEOS E PREOCUPAÇÃO SOCIAL

“CARROCEIRO” PROJECT’S PEDAGOGIC AND DIDACTIC ASPECTS IN PETROLINA CITY: EQUINE’S WELFARE AND SOCIAL CONCERNING.

Luciana Dantas Barbosa¹

Maria Alice Maranhão dos Santos²

Paulo Victor Modesto Batista³

Jusciene Bagagi Moura⁴

Dielson da Silva Vieira⁵

Adriana Gradela⁶

Marcelo Domingues de Faria⁷

Maurício Claudio Horta⁸

Vanessa Martins Fayad Milken⁹

UNIVASF - PE

RESUMO

O presente trabalho objetivou disseminar o conhecimento sobre manejo e bem estar de equídeos de tração junto à classe de carroceiros e aos estudantes das escolas públicas do Município de Petrolina, Estado de Pernambuco. Para tanto, foi elaborada uma cartilha educativa visando promover os conceitos e práticas adequadas junto aos carroceiros, que foram abordados em feiras livres e associações de moradores. Para instruir o público infantil, transformando-o em agente multiplicador das informações, elaborou-se cuidadosamente uma peça teatral, demonstrando ações de maus-tratos e a forma de coibi-las, a qual era encenada junto às escolas públicas. De fevereiro de 2009 a julho de 2010, foram abordados 192 carroceiros através da cartilha, em 7 feiras livres e 3 associações de moradores, obtendo boa aceitação entre os mesmos. No mesmo período, 30 escolas foram visitadas para apresentação da peça teatral, tendo sido estimado um público de aproximadamente 6.244 estudantes. As propostas pedagógicas utilizadas permitiram abranger grande número de carroceiros e estudantes, tendo sido observada uma boa aceitação e interação entre os mesmos.

Palavras-chave: Equídeos. Bem estar. Carroceiros.

ABSTRACT

The project’s work aimed to disseminate knowledge about dealing and draft equine’s welfare, information to the carters and students of public schools in Petrolina City, Pernambuco State, Brazil. For this, it was developed an educational booklet aiming to promote the concepts and appropriate practices for carters. The approaches were performed in free markets and in neighborhood associations. For children, focusing to transform them in information multipliers, it has been written carefully a play demonstrating actions of abusing animals and how to curb them. The play was performed in public schools. From February 2009 to July 2010, 192 carters were approached through the booklet in seven free fairs and three neighborhood associations, getting good acceptance by them. At the same time, the play was performed in thirty schools were, with an estimated of 6.244 targeted students. The used pedagogical proposals allowed a large number of carters and students and it was observed a good acceptance and interaction between them.

Keywords: Equidae. Welfare. Carters.

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE. luciana.dantas22@yahoo.com.br

² Discente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE. alice.medvet@hotmail.com

³ Discente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE. paulo.victor@univasf.edu.br

⁴ Discente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE. juscikoelho@hotmail.com

⁵ Discente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE. grendor17@hotmail.com

⁶ Docente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE. adriana.gradela@univasf.edu.br

⁷ Docente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE. marcelo.faria@univasf.edu.br

⁸ Docente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE. mauricio.horta@univasf.edu.br

⁹ Docente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Paraíba, Campina Grande, PB. vanessafayad@yahoo.com.br

Introdução

No Brasil, os carroceiros representam uma categoria de trabalhadores que compõe o mercado informal, exercendo suas atividades em centros urbanos das diferentes regiões do país. São responsáveis pelo transporte de grande parte do entulho, materiais descartáveis e fretes em geral. Devido à falta de informação sobre manejo e bem-estar de equídeos de tração, esses profissionais mantêm seus animais em condições desfavoráveis à sua produtividade e são sujeitos a jornadas intensas de trabalho e desnutrição, comprometendo sobremaneira a saúde e bem-estar animal (COSTA *et al.*, 2002).

Cita-se como exemplos da precariedade do bem-estar dos animais submetidos à prática dos carroceiros: a redução da expectativa de vida e da diminuição na taxa de crescimento; ocorrência de lesões corporais e doenças; patologias comportamentais e supressão do comportamento normal; alteração do processo fisiológico e do desenvolvimento anatômico. Tais consequências são indicativas de baixa qualidade de vida e de sofrimento para o animal, além de serem indesejáveis para o homem (BROOM *et al.*, 2004).

Estima-se que existam em torno de 300 milhões de animais de tração, utilizados por dois bilhões de pessoas, em cerca de 30 países. Considerando a quantidade de animais envolvidos e o grande número de pessoas que se utilizam dessa atividade como a principal ou única fonte de renda de um grupo familiar, ou ainda como meio de transporte, é imprescindível a discussão de conceitos referentes ao bem estar animal (SOUZA, 2006). O “bem-estar-animal” designa-se uma ciência voltada ao conhecimento e à satisfação das necessidades básicas dos animais mantidos sob o controle do homem. Essa expressão se relaciona com conceitos diversos, além do conceito de necessidades, dentre eles: sofrimento, emoções, dor, ansiedade, liberdade, medo, estresse, controle e saúde (BROOM, 1999).

As ações do Projeto Carroceiro vêm ao encontro destas necessidades, colocando à disposição dos carroceiros informações fornecidas por profissionais qualificados, sendo que seus objetivos consistiram na orientação destes trabalhadores e de estudantes das escolas públicas do Município de Petrolina, Estado de Pernambuco, sobre o correto manejo de equídeos e, desta forma, promover os conceitos de bem estar animal.

Métodos

O presente trabalho foi desenvolvido no Município de Petrolina, Estado de Pernambuco, entre os meses de fevereiro de 2009 a julho de 2010. Como propostas pedagógicas e didáticas, foram apresentados dois eixos de atividade: (i) o primeiro, vinculado a intervenção junto aos carroceiros, em ações que ocorreram nos bairros (com apoio das associação de moradores) e nas feiras do município; e (ii) o segundo consistiu em apresentar uma atividade cênica, de forma lúdica, nas escolas públicas de ensino fundamental, destinada a um público bastante específico: as crianças.

Da orientação aos carroceiros

Os carroceiros estão inseridos em uma situação social desfavorecida, onde o acesso à escola e à informação é precário. Optou-se pela elaboração de material visual, com linguagem simples e acessível, prevalecendo a exploração de imagens referentes às situações reais de maus tratos, fome, sede, uso do chicote de forma exacerbada, entre outras. A partir da apresentação deste material visual, foi realizada a abordagem individual dos carroceiros, com a finalidade de conscientizar e despertar interesse sobre conceitos acerca de manejo e bem estar animal.

Da orientação aos estudantes

Foram abrangidas instituições de ensino da rede pública, envolvendo estudantes do ensino fundamental, utilizando das apresentações teatrais para atingir o público-alvo. A atividade cênica permite a instituição de uma proposta pedagógica que privilegia e expõe situações do cotidiano dessas crianças, uma vez que muitas dessas convivem de perto com os carroceiros e suas atividades. Como exemplo de tal proposta interativa, pode-se citar o próprio título da peça “*O jumento é nosso irmão*”, uma alusão à cultura nordestina, que buscou referenciar a música “*Apologia ao jumento*”, composta por Luiz Gonzaga e José Clementino. Essa canção foi utilizada como recurso didático em alguns momentos da encenação teatral, pois, permitia a aproximação da proposta pedagógica em questão com o dia a dia dos expectadores, auxiliando, assim, na promoção de conceitos em relação ao respeito aos animais.

No final de cada apresentação teatral, foi avaliado o entendimento dos assuntos abordados na peça. Nesse sentido, um questionário foi aplicado em forma de dinâmica de grupo focal, anotando a resposta da maioria do público. As perguntas foram imparciais e repetiam as informações fornecidas durante a apresentação.

Resultados

Em sete feiras livres e três associações de moradores, foi promovida a abordagem individual de 192 carroceiros (QUADRO 1) através de explanação estabelecida com o auxílio da cartilha confeccionada pelos integrantes do projeto, observando boa aceitação entre os mesmos. Trabalho similar a este foi desenvolvido por Marinho *et al.* (2008) também através de distribuições de cartilhas de linguagem fácil, obtendo resultados positivos quanto a orientação aos proprietários sobre como manejar seus cavalos.

A escolha das feiras visitadas foi baseada na tentativa de obter uma amostragem real desses trabalhadores em diferentes bairros. As feiras geram desenvolvimento econômico e social das cidades interioranas, através da circulação de capital pelos vendedores que, após a comercialização de seus produtos, compram em diversos estabelecimentos, tais como supermercados, farmácias, lojas, dentre outros, estando de acordo com as constatações de Rodrigues e Vieira (2006). Aliado a isso, tem-se o número elevado de animais de tração, principalmente na região Nordeste do Brasil, onde se encontram 91,4% do rebanho

asinino e 51,1% do rebanho muar, sendo Petrolina considerada destaque municipal, com 0,9% do efetivo nacional, conforme dados do IBGE (2007).

Quadro 1 – Feiras e associações de moradores visitadas e números de carroceiros abrangidos no Município de Petrolina (PE), de fevereiro de 2009 a julho de 2010 – Petrolina, 2011.

Feiras/Associações de moradores	Número de carroceiros abrangidos
Associação de moradores Fernando Idalino Bezzerra	12
Associação de moradores do Quati	9
Associação de Moradores Vila Rotary	13
Feira do João de Deus	17
Feira da Areia Branca	64
Feira da Cohab Massangano	24
Feira do CEAPE - Centro de Abastecimento de Petrolina	32
Feira do Ouro Preto	17
Feira do São Gonçalo	4
TOTAL	192

Nunes *et al.* (2009) relataram que no Programa de Vigilância de Zoonoses e Manejo de Equídeos do Estado de São Paulo os condutores de veículos de tração animal também recebiam orientações básicas sobre os cuidados com o animal, juntamente com uma cartilha educativa, comprovando ainda mais a importância da criação de um método de proposta pedagógica simples e acessível para esta classe carente de trabalhadores.

Com relação às escolas, foram abrangidas 30 instituições de ensino da rede pública, abrangendo discentes do ensino fundamental. O público estimado foi de 6.244 alunos (média de 209 alunos por apresentação), que demonstraram boa interação durante a execução da peça. A atividade cênica permitiu a instituição de proposta pedagógica que privilegiou a exposição de situações do cotidiano dessas crianças, uma vez que muitas dessas convivem de perto com os carroceiros e suas atividades.

Além disso, a escolha na distribuição das escolas visitadas baseou-se na tentativa de se obter estudantes tanto do meio rural quanto do meio urbano, na tentativa de obter impacto sobre os próprios carroceiros, acreditando que os mesmos estão próximos às crianças de diferentes localidades.

Trabalho similar desenvolvido por Japiassu (1998) afirma que linguagem teatral utilizada com pré-adolescentes de escolas de ensino fundamental da rede pública estadual de São Paulo (SP) obteve dados positivos, confirmando que a linguagem cênica contribuiu na conscientização das novas possibilidades de significação da palavra na prática discursiva.

Após a análise dos questionários realizados no final de cada apresentação teatral, os pontos que não tiveram completa assimilação pelas crianças foram os questionamentos sobre excesso de peso, carga horária diária de trabalho e criação de equídeos soltos nas ruas. Percebeu-se que, para a maioria das crianças, as informações passadas não condiziam com as informações vivenciadas por elas no seu cotidiano.

Sabe-se que a educação e a mudança no comportamento dos carroceiros não serão conseguidas numa única abordagem, mas são objetivos que devem ser alcançados em longo prazo. O mesmo acontece com a ação lúdica realizada com as crianças. Porém, a partir desses primeiros contatos, o público-alvo obtém conhecimentos por intermédio de propostas pedagógicas adaptadas a sua classe social.

Somado a isso, futuras ações poderão ser desenvolvidas para a perpetuação do conhecimento sobre manejo e bem estar de equídeos de tração. Tais fatos contribuem com a saída dos mesmos da margem da sociedade, bem como seu incentivo a agir como profissionais dignamente tratados e que, por sua vez, respeitam os direitos dos animais e proporcionam vida digna aos animais de tração.

Conclusões

O Projeto Carroceiro, com distribuições de cartilhas e exposições teatrais nas escolas públicas, estimula uma visão da realidade da situação em que se encontram os carroceiros e os seus animais. Diante dos resultados apresentados, é possível observar que a orientação dos carroceiros e estudantes das escolas públicas do Município de Petrolina, Estado de Pernambuco, foi promovida de forma satisfatória, uma vez que as propostas pedagógicas utilizadas permitiram abranger grande número de carroceiros e estudantes, observando boa aceitação e interação entre os mesmos.



REFERÊNCIAS

- BROOM, D. Animal Welfare: the concept and the issues. In: Attitudes to Animals: Views in Animal Welfare. Ed. F. L. Dolins, Cambridge University Press, p. 129-142, 1999.
- BROOM, D.M.; MOLENTO, C.F.M. Bem-estar animal: conceitos e questões relacionadas – revisão. Archives of Veterinary Science. Curitiba, v. 9, n. 2, p.1-11, 2004.
- COSTA, M.C.; REICHMANN, P.; PRADO, J.P.; MORAES, F.L.Z.; ISERNHAGEN, A.J. Caracterização da casuística do atendimento médico veterinário de animais utilizados para tração urbana na região de Londrina - PR. IN: XXIX Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária (CONBRAVET), 2002, Gramado – RS. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária (CONBRAVET), p. 365, 2002.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas. Coordenação de agropecuária. Pesquisa da pecuária municipal 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ppm/2007/comentarios.pdf>. Acessado em Dezembro de 2009.
- JAPIASSU, R. O. V. Jogos Teatrais Na Escola Pública. Revista da faculdade de educação [usp], São Paulo, v. 24, n. 2, p. 81-97, 1998.
- MARINHO, A. P.; NEVES, T. B.; SOUZA, H. C. S.; CORDEIRO, Y. G.; BONACIM, J. E.; JACON, A. P.; PAULA, A. J. F.; DECONTO, I.; BIONDO, A. W.; DORNBUSCH, P. T.; FILHO, I. B. Interação universidade, município e carroceiros coletores de material reciclável na região metropolitana de Curitiba, 2008. 27º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul. Anais do 27º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, 2008. Disponível em: http://www.zoonoses.agrarias.ufpr.br/outraspubl/carroceiros_seurs_2009_oficina.pdf. Acessado em Janeiro de 2010.
- NUNES VFP, D'AGOSTINO RG, SCARPELLI KC, VIEIRA AML, GOMES LH. Programa de Vigilância de Zoonoses e Manejo de Equídeos do Estado de São Paulo. Módulo VI: Educação e participação social. BEPA [boletim na internet]. 2009 fev [acesso em: 7 dez 2009];5(62). Disponível em: http://www.cve.saude.sp.gov.br/agencia/bepa62_equideos.htm. Acessado em Janeiro de 2010.
- RODRIGUES, F.; VIEIRA, R. A Feira Livre de Taperoá - PB: Cultura e Resistência. In: Seminário Luso-brasileiro-Caboverdiano, 2006, João Pessoa. Anais do Seminário Luso-brasileiro-Caboverdiano, 2006. João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2006.
- SOUZA, M. F. A. Implicações para o bem-estar para equinos utilizados para tração de veículos. Revista Brasileira de Direito Animal, Salvador, v. 1, n. 1, p. 51-52, 2006.



REVISTA *Conexão* UEPG

Novembro/2011

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

REGULAMENTO, NORMAS E SUBMISSÃO DE ARTIGOS
<http://www.uepg.br/revistaconexao/>

CONTATO
+55(**42)3222-7348
revistaconexao@uepg.br

ENDEREÇO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais
Divisão de Extensão Universitária
Praça Marechal Floriano Peixoto, 129 - Centro
Ponta Grossa - PR - Brasil
CEP: 84010-680



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

CAIXA